



Faculdade de Letras

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA

Que língua se fala em “São Tomé?”
Crioulo? Português? Ou “o falar santomense”?

Cristina Amado

ESPECIALIDADE: METODOLOGIA DO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA
SEGUNDA/ESTRANGEIRA

2006

ÍNDICE

Prefácio	7
Preface	8
Avant-Propos	10
Introdução	11

CAPÍTULO I 16

PREOCUPAÇÕES TIDAS COM A LÍNGUA PORTUGUESA EM ÁFRICA APÓS A INDEPENDÊNCIA

1.1. O efeito da adopção do português como língua oficial em S.Tomé.	19
1.2. O papel da língua materna do ponto de vista de alguns autores.	21
1.3. O comportamento dos pais que só falavam o crioulo.	24
1.4. O convívio entre o falar santomense, o crioulo forro e o português.	25
1.5. O falar santomense é uma interlíngua?	26
1.6. Que lugar se encontra inserido o falar santomense.	29

CAPÍTULO II 32

COMUNICAÇÃO ORAL, GRAMÁTICA E SEMÂNTICA 32

2.1. A interpretação real do sentido.	32
2.2. A interpretação e a compreensão.	36
2.3. Teoria sobre a gramática.	37
2.4. As variações e os registos linguísticos.	39
2.5. A lógica da linguagem e a lógica da gramática.	45
2.6. Como poderá uma gramática contrastiva contribuir para o falar santomense?	50
2.6.1. Relação entre a lógica do falar santomense e a teoria hermenêutica.	51
2.6.2. Que futuro para os universais linguístico e para o português.	56
2.7. O pensamento em crioulo e o pensamento em português.	57
2.8. Influência por indução vocabular em frases feitas no falar santomense.	59

**EXPRESSÕES PRÓXIMAS DO PORTUGUES E DO CRIOULO NUMA
SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO. FRASES NO FALAR SANTOMENSE E SUAS
CORRESPONDÊNCIAS DO PADRÃO. SUA IDENTIFICAÇÃO E
COMENTÁRIOS. O PAPEL DO PROFESSOR.**

3.1. Frases interrogativas.	62
3.1.1. Identificação.	62
3.1.2. Comentários.	63
3.2. Frases declarativas.	68
3.2.1. Frases declarativas afirmativas.	68
3.2.1.1. Identificação.	68
3.2.1.2. Comentários.	72
3.2.2. Frases declarativas negativas.	87
3.2.2.1. Identificação.	87
3.2.2.2. Comentários.	88
3.3. Frases exclamativas. Exclamativas negativas.	89
3.3.1. Identificação.	89
3.3.2. Comentários.	90
3.4. Frases imperativas. Imperativas negativas.	92
3.4.1. Identificação.	92
3.4.2. Comentários.	92

CAPÍTULO IV**COMUNICAÇÃO ESCRITA**

4.1. Identificação e análise de problemas gramaticais nas composições feitas pelos alunos da terceira classe do Ensino Básico da Escola Primária D. Maria de Jesus – Cidade Capital.	94
4.1.1. Composição nº 1.	94
4.1.1.1. Identificação.	94
4.1.1.2. Análise.	95

4.1.2. Composição nº 2.	96
4.1.2.1. Identificação.	96
4.1.2.2. Análise.	97
4.1.3. Composição nº 3.	99
4.1.3.1. Identificação.	99
4.1.3.2. Análise.	100
4.1.4. Composição nº 4.	101
4.1.4.1. Identificação.	101
4.1.4.2. Análise.	102

4.2. Identificação e análise de problemas gramaticais em composições feitas pelos alunos da quarta classe do Ensino Básico da Escola Primária D. Maria De Jesus – Cidade Capital.	103
4.2.1. Composição nº1.	103
4.2.1.1. Identificação.	103
4.2.1.2. Análise.	104
4.2.2. Composição nº2.	105
4.2.2.1. Identificação.	105
4.2.2.2. Análise.	106
4.2.3. Composição nº3.	108
4.2.3.1. Identificação.	108
4.2.3.2. Análise.	109

CAPÍTULO V

SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO E GRAMÁTICA COMUNICATIVA

5.1. Que pedagogia se deve adoptar no ensino em S.Tomé e Príncipe?	110
5.2. Como se processou a tradução?	113
5.3. O efeito dessa tradução.	114
5.4. O papel da escola e a contribuição do professor no apoio aos alunos.	116
5.5. Implicações metodológicas.	118
5.6. Identificação dos vocábulos que entram na gramática comunicativa dos	

santomenses. Explicação com base nos quadros. Relação com a norma.	122
5.7. Explicação dos vocábulos que constam nos quadros do capítulo III, segundo a alteração fonética e estrutural que sofrem.	127
5.7.1. Introdução explicativa.	127
5.7.2. Glossário.	127
 CAPÍTULO VI	 133
 1. CONCLUSÕES	 133
 2. SUGESTÕES	 136
 ANEXO	 139
 BIBLIOGRAFIA	 147

PREFÁCIO

O presente trabalho visa dar uma panorâmica geral das principais tendências do acto comunicativo dos santomenses face ao património linguístico em S.Tomé – S.Tomé E Príncipe. Não se debruça basicamente sobre a relevância do crioulo, ou português em qualquer campo de estudo particular; apesar de serem a fonte de abordagem, sobretudo em relação à utilização da língua. Não se trata também de definir seja que língua é do uso dos santomenses, nem se quer afirmar ao leitor que seja o crioulo que se fala em S.Tomé, ou que seja português, ou que se trata de um falar meramente o “falar santomense”. Trata-se sim, de um trabalho que juntos podemos sentir, questionar e tentar responder algo com respeito a questão. Este trabalho sobre língua em S.Tomé procura dar uma resposta a uma série de questões em volta da miscigenação linguística no país. Pretende levar a todos os leitores a discernir que já se pode ousar dar um nome ao problema de creolização e descrioulização que foi referido no Congresso Internacional sobre português e no Congresso sobre a situação actual do português no mundo.

O crioulo do Príncipe pelo facto da escassez de informações não foi contemplado.

Este trabalho inclui uma série de expressões que é de uso exclusivo em S.Tomé, a fim de dar ao leitor uma visão geral do que se passa com a língua portuguesa no país. Espera-se que o glossário possa ajudar a esclarecer as terminologias das expressões apresentadas.

Agradecimentos

Ao coordenador, professores, alunos e jornalista:

Pretendo expressar os meus agradecimentos ao Prof. Dr. Malaca Casteleiro, meu orientador, por ter aberto o meu espírito, além de ter recebido o seu incondicional apoio enquanto escrevia este trabalho; espero ter correspondido as suas expectativas. Gostaria igualmente de manifestar o meu apreço aos professores: Dr.^a Maria J. Grosso, Dr. Fernando Cristóvão pela forma como me ajudaram, a esclarecer as minhas infindáveis dúvidas durante as aulas de seminários. Estou também grata aos meus alunos do ano propedêutico do ISP, Instituto Superior Politécnico de S Tomé e Príncipe de 2002, pelos trabalhos realizados em circunstâncias bastante difíceis. Os agradecimentos são também extensivos às professoras Lucília Pinho e Madalena Dias respectivamente, da escola Básica D. Maria de Jesus que tiveram a gentileza de me fornecer trabalhos feitos por seus alunos, assim como ao jornalista, Silvério Amorim que me forneceu uma cassete gravada com “o falar santomense”, para que constituíssem de fontes do meu trabalho de investigação.

À Instituição:

Agradecimento a The African Capacity Building Foundation, através do Projecto de Reforço das Capacidades para a Redução da Pobreza de S. Tomé e Príncipe (PRECASP), pelo apoio prestado para que eu pudesse realizar a investigação um pouco mais confortável.

Aos familiares:

Adelino Castelo David, meu marido, pelo prestimoso e incansável apoio que me dispensou desde o início da abordagem desta preocupação - ainda sem uma ideia formulada inicialmente - até ao momento de me ausentar do lar para a concretização deste trabalho.

Aos meus filhos, Adler e Aldair Castelo David, pelo carinho e compreensão que demonstraram ter pela minha ausência.

Às pessoas:

À Dra. Rut Leal e ao Dr. Frederico dos Anjos pelo encorajamento.

Agradeço também, de um modo geral, a todos aqueles que, através das suas sugestões, dúvidas e críticas, me ajudaram a tornar mais completa e clara a informação presente neste trabalho.

Bem-haja.

PREFACE

This paper aims to give an overview of the main trends of the communicative act of the saotomeens relative to the linguistic heritage in Sao Tome - São Tomé and Príncipe.

Not basically focuses on the relevance of Creole or Portuguese in any particular field of study; despite being the source of approach, especially regarding the use of language.

Nor is it to define what language is the use of STP, even if the reader wants to assert that it is the Creole spoken in São Tomé, or who is Portuguese, or that it is a talking merely "talk santomense".

It is rather, a work that together we can feel, question and try to answer something about the issue. This work on language in São Tomé seeks to give a response to a series of questions around the linguistic miscegenation in the country.

Aims to lead all readers to discern who may already dare to name the problem of the creolization or descreoulização which was referred to the International Congress on Portuguese and Congress on the current situation of the Portuguese in the world.

The Creole of the Principe was not included in this these because of the scarcity of information.

This these includes a series of expressions that is used exclusively in São Tomé, in order to give the reader an overview of what is happening with the Portuguese language in the country. It is hoped that the glossary may help clarify the terminology of the expressions presented.

Thanks

The supervisor, teachers, students and journalists:

I intend to express my thanks to Prof. Dr. Malaca Casteleiro, my supervisor, for opening my mind, besides having received your unconditional support while writing this work; I hope to have matched their expectations. I would also like to express my appreciation to the teachers: Dr. Maria J. Grosso, Dr. Fernando Cristóvão by the way helped me to clarify my endless questions during class seminars. I am also grateful to my students of the foundation year (2002) of Polytechnic Institute of S Tome and Principe (ISP) for its work in very difficult circumstances. Thanks are also extended to teachers Lucília Pine and Madalena Dias respectively, School of Basic D. Maria de Jesus, who were kind enough to provide me with work done by his students, as well as the journalist, Silverio Amorim that

gave me a tape recorded with "the saotomeen speaking ", that constitute sources on my research work.

At Institution:

Thanks to The African Capacity Building Foundation (ACBF), through the Project Capacity Building for Poverty Reduction in Sao Tome and Principe (PRECASP), for their support so that I could carry out the investigation a little more comfortable.

The family:

Adelino Castelo David, my husband, for the valuable and tireless support that he gave me from the beginning of addressing this concern - even without a initial formulated idea - until to go away from home for the realization of this work ..

To my children, Adler and Aldair Castelo Davis, the affection and understanding which have demonstrated for my absence.

People:

To Dr. Rut Leal and Dr. Frederico dos Anjos by the encouragement.

Thanks also, in general, to all those who, through their suggestions, questions and criticisms helped make me more complete and clear information present in this these.

AVANT-PROPOS

Ce travail vise à donner un aperçu général des principales tendances de l'acte de communication des santoméens vis à vie le patrimoine linguistique à Sao Tomé - São Tomé et Príncipe. On ne concentre pas essentiellement sur la pertinence du créole ou portugais dans un domaine particulier de l'étude; en dépit d'être la source de l'approche, en particulier en ce qui concerne l'utilisation de la langue.

Il n'est pas aussi de définir qui est la langue d'utilisation par les santoméens, ou même pas affirmer au lecteur qui est le créole qui on parle à São Tomé, ou qui est le portugais, ou qu'il est un parler simplement « parler santoméen ».

C'est plutôt un travail qui, ensemble, nous pouvons sentir, questionner et essayer de répondre quelque chose sur la question.

Ce travail sur la langue à São Tomé cherche à donner une réponse à une série de questions dans le métissage linguistique dans le pays. Il vise à amener à tous les lecteurs à discerner qui peuvent déjà oser nommer le problème de la créolisation decreolization qui a été cité au Congrès international sur le portugais et le Congrès sur la situation actuelle des Portugais dans le monde.

Le créole de la Région Autonome de Príncipe, en raison de la rareté de l'information, n'a pas été inclus dans ce travail.

Ce travail comprend une série d'expressions qui sont utilisées exclusivement à São Tomé, afin de donner au lecteur un aperçu général de ce qui se passe avec la langue portugaise dans le pays. Il est à espérer que le glossaire peut aider à clarifier la terminologie des expressions présentées.

Remerciements

Les superviseurs, les enseignants, les étudiants et les journalistes:

Je veux exprimer mes remerciements au professeur Dr Malacca Casteleiro, mon superviseur, pour l'ouverture de mon esprit, en plus d'avoir reçu leur soutien inconditionnel en écrivant ce travail; J'espère avoir correspondu leurs attentes. Je tiens également à exprimer ma gratitude aux enseignants: Dr Maria J. Grosso, Dr Fernando Cristóvão par la manière m'ont permis de clarifier mes questions sans fin, lors de séminaires de classe. Je

suis également reconnaissant à mes élèves de l'année initiale 2002 de l'Institut Polytechnique de S Tomé et Príncipe, pour leurs travaux réalisés dans les circonstances très difficiles. Merci également aux enseignants Lucília Pinho et Madalena Dias respectivement, de l'école de base D. Maria de Jesus, qui ont eu la gentillesse de me fournir des travaux réalisés par ses élèves, ainsi que le journaliste, Silvério Amorim qui m'a fourni une cassette enregistrée avec "le parler santoméen ", qui constituent les sources de mon travail de recherche.

À l'institution:

Merci à L'African Capacity Building Foundation (ACBF), à travers du projet du renforcement des capacités pour la réduction de la pauvreté à Sao Tomé-et-Príncipe (PRECASP), pour leur soutien afin que je puisse mener le recherche un peu plus confortable

À la famille:

Adelino Castelo David, mon mari, pour le soutien précieux et constant, qu'il m'a donné dès le début de répondre à cette préoccupation - même sans une idée initialement formulée – jusqu'au moment que je suis absenté chez moi pour la réalisation de ce travail.

Pour mes enfants, Adler et Aldair Castelo David, pour l'affection et la compréhension qu'ils ont démontré pour mon absence.

Les gents:

Dra. Ruth Leal e Dr. Frederico dos Anjos pour le encouragement.

Merci aussi, en général, à tous ce qui, avec leur sujestion, doutes et critiques, m'a aidé à devenir plus complète et plus claire l'information présente dans ce travail

INTRODUÇÃO

Ao interrogar que língua se fala em S.Tomé, é óbvio que não se pretende questionar sobre a língua oficial, ou o crioulo. Pretende-se pois, salientar a prática do uso incorrecto do crioulo ou da língua oficial que os santomenses fazem dentro dum contexto de comunicação oral. Muitos Linguistas como Pit Corder 1983, Ellis 1994, Ringbom 1985 fizeram muitas citações sobre as frases com interferências de línguas maternas, fazendo ressaltar o apoio da interlíngua nestas circunstâncias. Este trabalho também se apoia sobre essas teorias para encontrar respostas aos problemas que são apresentados nos quadros do capítulo III. Ao longo deste trabalho tenta-se definir a prática do uso do português em S.Tomé, baseando sobretudo e em particular pelo que foi dito por esses linguistas acima citados. Mas antes de lá chegarmos formula-se uma questão: o que está ocorrendo com a comunicação oral dos santomenses que nos leva a escutar frases como as que constam nos quadros acima referidos? É obvio que urge uma justificação completa e definida para a resolução dessa questão.

Este trabalho começou por se debruçar em questões relacionadas com a oralidade praticada pelos falantes santomenses, mas, tornou-se extensivo a algumas práticas escritas, tomando como exemplo os trabalhos do ensino primário da cidade capital.

Esta tese contém sete capítulos, sendo o capítulo I dedicado às teorias que nos levam a ver a trajectória pelo que passou o português e o crioulo até ao “falar santomense”. O capítulo II debruça-se sobre a questão de comunicação oral, gramática e semântica. O capítulo III responde essencialmente ao desenvolvimento do trabalho nomeadamente, as expressões em si, o seu uso prático, no oral e os seus respectivos comentários. O capítulo IV apresenta a comunicação escrita seguida da análise. O capítulo V, refere as situações de comunicação e o papel da gramática. E por fim, o capítulo VI as conclusões seguida de sugestões, o anexo e a bibliografia. Todos esses capítulos, a sua maneira tentam dar algumas referências no que se aduz ter originado a miscigenação do crioulo e do português em S.Tomé.

O trabalho concentra a sua maior atenção à questão de comunicação oral, ou seja, na oralidade, muito mais do que na escrita. Apesar de apresentar muitos exemplos de

expressões orais que é de uso em S.Tomé, apresenta algumas composições feitas pelos alunos do ensino primário (uns foram analisados dentro do contexto deste trabalho e outros figuram como anexo do trabalho), onde tenta com isto mostrar a velha e conhecida frase que passo a citar: “tal como se fala é que se escreve”.

Nessa conjuntura, a questão que se poderá colocar é: como poderá qualquer santomense passar o maior tempo do seu convívio, comunicando num falar característico dos santomenses, que passarei a designar ao longo do trabalho de o “falar santomense”, com as suas específicas interferências de permeabilidade tanto do português como do crioulo e conseguir redigir uma escrita igual à norma? Poderá haver excepções. Outra questão seria, que tipo de interferências estará sujeita “o falar santomense”?

Desde 1985 que sou professora de português e que convivo com a insatisfação dos aprendentes com respeito à aprendizagem do português. Não compreendia porque faziam eles as seguintes afirmações: “Português é muito difícil.” Ou simplesmente “Não gostavam.” E, não sabiam explicar o que é que não gostavam na língua. Também escutava afirmação mais corajosa como: português é fácil não é preciso estudar; outra: nós falamos português. A sensação que tive é que para alguns a língua portuguesa simplesmente aborrecia e para outros, preferiam ignorá-la. E como consequência disto e mais factos provavelmente, chegamos a ter falta de professores de português durante muitos anos.

Fazer o problema dos meus alunos como o meu problema foi o remédio santo para conseguir alguns êxitos ao longo do ano lectivo. Não posso deixar de alertar que foi um trabalho isolado e de pouca propulsão. E também não foi meramente, como a bendita e histórica frase dita por muitos metodólogos «o ensino deve centrar-se nos aprendentes». Esta expressão adapta-se a qualquer situação que implica o ensino aprendizagem. Para o ensino da língua portuguesa em STP, S. Tomé e Príncipe, passa por esta afirmação e mais factores de relacionamento entre o crioulo e o português. Eu acrescentaria, o problema sociolinguístico na medida em que, os peculiares factores da miscigenação que existe no país, hoje constitui um obstáculo para que os falantes possam dialogar correctamente tanto em crioulo como em português.

Antes de ter lido alguns autores conceituados fui pensando em como fazer para poder contribuir para libertar os aprendentes das dificuldades que sentem na aprendizagem do Português. Mandava-os observar a relação que existia entre o falar santomense, o crioulo e a língua portuguesa. Mandava – os observar alterações semânticas, lexicais e morfo-sintácticas. Para satisfação minha, os aprendentes conseguiam separar a estrutura do crioulo e do Português. Esta sugestão já tinha sido posta por Cabral 1974.

Não tendo encontrado nenhuma monografia que falasse directamente sobre a miscigenação linguística de S. Tomé, ou seja, que a colocasse num contexto específico com relação a língua portuguesa, dificultou de certa forma este trabalho porque já não basta ficarmos em que a língua portuguesa e o crioulo em S.Tomé e Príncipe contêm a miscigenação. O tempo urge para que expliquemos como ocorreu a miscigenação, porquê, e quando. O produto desta miscigenação seja, (de composição, de derivação, de contracção ou de supressão ou de tradução), merece de igual modo uma explicação para que possa ir de encontro a sua verdadeira morfologia e semântica.

Ouvíamos sempre a frase: “ Português é língua oficial dos santomenses”. Ora isto não nos apresenta a cerne da questão que acarreta qualquer língua, na medida em que já sabemos que o povo é que faz a língua. Em S.Tomé e Príncipe, qual é a realidade? Simplesmente que é a língua oficial e que convive com muitas outras línguas vivas! E o efeito desta convivência?

Atrevo-me a opinar que, após a independência, todos os santomenses (o forro, o angolar, o cabo-verdiano, o tonga e o moncó), passaram a falar o Português. Desenvolvi em separado uma “Interlíngua” onde aplicavam o «transfer» referido por Corder 1983. Esta prática é demonstrada ao longo deste trabalho no capítulo III.

Pelo facto de ter estado muito preocupada com o problema da miscigenação linguística no país, reflecti em como fazer algo para o ensino aprendizagem de língua portuguesa em S.Tomé e Príncipe. Esta ideia surgiu derivada por uma série de desgostos sofridos (como professora), pelos resultados negativos que os aprendentes obtinham nos finais dos semestres, e de como contribuir para que pudesse reverter essa mesma situação.

O trabalho foi feito apoiado pela vivência de cada um no país. Os diálogos espontâneos foram recolhidos directamente pelos alunos do ano propedêutico do (ISP) Instituto Superior Politécnico de STP do ano lectivo de 2001 e as composições escritas, foram realizadas com os alunos da terceira e quarta classes do ensino primário de D. Maria de Jesus cidade capital como acima foi referido.

.

Todos temos a consciência do falar que se pratica em S.Tomé. É chegado o momento de algo fazermos em prol desta situação. Este trabalho está ávido pela ajuda de todos os santomenses e pessoas interessadas. Pretende uma abertura cujo objectivo é constituir um lugar de diálogo fecundo, que verdadeiramente institua entre professores de língua portuguesa e não só, a consciência da necessidade de colaboração eficaz e desenvolvida, cabendo a cada um, uma quota parte, da responsabilidade para o sucesso dos aprendentes.

Quero convidar-vos a reflectir sobre o problema da língua e da comunicação em S.Tomé e Príncipe, reflexão essa, que reputo ser condição sine qua non para uma prática consciente e esclarecida do ensino aprendizagem da língua portuguesa em nosso país. OBRIGADA!

CAPÍTULO I

PREOCUPAÇÕES TIDAS COM A LÍNGUA PORTUGUESA EM ÁFRICA APÓS A INDEPENDÊNCIA

Segundo (Crystal,1987) ⁽¹⁾, os linguistas actuam pelo menos em 15 campos interdisciplinares: Linguística antropológica, Linguística aplicada, Biolinguística, Linguística clínica, linguística computacional, Linguística educacional, Etnolinguística, Geolinguística, Linguística matemática, Neurolinguística, Linguística filosófica, Psicolinguística, Sociolinguística, Linguística estatística e Teolinguística. Além dessas áreas mencionadas por Crystal, o linguista antropólogo americano, William Bright ⁽²⁾ incluiu também Literatura e Linguística, Terminologia, Discurso e Texto. Portanto, pode-se dizer que, desde 1987, a sociolinguística já figurava como um dos campos linguísticos a considerar no problema da miscigenação linguística.

Após 25 de Abril, ainda no período de descolonização, Coelho ⁽³⁾ mandou a meia dúzia de intelectuais, familiarizados com a problemática literária das ex – colónias portuguesas a seguinte pergunta: «Qual, no seu entender, o futuro do português como língua literária?». Considerando a pertinência da questão posta por Coelho, a sensibilidade ideológica com relação a questão não foi coincidente. Uns encararam o problema do ponto de vista linguístico ou literário e outros do ponto de vista sociocultural. Falaram da experiência colhida no terreno não obstante os dados ainda não estarem suficientemente sustentados.

Portanto, era difícil uma previsão directa sobre questão tão complexa. Esta complexidade residia na natureza de dois países como, Cabo-Verde e S. Tomé e Príncipe, e de outros três Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. Na altura a questão que se punha era: “Que estatuto real iria colher a língua portuguesa nessa espessa rede linguística?” Esta preocupação posta após a independência é a mesma para a actualidade. Recorde-se que S. Tomé e Príncipe ⁽⁴⁾, convive intrinsecamente com línguas diferentes ⁽⁵⁾, embora a mistura lexical se concentre no crioulo forro ⁽⁶⁾. Portanto já era preocupação desde a independência de se saber como

¹ David Crystal. Cambridge Encyclopedia of language. Cambridge University Press. 1987. P. 412.

² William Bright. Publicada pela Oxford University Press. 4º Volume.1991.

³ Jacinto de Prado Coelho. Colóquio Letras, Nº 2. Lisboa Setembro de 1974. P. 5/16.

⁴ Ao longo do trabalho poderá ser referido como: S.T. ou S. T. P.

⁵ Fernanda Pontífice. Relatório Do Desenvolvimento Humano em S.Tomé e Príncipe. 1998. P.59.

⁶ Crioulo forro – nome dado ao crioulo de base portuguesa em S. Tomé.

iria funcionar a língua portuguesa nessa miscigenada rede linguística, se seria isoladamente ou em simultâneo com as línguas consideradas maternas. Actualmente, além das línguas já mencionadas, pode estar exposto no futuro, a interferências de outras mais línguas ⁽⁷⁾.

A língua portuguesa era para a generalidade das populações libertadas a língua do colono, a língua estrangeira, o meio de comunicação não inteiramente afeiçoado à expressão clara do pensamento africano. Daí que, logo após a independência nacional os quatro partidos da revolução – “o MPLA, a FRELIMO, o PAIGC, e o MLSTP deliberaram tornar” a língua portuguesa em língua oficial. Houve naturalmente, os que estavam contra e os que estavam a favor, estes últimos apoiavam em frases: «o colonialismo não tem só coisas que não prestam» ⁽⁸⁾.

Antes da independência ainda em época colonial, sempre existiram famílias santomenses que se recusavam a falar a língua portuguesa, talvez como forma de se manifestarem contra o sistema colonial. O mesmo passava com outras línguas mencionadas por (Pontífice, 1998). Com o passar do tempo, com o acesso à escola penso que não ocorria de imediato esta inaceitabilidade. Deu – se talvez de forma indutiva a permeabilidade entre as línguas nomeadamente, entre o crioulo e o português. Esta permeabilidade entre as línguas originou o falar que hoje se pratica no país. “O falar santomense” ⁽⁹⁾ que é o ponto fulcral deste trabalho, se considerarmos a sua origem e a sua história. Seguimos assim o pensamento de (Coseriu, 1978), segundo o qual se devia considerar a linguagem no seu campo histórico.

Os quatro partidos da revolução estavam preocupados em solucionar uma questão que se impunha como prioritária. «Temos que ter um sentido real da nossa cultura. Português (língua) é uma das melhores coisas que os “tugas” nos deixaram, porque a língua não é prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros; um meio para falar, para exprimir realidades da vida e do mundo» ⁽¹⁰⁾. Eles concentraram as suas energias nessa teoria. Foi tão bem assumida que o português ficou de facto como língua oficial dos cinco países africanos, outrora colónias portuguesas.

⁷ Por exemplo a língua da Nigéria.

⁸ Amílcar Cabral. Textos políticos. Lisboa, Fundo de Apoio aos organismos Jovens, Secretaria de Estado e Acção Social, MEIC, 1976. P26.

⁹ Será referido desta forma ao longo do trabalho. Pois representa o português em S.Tomé.

¹⁰ Amílcar Cabral. Ibidem.

Concordo plenamente com a frase acima citada. Mas, o crioulo “forro” tanto como o português faz parte da nossa cultura. O crioulo forro teve uma força cultural tão forte no passado, como a que teve a língua oficial, na medida em que, pela sua história o crioulo surgiu da necessidade de comunicar como sucede com qualquer língua. Com a dialéctica dos tempos muitos santomenses, concretamente ainda no período colonial, não sabiam falar o crioulo forro, devido a diferentes imposições feitas na era colonial. Com o problema da alfabetização (pouco acesso às escolas), muitos santomenses não sabiam o português. Por isso a afirmação que acima fiz: as duas línguas eram culturalmente fortes. Provavelmente a pergunta que atrás foi feita por Coelho tenha sido derivada da incerteza da pujança das duas línguas convivendo juntas. Vários anos passaram – se após a deliberação dos quatro partidos, a língua portuguesa enfrenta outro tipo de problema. Creio que o problema de hoje é o reflexo da decisão tomado no passado pelos quatros partidos ⁽¹¹⁾.

Não questiono, nem discordo com a decisão tomada para a primazia da língua portuguesa em África. Simplesmente, a decisão que era emergente na altura, resolveu o problema do passado e trouxe um outro para a actualidade. O novo problema surge pelo facto de não terem sido tomadas as medidas de prevenção com relação ao impacto do estatuto das línguas. O convívio que existia entre as duas línguas, o português e forro, não devia ter sido subestimado. Agora, sobreviveram juntas ora expandindo ora restringindo, tal como fizeram anuência de formas diferentes, Pontífice 1998 ⁽¹²⁾ e Mata 2001 ⁽¹³⁾.

Após vários estudos a volta do bilinguismo, bilinguismo substractivo, onde poderíamos encontrar várias classificações em diferentes falantes de uma mesma língua e do mesmo país, ou seja, em S.Tomé podemos encontrar falantes de língua materna, o crioulo, uns com nível basilectal, outros mesolectal ou acrolectal, como também podemos encontrar a mesma realidade em relação ao português. Retomando o que foi dito no Congresso de 1983: o bilinguismo africano não foi questão que ocupou os escritores africanos no I Colóquio Internacional dos Escritores e Artistas Negros, que se realizou em 19/ 22 de Setembro de 1956, em Paris; Também não foi o problema dominante do II Congresso dos

¹¹ MLSTP; MPLA; PAIGC; FRELIMO.

¹² Fernanda Pontífice. Relatório do Desenvolvimento Humano em S. Tomé e Príncipe. 1998. P.59.

¹³ Inocência Mata. Colóquio Internacional das Línguas Nacionais de S. Tomé e Príncipe. Editora MEC. 2001. P.81.

Escritores e Artistas Negros, realizado de 26 de Março a 1 de Abril de 1959, em Roma, como vem na acta. Porém na Conferência da UNSECO de 1961 foi colocada a questão do papel da língua materna no ensino, com o propósito que a criança fosse escolarizada na sua língua materna. Talvez se fosse dado a conhecer às crianças o comportamento do crioulo, hoje não teríamos este problema da miscigenação e provavelmente este trabalho não teria vez (¹⁴).

O quadro sociolinguístico dos países africanos da ex. Colónia portuguesa reflecte a opção governamental tomada na altura em que os cinco (¹⁵) países privilegiaram a língua portuguesa como oficial e as línguas maternas consideradas como o meio de expressão originária da cultura africana, meio de comunicação fundamental para as populações. O sistema teórico foi muito bem montado que os países bilingues ou plurilingues têm como língua comum, a língua portuguesa, que tem até hoje o estatuto de língua oficial, a única escolarizada, nesses países.

1.1. O efeito da adopção do português como língua oficial em S.Tomé e príncipe

S.Tomé e Príncipe país insular com a peculiar história de ter servido de entreposto de escravos. Esta atividade resultou com a riqueza linguista que hoje possui. Convive actualmente com esta riqueza linguística de forma diferente da época colonial. Na época colonial pondo o enfoque na competência sociolinguística do indivíduo, podia-se reconhecer marcadores linguísticos de por exemplo: classe social; origem regional; origem nacional; grupo étnico; e grupo profissional QECR 2001 (¹⁶).

Após a independência, o partido único que vigorava na altura, MLSTP, decretou que todos designados de forro, angolar, tonga, cabo-verdiano, moncó, seriam tratados e considerados santomenses. Pretendia-se na altura pôr fim ou destruir a arma utilizada pelos colonizadores “desunir para reinar”. Ou seja, separação por grupos, dentro dum mesmo país. Esta medida ajudou a relação entre pessoas, pode-se dizer que foi dado um grande passo. Mas, com relação à língua, acho que foi um passo miúdo, porque todos falavam ou português ou forro mas nem todos tinham o mesmo nível de aquisição nessas línguas. O

¹⁴ Actas Volume II. Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no mundo. Lisboa, 1983.

¹⁵ S.Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-bissau.

¹⁶ Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas; Aprendizagem Ensino Avaliação. Edições ASA. 2001. P. 172.

mesmo se passou quanto a cultura e tradições. As suas línguas maternas e a oficial colocavam-lhes o mesmo grau de dificuldades que hoje enfrentam. A língua materna não podia fazer muito quanto ao desenvolvimento e o interesse do aprendente, embora cumprisse com a parte moral, sentimental e cultural. A língua portuguesa desempenhava o seu papel mais não podia substituir a parte moral e sentimental, pois esta cabia à língua materna. Nem mesmo a parte cultural que tinha sido imposta desaparecera com a independência. Todos passaram a usar a língua de forma arbitrária com os meios que tinham ao seu alcance para se comunicarem. Penso que o processo de pidginização linguística dos tempos idos ocorreu de novo em S.Tomé, num estado já mais elevado da linguagem, semelhante ao que referiu Mata 2001 no colóquio Internacional em S.Tomé e Príncipe quando referiu à expansão do forro nas zonas urbanas e rurais e a expansão do português nos mesmos locais. A alternativa fora fazer miscigenação do que pairava no ar, ou seja, recorrer a ajuda das duas línguas que em muito tinham a ver com as suas vidas, o crioulo e o português.

Não se pode matar a aquisição de qualquer língua só com decretos. A língua portuguesa passou a ser efectivamente a língua falada por todos, a língua oficial. Outras línguas que pertenciam ao mesmo convívio linguístico (cingida somente ao circuito regional e étnico) mas, que desempenharam a pujança do passado, passaram a ter interesse para uns e outros falantes santomenses. Ora aí é onde acho que reside o problema. E para explicar isto recorro ao QECR 2001 ⁽¹⁷⁾ «O conhecimento, a consciência e a compreensão da relação (semelhanças e diferenças distintas) entre o mundo de onde se vem e “o mundo da comunidade alvo” produzem uma tomada de consciência intercultural. É importante sublinhar que a tomada de consciência intercultural inclui a consciência da diversidade regional e social dos dois mundos. É enriquecida, também, pela consciência de que existe uma grande variedade de culturas para além das que são veiculadas pela L1, língua materna ⁽¹⁸⁾ e L2 língua segunda ⁽¹⁹⁾ do aprendente. Esta experiência alargada ajuda a colocar ambas as culturas em contexto, eu acrescentaria (no contexto santomense). Para além do conhecimento objectivo, a consciência intercultural engloba uma consciência do modo como cada comunidade aparece na perspectiva do outro, muitas vezes na forma de estereótipos nacionais». Tendo sido proporcionada a união entre as povoações,

¹⁷ Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas ... Avaliação.2001. P.150.

¹⁸ Passará a ser referida de LI ao longo do trabalho.

¹⁹ Passará a ser referida de L2 ao longo do trabalho.

proporcionou-se a união entre as diferentes línguas. Os pré-requisitos de cada grupo falante no tocante a língua, cultura, competência e performance diferiam entre uns e outros como específico no parágrafo seguinte.

«A competência sociolinguística diz respeito ao conhecimento e às capacidades exigidas para lidar com a dimensão social do uso da língua» ⁽²⁰⁾. Ou seja, todo o conhecimento sociocultural do aprendente é relevante para a sua competência linguística. Antes da independência tínhamos em S.Tomé falantes com o conhecimento de língua portuguesa de todo o tipo: os que só percebiam e não falavam; os que percebiam assim, assim; e os que nada sabiam, etc. Após a independência enfrentaram a língua alvo “o Português”, levando toda a ajuda do conhecimento que já possuíam da LI, suas línguas maternas com toda a transformação. Quero com isto dizer que os que só tinham o português como língua ouvinte e não falada passaram a falar por necessidade, com os seus filhos, em casa, para conseguir um emprego etc.

1.2. O papel da língua materna do ponto de vista de alguns autores

(Cabral, 1976) ⁽²¹⁾ numa das suas afirmações diz que se nas nossas escolas ensinarmos aos nossos alunos como é que o crioulo vem do português e do africano, qualquer aprendente entenderia muito mais depressa a ligação que existe entre o português e o crioulo, isso facilitaria aprender o português. Devo dizer que concordo plenamente com o político Cabral. Concorro veementemente e passo a especificar a importância desta frase para este trabalho. Tomando como exemplo S.Tomé. Este trabalho apresenta como título geral: “Que língua se fala em S.Tomé? Crioulo, Português ou o falar santomense? Precisamente, pelo facto de ter existido a miscigenação. E também, por não ter havido o consenso de se explicar aos aprendentes, como é que o crioulo provém do português e como é que essas duas línguas se divergem ⁽²²⁾ e se convergem ⁽²³⁾.

Numa situação de comunicação os santomenses falam como é demonstrado nos quadros ⁽²⁴⁾. A questão que coloco é: as expressões que se apresentam dentro dos quadros nas

²⁰ Quadro Europeu Comum de Referência. Idem. P.169.

²¹ Amílcar Cabral. Ibidem.

²² A nível da sintaxe, da semântica gramatical e lexical.

²³ Na pragmática.

²⁴ Ver o capítulo III.

colunas que pertencem ao falar santomense se pode considerar de língua portuguesa ou de crioulo? Os próprios falantes santomenses não sabem qualificar o que falam.

Após ter lido muitos ditos e feitos do autor e político ⁽²⁵⁾ reconheço uma estimável e prestigiosa qualidade de acção, nesta questão das línguas, mas existe uma falta de atenção para com um ponto. A realidade histórica e peculiar de cada país como faz saber Pontífice ⁽²⁶⁾. S.Tomé e Príncipe apesar de ter sido considerado pelo Schuchardt 1998/99 ⁽²⁷⁾ um dos países menos problemáticos em questão linguística, não quer dizer que de lá para cá não tenha havido alteração da sua situação com relação, considerando que a língua está em constante evolução. Como cidadã nacional posso testemunhar essa evolução na medida em que, convivi um pouco com o ensino colonial, o ensino pós independência e o ensino actual. Posso afirmar que há muitos anos não se consegue explicar de concreto o que se passa com a língua portuguesa nem com o crioulo. A prová-lo o trabalho que mandei os alunos fazerem ⁽²⁸⁾ em que puderam facilmente identificar elementos sintácticos do crioulo em comunicações feitas em “português”. Essas recolhas foram feitas pelos alunos, nas ruas, nas escolas e em suas casas. Se ouvirmos a cassette com entrevista feita por Silvério Amorim, constatamos a verosimilhança do que está nos quadros do capítulo III. Corder 1983 diz que “a Língua materna tem um papel no início da aprendizagem, no processo da aprendizagem, e no uso da Língua segunda na comunicação ⁽²⁹⁾”. Se tomarmos como exemplo o que diz Corder podemos comprovar que o falar santomense se enquadra no que foi dito na sua citação. O falar santomense é o produto do apoio prestado pelas duas línguas, o crioulo e o português. A questão que coloco é: de que forma a língua materna foi adquirida pelos diferentes falantes santomenses? Ou seja, em que nível de transformação se encontrava a língua materna? Continua Corder: “quanto mais semelhantes são a LI e a L2 mais ajuda a LI pode dar não só na aquisição mais também na performance da L2.” O crioulo surgiu da mistura do português com outras línguas francas. Muitos pais não comunicavam com os seus filhos no crioulo. Então desenvolviam uma estratégia de linguagem para serem entendidas pelas crianças durante a comunicação. Quererai com isto dizer que muitas crianças santomenses começaram desde muito cedo na prática do uso do mecanismo de facilitação dita por Corder, de forma implícita para a sua competência

²⁵ Amílcar Cabral. Textos políticos. Lisboa. MEIC. 1976. P.26.

²⁶ Fernanda Pontífice. Relatório do Desenvolvimento Humano. S. T. P. 1998. P.59.

²⁷ Hugo Schuchardt. Crioulo de base portuguesa. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. 1999.

²⁸ Os quadros que se encontram no capítulo III.

²⁹ Pit Corder. Falemos antes de “Verdadeiros Amigos”. Faculdade de Letras de Lisboa. P.16. 1998.

comunicativa. Isto não responde a questão acima posta, em relação a pais que têm como LI – Língua portuguesa, nativos de S.Tomé. A não ser, se considerarmos o falar santomense como fruto de um processo dialecticamente consecutivo, que foi passando de geração a geração deixando aqui e ali sincronicamente o “transfer” ⁽³⁰⁾. Ellis 1994 ⁽³¹⁾ afirma que “o sucesso em L2 depende do conhecimento implícito e para adquiri-lo o sujeito usa o conhecimento da LI e do mundo”. Com esta afirmação quererá dizer que, se o sujeito teve toda a sua vivência sobre o efeito do “transfer” é evidente que na aprendizagem de L2 ele terá grandes dificuldades em se libertar na medida em que, os vocábulos do empréstimo já não aparecem com a sua forma igual ao da norma. O que somente poderá manter é a sua semântica como poderá provar os quadros correspondentes ⁽³²⁾. Ringbom 1985 ⁽³³⁾ diz, “devemos assumir que o conhecimento receptivo tende a preceder o conhecimento produtivo, sendo o primeiro mais extenso em todos os estádios da aprendizagem”. Para o caso dos falantes santomenses que tiveram o maior convívio linguístico com o crioulo, numa situação de ouvintes, ou seja, tinham mais o conhecimento receptivo, são capazes de entender as ideias de comunicação expressas nas duas colunas, o falar santomense e o português padrão. Quando os aprendentes vão à escola tendem a proceder o conhecimento produtivo. Com a proximidade que existe entre as duas línguas, seguindo o pensamento de Krashen 1993 ⁽³⁴⁾ “quanto mais próximas, maior é a quantidade de input compreensível que, por conseguinte, se pode transformar em “intake”” Os aprendentes santomenses concentram-se na compreensão da mensagem proveniente da proposição feita em língua padrão sem dar atenção ao detalhe estrutural da proposição. Portanto é nesta conjuntura que temos actualmente, os falantes em S.Tomé a produzirem frases com estruturas do crioulo como se pode comprovar com os quadros do capítulo III apresentados neste trabalho. O mais grave disto tudo, é que os falantes ficam concisos de que estão certos na forma como falam e como interpretam. Não estarão de todo errados se considerarmos a afirmação feita por Câmara, que vem em bom momento valorizar o falar santomense, quando refere a três faces da linguagem dando prioridade a adequação ao assunto pensado: “É claro que a nitidez e o rigor da expressão do pensamento, ou, em outros termos, a

³⁰ Pit Corder. Ibidem.

³¹ Rod Ellis. Falemos Antes de “Verdadeiros Amigos”. Faculdade de letras. Universidade de Lisboa. P. 17

³² Ver os quadros que se apresentam no capítulo III. 3.1 3.2. 3.2.2. 3.3. 3.4.

³³ Ringbom. Falemos Antes de “Verdadeiros Amigos”. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. P.19

³⁴ Krashen. Falemos Antes de “verdadeiros Amigos”. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. P.16.

precisão lógica da exposição linguística tem a primazia sobre tudo mais ⁽³⁵⁾.” Ou seja, a lógica da exposição tem a primazia sobre, certo predicado estético; adaptação inteligente e subtil ao ideal linguístico colectivo.

1.3. O comportamento dos pais que só falavam o crioulo

Muitas crianças santomenses foram proibidas de falar em crioulo forro, concretamente as que viviam na cidade capital, contrariamente as que viviam na roça, ou que pertenciam a outras comunidades linguísticas, cabo-verdianas, angolares, tongas e moncós. Estas crianças tinham um bom domínio de suas respectivas línguas. A proibição tinha como finalidade proteger as crianças para que na escola não misturassem as duas línguas, o português e o crioulo. A proibição do pai ou da mãe foi devido as inúmeras reclamações feitas pelos professores quando informavam que os alunos respondiam questões feitas em português no crioulo. Portanto, a proibição deu – se com o fim de solucionar um determinado problema que se fazia sentir na época. Provavelmente terá sido a partir desta altura que, sincronicamente, ou seja, de etapa por etapa, os pais foram iniciando a miscigenação linguística ao comunicarem com os seus filhos. Este comportamento poderá ter desencadeado o processo miscigenação do crioulo e do português, numa das etapas que direi do nível acrolectal, que actualmente enfrentamos. A título de exemplos, trata-se de uma miscigenação idêntica a que se apresenta nos quadros do capítulo III, nas colunas pertencentes ao falar santomense.

Língua portuguesa foi considerada pela UNESCO como uma das mais importantes no mundo e uma das de grande disseminação pelo planeta. Ela continuou a desfrutar de grandes prestígios desde que se tomou a independência até aos nossos dias graças também, aos cinco países africanos que adoptaram o português como língua oficial.

De facto a língua portuguesa foi perdendo dia-a-dia a sua designação de língua de constrangimento de língua do outro, de língua de colonização, para passar a ser utilizada ou encarada como língua própria, muitas vezes em, como língua nacional veicular e para muitos santomenses, como língua materna. STP como país mais pequeno de todos

³⁵ J. Mattoso Câmara Jr. Expressão oral e escrita. Universidade do Brasil e Faculdades Católicas Petropolitanas. 1961. P.10.

(PALOP) e insular, “palavra certa” poderá ter sofrido o efeito mais bombástico quanto ao processo da miscigenação. Após a independência muitos pais continuaram a comunicar com os filhos em crioulo e os filhos a darem as respostas em língua portuguesa. Com a proximidade que existe entre as duas línguas como diz Krashen 1993 e Corder 1983, de forma rápida e subtil, muita ajuda uma terá dado a outra. Para S.Tomé, a ajuda foi mais na aquisição do que na performance. A prová-lo, serve os quadros do capítulo III com frases no falar santomense.

1.4. O convívio entre o falar santomense, o crioulo forro e o português

Considerando a actuação dos cinco países africanos de expressão portuguesa quando levaram ao cabo o incentivo para a alfabetização em língua portuguesa nos seus respectivos países, podemos concluir que, após a independência os cinco, nos seus respectivos países fizeram muito em prol da língua portuguesa. O problema que se põe é a continuidade e a qualidade desse incentivo.

Em S.Tomé, existiam muitos adultos que não falavam o português antes da independência (como forma de não se subjugarem ao colono), que passaram a comunicar em português, aliás, como diz Corder 1983 ⁽³⁶⁾. Isto explica a existência da persistente estrutura do crioulo no falar santomense. De igual modo explica a substituição dos vocábulos do crioulo em detrimento do vocábulo da língua portuguesa. Ver os quadros do capítulo III, 3.2., 2ª, 4ª e 20ª frases.

Muitos aprendentes santomenses estavam sujeitos ao crioulo auditivo. Portanto ouviam o crioulo em casa e iam estudar o português na escola, – audição crioulo / audição e produção português. As crianças santomenses comunicavam em português com os pais. Os falantes adultos que não falavam o português passaram para a produção de frases em língua portuguesa. De certo que, o faziam com os pré requisitos ou seja, o conhecimento cultural da sua língua materna.

³⁶ Ver 1.4. O convívio entre o falar santomense, o crioulo e o português.

As crianças que também só tinham o crioulo auditivo, desde pequenas estavam a adquirir o conhecimento cultural através da LI. Para esclarecer melhor esta questão vou transcrever dois excertos: Corder 1983 considerou o “transfer” de transferência de conhecimento implícito da estrutura mental da LI para a interlíngua, ou seja, “transfer” é um mecanismo de facilitação que usa por empréstimo itens e traços da LI como uma estratégia comunicativa.” Com base no que diz Corder, pode-se observar no quadro pertencente às frases interrogativas, declarativas afirmativas, declarativas negativas, exclamativas, exclamativas negativas, imperativas e imperativas negativas, proposições que não correspondem de igual forma a sintaxe, a semântica lexical e a semântica gramatical da coluna correspondente ao português. No entanto, podemos encontrar algumas exceções para algumas proposições mais próximas da estrutura da norma (³⁷). Essas divergências são marcantes devido às regras da morfo-sintáctica da língua portuguesa. Com relação a semântica pragmática, muitas proposições podem ser consideradas de sinónimas entre o falar santomense e a sua correspondente, na coluna do português padrão. Todas as frases que constam nos quadros mostram o convívio entre a língua materna – o crioulo, e o português – a língua oficial.

1.5. O falar santomense é uma interlíngua?

QECR 2001 (³⁸) diz) «O conhecimento sociocultural, estritamente falando, o conhecimento da sociedade e da cultura (s) da comunidade (s) onde a língua é falada é um dos aspectos do conhecimento do mundo. Os aspectos distintivos característicos de uma determinada sociedade e da sua cultura podem estar relacionados por exemplo, com: A vida quotidiana, as condições de vida; As relações interpessoais; os valores, as crenças e as atitudes; A linguagem corporal; As convenções sociais; os comportamentos rituais». Na minha óptica são demasiados pré requisitos, para qualquer criança em diferentes partes do Mundo. Provavelmente até aos seus 6 anos qualquer criança já terá 50 por cento desses conhecimentos adquiridos. Isto só nos vem demonstrar como é que o conhecimento linguístico de uma criança santomense poderá começar a ser influenciado desde a sua infância pelo contexto linguístico em que ela se encontra inserida, ou seja, sujeita ao

³⁷ Ver capítulo III, 3.2. 13ª, 30ª, 33ª, 41ª, 46ª, 47ª e 87ª frases.

³⁸ Quadro Europeu Comum de Referência. 2001.

crioulo auditivo ⁽³⁹⁾. Para esclarecer melhor esta questão proponho a que façamos uma reflexão sobre as implicações e as vantagens de algumas teorias já escritas por alguns investigadores conceituados, no parágrafo abaixo.

Muito cedo os investigadores se deram conta de que uma boa parte das produções na aquisição de uma L2 não exibia as marcas de transfer positivo e negativo previstas na teoria de análise contrastiva atribuída à LI. Por isso foi bem aceite a sugestão de que a aprendizagem de uma língua é uma construção criativa. Assim no início dos anos setenta a investigação evidenciava procurar semelhanças entre a interlíngua dos falantes de diferentes línguas a aprenderem uma mesma L2. Chegaram a conclusão em meados dos anos oitenta de que, qualquer teoria da aquisição da L2 tem de integrar as propriedades construtivas e contrastivas da linguagem captadas pela linguística e pela psicolinguística, Flynn 1988 ⁽⁴⁰⁾. Ellis 1994 ⁽⁴¹⁾ diz que no ponto de vista pedagógico, a aquisição da L2 tem como premissa central a distinção entre o conhecimento implícito e explícito ou seja, (o uso que o professor faz de metalinguagem linguística, que pode ir desde a apresentação de um exemplo até à formação de uma regra) é implicitamente reconhecida pelo aluno nas duas línguas. Quer isto dizer que os aprendentes santomenses, dado ao carácter das suas vivências linguísticas, forçosamente, fazem uma transferência de conhecimento como diz Corder 1983 ⁽⁴²⁾. Portanto isto quererá dizer que pelo facto de ter existido a miscigenação em várias etapas do falar santomense, em mistura da língua portuguesa e do crioulo de São Tomé, os falantes quando iniciam o ensino escolar já vão com certeza, a aplicar a transferência mental da LI na nova aprendizagem, ou seja, na aprendizagem da língua oficial nas escolas, onde na sua construção criativa da linguagem aplicavam todo o conhecimento sociocultural. Então sou tentada a dizer que provavelmente nestes momentos é que também se deu o início do processo da interlíngua dos santomenses. Nesta conjuntura posso dizer que o que designo de falar santomense, para a citação de Corder, Ellis, Ringbom, é uma “interlíngua.”

³⁹ Ver 1.4.

⁴⁰S. Flynn Falemos Antes de “Verdadeiros Amigos”. Faculdade de letras da Universidade de Lisboa. P.15.

⁴¹Rod Ellis. Falemos Antes de “Verdadeiros Amigos”. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. P. 16.

⁴² Pit Corder. Já referido.

(Ellis, 1994) ⁽⁴³⁾ afirma que o sucesso em L2 depende do conhecimento implícito e que para adquiri-lo o aprendente usa o conhecimento da L1 e o conhecimento do mundo. Continua ainda que “conhecimento novo pode ser adquirido directamente na sua forma implícita.” Portanto considerando a realidade dos santomenses na aquisição da L2 ou seja, da língua oficial mesmo em situação do ensino formal não foi possível somente pelas milhentas formas que constituem a gramática portuguesa. Temos que admitir que foi também devido às regras do conhecimento implícito de cada aprendente na primeira instância, ou seja, o efeito bombástico da miscigenação, desde a sua origem basilectal, mesolectal até ao acrolectal. Sendo esta última, apresentada nos quadros como falar santomense. Ver capítulo III. 3.1. 3.2. 3.2.2. 3.3. 3.4.

(Ringbom, 1985) ⁽⁴⁴⁾ diz que devemos assumir que o “**conhecimento receptivo tende**” a preceder o “**conhecimento produtivo**”, sendo o primeiro mais extenso em todos os estádios da aprendizagem. Para este autor, a característica importante das competências receptivas é quando o valor se encontra nos aspectos comunicativos, ou seja, o ouvinte/leitor concentra-se na compreensão da mensagem sem necessariamente ter de prestar muita atenção aos detalhes estruturais. Dita desta forma vem associar ao que Câmara refere sobre uma das três faces da linguagem em 1.3 ⁽⁴⁵⁾.

O falar santomense para mim emerge precisamente neste envolvimento ou nesta simbiose do convívio entre o crioulo e o português. Por vezes os santomenses são incapazes de produzir uma frase que ouvem na língua padrão, mas são capazes de produzir a mesma ideia, utilizando a estrutura do crioulo, comunicando no falar santomense. Inclusive, fazem-no também no sentido inverso. Ou seja, falam crioulo com estrutura do português. É por causa destas trocas que actualmente tendem a comunicar na oralidade ou na escrita utilizando a estrutura do crioulo para transmitir as suas mensagens em língua portuguesa. Nesta prática, a proximidade entre o crioulo e entre o português chegou a um ponto tal, que direi do nível acrolectal, depois de ter passado por vários empréstimos ou por várias traduções. Digo traduções devido à característica que hoje apresenta o falar santomense. Com todas essas peripécias por que tem passado a comunicação, ou o uso da língua no país, podemos encontrar no seio da comunidade, os seguintes falantes: do crioulo fundo

⁴³Rod Ellis. Já referido.

⁴⁴ Ringbom. Já referido.

⁴⁵ J. Mattoso Câmara. 1961. P. 10

(⁴⁶), do crioulo acrolectal ou o falar santomense e do português. O falar santomense tem uma característica um tanto a quanto emblemática porque faz parte do seu elemento frásico a maioria de vocábulos do português. Muitos desses vocábulos possuem quedas de sílabas, de letras; em diferentes partes das palavras. Outros possuem muitas contracções; aparecem as traduções de expressões do crioulo e do português; utilizam a estratégia de comunicação em crioulo, ou seja, a estrutura do crioulo é em grande quantidade do que a da língua portuguesa; por sua vez os léxicos em uso são em maioria da língua portuguesa. Por isso questiono se os santomenses estão a utilizar uma interlíngua (⁴⁷) para realizar estes actos comunicativos que estão apresentados nos quadros do capítulo III? Se essas proposições que já não se encontram somente na oralidade dos falantes santomenses mas também se encontram na escrita (⁴⁸), não podem ser consideradas do português, então, também não podem ser consideradas do crioulo. Como será que podemos considerar o falar santomense? Então de interlíngua, considerando as citações feitas pelos linguistas Corder, Ellis e Ringbom!

1.6. Em que situação linguística se encontra inserido o falar santomense

Eis uma questão que merece atenção de todos. Uma outra questão seria: por que será que os que têm como língua materna o Português (língua padrão), não entendem os que têm como Língua materna o falar santomense, em muitas realizações linguísticas? Ou melhor, por que será que os santomenses muitas vezes num diálogo entendem o que foi dito pelos que têm português como língua padrão e estes últimos não entendem os que têm o português como língua oficial?

Os santomenses têm o crioulo forro como um legado e convivem com ele. Por outro lado, também têm a língua portuguesa como um legado e de igual forma convivem com ela tanto como convivem com o crioulo. E, como se não bastasse ainda têm outras línguas francas tais como: o lungui'e, o angular, o tonga, o crioulo de Cabo Verde. Em suma, todas essas línguas francas participam neste convívio sociolinguístico, cada uma com menor ou maior impacto sobre cada indivíduo falante, que com o passar do tempo, já se pode falar de comunidades e de povos falantes.

⁴⁶ Ou basilectal. Mais próximo do crioulo.

⁴⁷ Pit Corder. Falemos Antes de "Verdadeiros Amigos". Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. P.16.

⁴⁸ Ver proposições escritas no capítulo IV.

Particularmente S.Tomé e Príncipe, convive com diversos problemas de carácter social. Ainda não assumiu a obrigação preponderante de ter um olhar intrínseco para a questão da língua portuguesa no seu respectivo país. Que justiça seja feita, já se encontra monografias feitas para a questão do problema da língua portuguesa ser considerada (com relação ao aprendente) de L1, ou L2. Os santomenses se escudam na terminologia mais prática que se convencionou chamar de “Língua Oficial”. Mas, qualquer língua antes de ser oficial para diferentes países, terá de ser antes, ou primeira, ou segunda, ou x língua para qualquer povo falante. Em qual delas podemos colocar o falar santomense? Apelidar de língua oficial contribuirá para indicar a sua posição com relação a língua padrão mas, nada indica com relação ao nível limiar considerando o que referiu Casteleiro ⁽⁴⁹⁾ quando fez anuência sobre o ensino do português como L2, LE, particularizando S.Tomé e Príncipe dizendo que o nível limiar devia ser adaptado à realidade. O crioulo forro mesmo não sendo considerado de língua oficial não deixou de ter a sua importância e implicância na comunicação. Esta implicância pode ser observada na forma de falar dos santomenses que figura nos quadros do capítulo III desta tese.

A língua sendo mais do que uma estrutura gráfica ou fónica, existe nela uma carga de emoção e dimensão que ultrapassam o desenho dos símbolos e a variedade dos sons. O idioma materno é um elemento importante para cada ser humano. Em prol dessa importância o povo de S. Tomé e Príncipe tem o direito de saber em que situação se encontra o falar santomense com relação a Língua Portuguesa. O Português é considerado como L1, em S.Tomé e Príncipe ou de L2? Poderá ser considerado para todos ou para uma parte da população? Que percentagem de falantes poderá ser representada em L1 e em L2? A forma como os santomenses fazem o uso da sua gramática comunicativa oral poderá ser L1 ou L2 ou Interlíngua ⁽⁵⁰⁾. A resposta abrangerá a toda a população? Para já, sei que a resposta ficará a nível de língua oficial e não passará mais adiante. Não poderá ir mais além por simples razão de nunca ter sido colocado como problema sério. E também, pelo facto de estarmos conformados em pertencer a comunidade de Português língua oficial, não mexemos com outros meandros que a língua apresenta.

⁴⁹ João Malaca Casteleiro e Outros. Nível Limiar; Para o ensino/aprendizagem do Português como língua segunda/língua estrangeira. Ministério Da Educação. 1988. P.21.

⁵⁰ Pit Corder. Falemos Antes de “Verdadeiros Amigos”. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. P. 16.

É muito comum em S.Tomé e Príncipe ouvir as pessoas dizer em vez do crioulo, que estão a falar o dialecto. Tanto os menos letrados como os letrados. Num dos programas radiofónicos da RDP África já foi afirmado que o crioulo não era língua, e que em S.Tomé se fala o dialecto. Tudo isto só acontece quando não se define convenientemente as coisas. Considerando o dicionário de didáctica, na óptica de Gallisson (⁵¹), “dialecto é falar regional considerado variante de uma língua dominante da qual difere por características fonéticas fonológicas, assim como por particularidades lexicais, e, mais raramente, morfo-sintáticas.” O dicionário de 2006 tem a seguinte definição: “variante local ou regional de uma língua, que se distingue pelas especificidades a nível da pronúncia (fonética) e do vocabulário (léxico) (⁵²).” Se for para considerar o falar santomense de dialecto este trabalho não poderá dar resposta. Por simples razão, de ainda não sabermos a situação da língua oficial no país. Será que podemos considerar a língua oficial em STP de crioulo, de dialecto ou de interlíngua? No contexto deste trabalho é o “falar santomense”. Para já, pretende – se somente identificar que tipo de falar se pratica em S.Tomé, só depois decidir se de facto o falar em uso no país pode ser designado de português ou de interlíngua ou porque não de dialecto do português, considerando os dicionários acima referidos.

Muitos referem/consideram à língua portuguesa falada em ST.P como língua de comunicação oficial, de administração, etc.. Não podem hoje dizer, após a independência, qual é a percentagem de falantes que só falam meramente o crioulo, ou meramente o Português, ou falam as duas em simultâneo, ou seja, só a sua miscigenação concomitantemente (⁵³).

Devido ao uso simultâneo das línguas faz - nos questionar que lugar ocupa a língua portuguesa em S.Tomé e, em que lugar no quadro do nível limiar se pode colocar a gramática comunicativa oral e escrita, do país. Digo escrita por causa do velho slogan muito conhecido: “tal como se fala é como se escreve.”. Como foi demonstrado com os trabalhos das crianças do ensino Básico (⁵⁴).

⁵¹ Gallisson R. Coste D. Dicionário de didáctica das línguas. Livraria Almedina. Coimbra 1983. P.197.

⁵² Dicionário da Língua Portuguesa 2006. Porto Editora. 2005.

⁵³ O falar santomense.

⁵⁴ Ver capítulo IV.

CAPITULO II

COMUNICAÇÃO ORAL, GRAMÁTICA E SEMÂNTICA

2.1. A interpretação real do sentido

“Na actividade hermenêutica temos de estar atentos no seu momento axiológico: o intérprete tem de participar nos valores que encontra no seu objecto» (⁵⁵). Quando os falantes, sendo o emissor e o receptor estão a comunicar segundo Bleicher 1970, tem a ver com a predisposição e o conhecimento do mesmo campo semântico entre os falantes. Por isso entre os falantes do mesmo país, a comunicação tende a ter maior êxito. Com excepção de outros factores, como por exemplo, o campo semântico ou semântica lexical, a gramática utilizada não constituirá problemas. Por isso defendo que os que têm estudos na área da língua estrangeira, língua segunda têm maior probabilidade de entender os falantes de língua materna diferente da que está a ser ensinada. Ou seja, de entender os falantes multilíngues e os plurilíngues. Continuando ainda na reflexão do Bleicher, considerando a metodologia, ele cita: “...a dialéctica entre subjectividade e objectividade, a realidade do sujeito e a diferença do objecto que, no decurso da prática hermenêutica, deu origem à formulação de uma metodologia que, segundo se espera garantirá resultados correctos.” (⁵⁶). Para explicitar melhor a questão de objectividade e subjectividade na lógica de uma orientação metodológica, Bleicher baseou-se de cânones referidos por Emílio Betti (⁵⁷), que por serem vários o autor reduziu a quatro. Relacionei a citação de Bleicher com a 7ª frase declarativa afirmativa do quadro do capítulo III, 3.2. Podemos desta forma observar, a convergência e a divergência de ideias com relação a alguns léxicos nos seguintes cânones:

1. Cânone da autonomia hermenêutica do objecto e imanência da norma hermenêutica;
2. Cânone da totalidade e coerência da avaliação hermenêutica;
3. Cânone da interpretação efectiva;
4. Cânone da harmonização da compreensão – correspondência e concordância hermenêuticas;

⁵⁵Josef Bleicher. *Hermenêutica contemporânea*. Edições 70. P.57.

⁵⁶ Josef Bleicher. *Hermenêutica Contemporânea*. Edições 70. P. 58.

⁵⁷ Ibidem.

Para analisar esses quatro cânones com relação ao falar santomense, dividi o quadro em duas colunas. Tentei identificar os valores referidos por Bleicher nos quatro cânones, comparando uma coluna com a outra as quais designei de: o falar santomense e norma portuguesa. Começando pelo primeiro cânone:

1º Cânone da autonomia hermenêutica do objecto e imanência da norma hermenêutica;

a) Escola desmanchou. (Ver capítulo III, 3.2., 7º frase).

O falar santomense	A norma portuguesa
<ul style="list-style-type: none"> Autonomia hermenêutica: Objecto: Escola = aulas Desmanchou = acabou = terminou = teve o seu fim.	<ul style="list-style-type: none"> Autonomia hermenêutica; Objecto: Escola diferente de aulas. Desmanchou diferente de terminou.
<ul style="list-style-type: none"> Imanência da norma (portuguesa). Objecto: Escola Inerente a um nome concreto.	<ul style="list-style-type: none"> Imanência da norma portuguesa Objecto: Aula Inerente a um nome abstracto.

Se compararmos as proposições, entre as duas colunas, com relação a autonomia hermenêutica, a coluna reservada ao falar santomense apresenta mais possibilidades de construção pelo facto de ter o sentido mais autónomo. A frase aceita tanto a escola como as aulas, enquanto que, na coluna da norma já não é aceite. Para a imanência, verificamos que, a coluna pertencente ao falar santomense coloca o objecto com designação de substantivo concreto, ao passo que, para a norma diverge para substantivo abstracto. Por isso quanto a imanência ambas diferem, não são inerentes. A mesma situação pode ser exemplificada para outras proposições dos quadros do capítulo III. Por exemplo, para a frase: “Ele jogô parede com pedra.”

2º Câneone da totalidade e coerência da avaliação hermenêutica;

O falar santomense	A norma portuguesa
<ul style="list-style-type: none"> Considerando a totalidade de vocábulo. <p>Normalmente aparece em maior quantidade para exprimir uma ideia. Recorre a perífrase.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Considerando a totalidade de vocábulo. <p>Normalmente aparece em menor quantidade para exprimir uma ideia.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Coerência da avaliação hermenêutica; <p>O significado é o mesmo que o da norma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Coerência da avaliação hermenêutica; <p>Não significa o mesmo que o falar santomense para a linguística portuguesa; mas, para a hermenêutica da expressão significa o mesmo.</p>

As duas frases (do falar santomense e da norma) vistas num sentido lato, no ponto de vista de um falante santomense são idênticas. Mas no ponto de vista da linguística portuguesa, a frase na coluna pertencente ao falar santomense é incorrecta. Em coerência hermenêutica a palavra desmanchar nunca terá o mesmo significado que a palavra terminar, para a gramática da norma. Pode-se encontrar situações idênticas com outras frases dos quadros do capítulo III, 3.1., 3.2., 3.2.2., 3.3., 3.4.

3º Câneone da interpretação efectiva;

O falar santomense	A norma portuguesa
<ul style="list-style-type: none"> Câneone da interpretação efectiva; <p>Considerando a sintaxe, difere da norma. Considerando a semântica, assemelha a norma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Câneone da interpretação efectiva; <p>Considerando a sintaxe, difere do falar santomense. Considerando a semântica, sem resposta.</p>

Para este 3º cânone existe diferença a nível do léxico escolhido para a realização da frase. O léxico “terminaram” que seria aceite na norma foi substituída por “desmanchou” em detrimento do primeiro, derivado pela influência do crioulo. A mensagem poderá passar entre os falantes santomenses e os falantes da língua padrão por causa da semântica pragmática. Mas, a gramática portuguesa considerará como erro da semântica gramatical.

4º Cânone da harmonização da compreensão – correspondência e concordância hermenêuticas;

O falar santomense	A norma portuguesa
<ul style="list-style-type: none"> • Cânone da harmonização da compreensão; A interpretação da ideia é igual a norma.	<ul style="list-style-type: none"> • Cânone da harmonização da compreensão; A interpretação da ideia é diferente do falar santomense.
<ul style="list-style-type: none"> • Correspondência e concordância hermenêuticas; Existe.	<ul style="list-style-type: none"> • Correspondência e concordância hermenêuticas; Não existe.

Neste 4º cânone, considerando a proximidade das duas línguas, a harmonização no falar santomense é igual a norma. Existe correspondência e concordância hermenêutica quando considerada a partir do “falar santomense” para o português, nunca no sentido contrário, ou seja, da norma portuguesa para o falar santomense não há harmonização nem concordância. Situações idênticas podem ser verificadas noutras proposições que constam nos quadros do capítulo III. Pondo em enfoque a comunicação oral, qualquer falante que vive num contexto extralinguístico, ou seja, sem interferência de outras línguas tem toda a probabilidade de realizar comunicação tanto oral como escrita muito mais próxima da norma portuguesa. Para os santomenses que vivem num contexto sob a influência do crioulo e de outras línguas francas é quase impossível comunicar e escrever sem que não haja traços da miscigenação. O problema maior é que, para os santomenses, todos esses vocábulos servem muitas vezes de sinónimos no seu subconsciente, devido o seu peso cultural. A teoria hermenêutica debruça-se sobre a problemática da teoria geral da

interpretação como metodologia das ciências humanas ⁽⁵⁸⁾. Considerando o quadro comparativo dos cânones referidos por Bleicher, na sua forma de tentar justificar a teoria hermenêutica, tentei representá-lo com proposição feita no falar santomense. Eu diria que em termo geral toda a forma de comunicação tem uma justificação que pode ser convincente. Basta vermos o falar santomense aí representado no item 2.1.

Os registos do falar santomense apresentado nos quadros do capítulo III, as ideias ali expressas são as mesmas da norma, mas, diferem pelo facto de o crioulo ser mais expansivo nos seus léxicos; e pelo facto de ter sido utilizada uma estrutura diferente da norma. Nesta conjuntura, se os professores derem aulas sem registar, de maneira que possa fazer evidenciar esta autonomia hermenêutica, nunca conseguirão atingir a imanência da norma. Porque já não é somente relevante, que se identifique o que o aluno errou em formulações frásicas, do oral ou escrito da gramática portuguesa. Torna-se de toda a importância, que seja identificado em que parte da gramática e o porquê de tal ocorrência.

2.2. A interpretação e a compreensão

O processo de interpretação destina-se a resolver o problema epistemológico da compreensão.” Para abrangermos a unidade do processo de interpretação, precisamos de referir o fenómeno elementar da compreensão, tal como ele se efectua pelo intermédio da linguagem” ⁽⁵⁹⁾ ou seja, acção efeito, processo resultado; interpretar traz algo a compreensão. Se o falante interpreta qualquer proposição feita em língua padrão e dá de imediato uma resposta no falar santomense (ou português de STP), que exprime a mesma hermenêutica, podemos partir do princípio que o aluno percebeu a mensagem. Portanto interpretou e compreendeu. Por exemplo, como podem comprovar as proposições do capítulo III.

A citação de Trigo feita com respeito a linguagem desperta um certo interesse. “O colonizado, reduzido cada vez mais ao silêncio, decide assumir a fala e fazer da linguagem literária um meio de afirmação cultural e cívica. Mais tarde e porque o regime colonial não o escuta, essa fala não será mais sugestiva, mas agressiva e reivindicativa” ⁽⁶⁰⁾.

⁵⁸ Josef Bleicher. *Hermenêutica Contemporânea*. Edições 70. P.13.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ Salvato Trigo. *Ensaio de literatura comparada, Afro-Luso_ Brasileira*. Coleção Vega Universidade. Sem Data. P. 148/149.

Tal como o Trigo menciona na sua obra, a forma como a linguagem literária dentro do circuito colonial se afirmou cultural e civicamente, podemos dizer que, ocorreu situação idêntica quanto a forma como o povo santomense fez o uso da língua portuguesa no momento e no contexto colonial. É evidente que, dentro das literaturas o processo da simbiose linguística se tenha processado num nível mais elevado do conhecimento linguístico. Mas, a forma como a população menos escolarizada fez o uso da língua (o crioulo e o português), esta simbiose, decerto ocorreu de forma totalmente diferenciada das que foram feitas pelos poetas. Não é de se estranhar que, naquela altura, o nível académico dos poetas estava bem definido e a realidade era outra. Infelizmente, com relação ao falar santomense, não identificamos o nível, considerando o período pós independência já referido no capítulo I.

O facto de termos frases com muitas interferências das línguas vivas como demonstram os quadros que apresentam o falar santomense ⁽⁶¹⁾, e pelo facto de todos sabermos de que forma surgiu o falar santomense, a sua história, e o ocultismo que esteve por detrás, pode - se encontrar muita semelhança entre as frases dos quadros e o que escrevia os poetas africanos daquela era, quando se lê versos como. «Na cidade calada à força... Agora falamos mais» ⁽⁶²⁾. A função da palavra “cidade” nesta frase se apresenta como a palavra “desmanchou” em 2.1. tal como acontece com muitas outras frases do género, em estudo no capítulo III. Os poetas usaram o método de ocultar a verdadeira intenção das suas mensagens, os santomenses usaram o crioulo com o mesmo fim. Por isso encontramos proposições com estrutura totalmente oposta a norma mas que têm o mesmo sentido, como podemos comprovar com as frases do capítulo III, ao serem comparadas com as da língua padrão correspondente.

2.3. Teoria sobre a gramática

Existem várias citações a respeito da gramática das quais citarei uma: “Gramática é concebida como um modelo do conhecimento da língua do falante – ouvinte representativo de uma dada comunidade linguística reconhecendo – se – lhe várias componentes, que

⁶¹ No capítulo III.

⁶² Salvato Trigo. Ibidem.

correspondem aos vários tipos de saber linguístico intuitivo de tal falante” (63). Esta definição corresponde às necessidades das frases contidas nos respectivos quadros (64). A gramática utilizada para a concepção das frases em questão são provenientes do saber linguístico intuitivo dos santomenses, como faz jus a axiologia das frases.

As teorias linguísticas levam-nos a afirmar que qualquer gramática contém uma componente lexical que responde pela caracterização dos vocábulos da língua e pelos seus processos de formação; a componente sintáctica responde pela ligação combinatória entre as palavras; a componente fonológica traduz as sequências dos símbolos em segmentos fónicos de uma determinada estrutura entoacional e rítmica evidenciada pela sintaxe; a componente semântica responsável por diferentes interpretações atribuídas pela análise da sintaxe. Ao tentarmos analisar as frases contidas nos quadros constataremos que, não obstante terem léxicos pertencentes à língua portuguesa, a fonética e a semântica de igual modo são mais próximas do português. Mas a sintaxe não corresponde quando se tenta estabelecer a relação entre as palavras, ou seja, a análise sintáctica dos sintagmas, não são correlacionáveis em algumas frases.

Cita Faria que “As línguas naturais usam um elenco mínimo de unidades (os sons significativos de cada língua) para formar unidades maiores (os morfemas e as palavras), e usam estes últimos para formar expressões e frases a que não é possível, teoricamente atribuir um limite máximo” (65). Como forma de demonstrar que o falar santomense não foge à regra, temos como exemplo as frases que constam nos quadros do capítulo III.

Continua Faria, (66)“...desde o século XIX, a linguística afastou-se decisivamente de objectivos de regulamentação do uso linguístico dos falantes, preocupando-se em detectar grandes mecanismos de mudança das línguas através dos tempos (gramáticas históricas), em descrever as regularidades subjacentes a usos observáveis (gramáticas descritivas), em correlacionar diferenças estruturais regulares com variáveis de natureza geográfica, social e cultural, e em estabelecer tipologias linguísticas com base nas propriedades gramaticais das línguas do mundo já razoavelmente estudadas. Os linguistas convencionaram chamar

⁶³ Isabel Faria. Introdução à linguística geral e Portuguesa. Editorial Caminho. Lisboa 1996. P. 14.

⁶⁴ Ver capítulo III.

⁶⁵ Isabel Faria. Introdução à linguística geral e Portuguesa. Editorial Caminho. Lisboa 1996. P. 15.

⁶⁶ Ibidem.

as línguas naturais ou humanas de universais linguísticos ⁽⁶⁷⁾.” Portanto este trabalho sobre o falar santomense, se enquadra dentro do contexto do estudo linguístico da actualidade, dos desafios do século ou seja no grupo de universais linguísticos. Mais uma vez é demonstrada a importância de trazer ao de cima o problema que representa o falar santomense e a pertinência de se dedicar atenção especial a esta questão. Não se pode fingir por mais tempo, tendo em uso proposições mesmo que orais, iguais as que se apresentam nos quadros do capítulo III. Baseando na citação de Faria, há que criar todas as condições para que o falar santomense possa constar no currículo escolar santomense, possibilitando desta forma, a análise da sua gramática oral, pelo menos, para contribuir a bom ensino aprendizagem do português.

2.4. As variações e os registos linguísticos

«A questão de actos de fala foi objecto de atenção de vários teóricos. O Filósofo inglês John Austin 1950 foi pioneiro nesta questão. «Falar é agir» uma das principais ideias que emergem das reflexões no âmbito desta teoria é a de que são múltiplas as formas de acção que podem ser efectivadas por meio da linguagem. Concebidas como actos de fala, as realizações verbais podem ser consideradas globalmente, sem se atender quer à matéria conceptual e física de que são constituídas quer à estrutura interna que geralmente apresentam. Sabemos que os objectos verbais não são entidades monolíticas. Pelo contrário, são construções – no pleno sentido da palavra – feitas a partir de materiais que podem ser utilizados recorrentemente em inúmeras outras construções. Aos objectos verbais que realizam actos de fala chamamos normalmente frases – e os materiais que entram na sua composição chamamos, em geral de palavras, ou, as composições mais finas que analisam a estrutura interna das palavras chamam de morfemas ⁽⁶⁸⁾.” Se tentarmos exemplificar o que foi dito por Peres e Moía, com as proposições no falar santomense em frase como: Ele jogô parede com pedra. O verbo não sendo uma entidade monolítica prestou-se a realizar acção para outra entidade. Todos os outros elementos desta frase tiveram a sua participação dentro da coerência hermenêutica, com a construção da frase. Resta-nos uma lacuna, a interpretação que não vai em direcção à norma.

⁶⁷ Isabel Faria. Idem P.16.

⁶⁸ João A. Peres. Telmo Moía. Áreas Críticas da Língua Portuguesa. Editorial Caminho. 2ª Edição. Lisboa 1995. P. 17.

Considerada a matéria de que é feita a linguagem, é evidente que, ao realizar um acto de fala, um falante não faz escolhas apenas relativamente a uma das formas de uso da língua, comportamento que poderíamos classificar como escolhas pragmáticas, por terem a ver com plano de acção, mas, fá-las também relativamente às palavras da língua que usa e às construções que a mesma lhe permite. Se pensássemos um pouco mais em termos neuropsicológicos, teríamos, é claro, de imaginar um processo mais complexo já que um falante não opta por um tipo de comportamento verbal ou por uma construção frásica no vazio, antes associa sempre essas escolhas a um conteúdo informacional que não é necessariamente verbal. Quer isto dizer, possivelmente, existe um nível pré verbal de organização da informação em que são definidos os significados que se pretende exprimir num determinado acto de fala ⁽⁶⁹⁾. Neste contexto podemos dizer que o falante desta frase utilizou intrinsecamente uma organização de significados definidos antes da realização da frase. O falante pode por outra forma do uso da linguagem pronunciar: “ele atirou parede com pedra”. Fê-lo consciente da língua ou porque não dizer das línguas, que lhe possibilitam vocábulos e lhe permitem a construção da frase. Temos que ter em conta que, no momento da realização da respectiva frase o falante não fez a análise da sintaxe da frase. Esteve preocupado sim, com a adequação da interpretação, uma das três faces da linguagem que Câmara colocou como primazia. Estava mais preocupado com a mensagem, se ela passaria ou não ao seu receptor. E para tal já sabemos ⁽⁷⁰⁾ se o receptor pertencer a mesma cultura linguística do emissor, é evidente que a mensagem passará.

Tal como diz Peres e Móia ⁽⁷¹⁾, encontramos a mesma ideia em Corder 1983 ⁽⁷²⁾ desta forma: «A aprendizagem de uma língua não é um processo cumulativo, como juntar objectos num armazém: é como um botão que vai desabrochando até se transformar numa flor. O papel desempenhado pela LI língua materna é bastante mais penetrante e subtil do que tradicionalmente se tem acreditado: ela tem um papel no início da aprendizagem, no processo da aprendizagem e no uso da L2 na comunicação». No caso de S.Tomé em que não temos um estudo da situação linguística dos falantes torna-se difícil precisar o papel desempenhado numa das línguas vivas, que participa no artefacto linguístico, dos

⁶⁹ João Peres e Telmo Móia. Idem. P. 18

⁷⁰ Ver o capítulo III.

⁷¹ João Peres e Telmo Móia. Idem.

⁷² Isabel Leiria. Falemos Antes de “Verdadeiros Amigos”. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. P.16.

diferentes falantes. Tal como podemos comprovar nos quadros, as proposições aí representadas não seriam possíveis sem a ajuda, tanto do português como do crioulo.

Continua Peres e Móia 1995, «que o falante se vê confrontado com a necessidade de seleccionar as palavras e as construções adequadas às combinações de significados que servem os seus propósitos pragmáticos; o falante terá ainda de lhes fazer corresponder uma adequada realização fónica, – isto é, em sons da linguagem oral ou da escrita. Podemos assim dizer, que a produção de um acto verbal envolve opções de diferentes níveis nomeadamente: semântico pragmático, lexical, sintáctico e fonético ⁽⁷³⁾.» É neste contexto que, para a frase “ele jogô parede com pedra” ⁽⁷⁴⁾ o vocábulo “jogô” ⁽⁷⁵⁾ numa análise superficial foge à norma do léxico português porque sofre uma apócope, o que o faz afastar da ortoépia da língua portuguesa. Situação igual a esta faz surgir palavra como “conhence” ⁽⁷⁶⁾, e permite que os alunos santomenses incorram a erros de ortografia.

Num acto comunicativo oral muita coisa é permissível, o que não podemos dizer o mesmo para a escrita. Quero com isso dizer, que apesar de ter este som “jogô” na oralidade o falante poderá escrever jogou, vai depender do maior envolvimento que ele tiver com as línguas: o falar santomense ou o português padrão.

O falante santomense, como qualquer falante do mundo adquire, pratica e produz todos esses momentos referidos por Peres, Móia 1995 e por Corder 1983, desde que tenha as faculdades linguísticas desenvolvidas. O que foi referido no parágrafo anterior coloca alguns santomenses numa situação difícil na medida em que, poderão estar envolvidos de forma semelhante em ambas as línguas. Se estamos a referir à língua materna e ao papel que ela desempenha para cada falante, então pergunta-se, para um santomense qual seria a sua verdadeira língua materna. Se considerarmos o falar santomense como língua materna dos santomenses, levantamos um outro tipo de problema que poderá colocar o português falado em STP numa situação igual ao mirandês ou ao português do Brasil. É de capital importância que se saiba qual é a língua materna dos santomenses para que com relação à

⁷³ João A. Peres. Telmo Moía. Áreas Críticas da Língua Portuguesa. Editorial Caminho. 2ª Edição. Lisboa 1995. P. 18/19.

⁷⁴ Ver o quadro do capítulo III.3.2.1. 1ª frase.

⁷⁵ Ver comentários. 3.2.1.2.

⁷⁶ Ver capítulo IV. 4.1.2.1. e o anexo.

norma se possa saber discernir o papel "penetrante e subtil" referido acima por Corder, realizado pela LI dos santomenses.

Importa desde já acentuar que nenhuma língua natural pode ser concebida como um sistema monolítico de possibilidades «de diferentes níveis acima mencionados», perante as quais os falantes fariam escolhas uniformes de acordo com os seus objectivos programáticos. Bem pelo contrário, todas as línguas que os seres humanos criaram (diga-se espontaneamente) incorporam margem de variação, mormente nos planos lexicais, sintácticos e fonéticos ⁽⁷⁷⁾. Pode-se dizer, seguindo o pensamento de Peres e Móia 1995, que uma língua é constituída por um agregado de subsistema que, divergindo em muitos aspectos, têm em comum um forte núcleo lexical, sintáctico e fonológico que define o que poderíamos denominar de «carácter» dessa língua, isto é, aquilo que a individualiza como macro-sistema. Por exemplo a língua portuguesa.

É com base no que foi acima dito que podemos afirmar que as frases axiomáticas que se apresentam nas colunas pertencente ao falar santomense ⁽⁷⁸⁾ é pertença dos santomenses e as frases que se apresentam nas colunas correspondentes à norma ⁽⁷⁹⁾ é pertença dos portugueses. Afirma – se isto porque pondo de lado todas as técnicas gramaticais, de gramáticas tradicionais ou generativas ou contrastiva, se lemos as frases que contam nos quadros vemos de imediato nestas frases a estrutura do crioulo mas também confrontamos com os léxicos e as perífrases da norma portuguesa, o que dificulta sobremaneira, a sua definição. Damos graças a institucionalização da língua portuguesa e a história do crioulo de base portuguesa, que nos fornece elementos para a sua identificação, sob o suporte da sintaxe, da semântica lexical, da semântica gramatical e da pragmática. Mesmo assim, a situação da língua portuguesa para o futuro será preocupante.

O léxico, segundo (Peres e Moía, 1995) constitui a matéria-prima fundamental com a qual se constrói as frases, e caracterizado por um sistema composto por algumas centenas de milhares de unidades (lexicais) que consistem numa forma fónica e gráfica a qual está associado um complexo de informações de diferentes tipos (nomeadamente, sintácticas e

⁷⁷ João A. Peres. Telmo Moía. Áreas Críticas da Língua Portuguesa. Editorial Caminho. 2ª Edição. Lisboa 1995. P. 18.

⁷⁸ Ver os quadros do capítulo III.

⁷⁹ Ver o quadro. Idem.

semânticas). No que respeita às informações semânticas podemos dizer que cada unidade lexical tem a capacidade de remeter para a parcela de realidade, seja ela de natureza física ou de natureza conceptual estática ou dinâmica, real ou hipotética ⁽⁸⁰⁾. Considerando o volume de responsabilidade que Peres e Móia dão ao léxico, por exemplo, ao compararmos a frase do falar santomense “ Você jogô parede com pedra”, verificamos que a palavra «jogô» esta a remeter para a parcela de realidade dos santomenses apesar desta frase não cumprir com a realidade semântica da língua alvo, o Português. A própria sintaxe da frase também apresenta obstáculo para a morfo-sintáctica da língua padrão. Por exemplo, o falante utiliza estrutura do crioulo ⁽⁸¹⁾. Ao fazer-se o estudo da sintaxe não será de todo compatível com a norma. O complemento circunstancial de lugar onde (parede), faz na frase o papel de complemento directo de (a pedra) ⁽⁸²⁾. Esta análise apresenta situação idêntica ao que foi referido no Colóquio para o crioulo de Moçambique ⁽⁸³⁾. Ou seja, o complemento directo/indirecto do crioulo, pela ordem que apresenta na frase e pela dispensa que faz dos artigos e das preposições, a ausência dos morfemas significativos leva – nos a outro tipo de análise morfo-sintáctica. Vai originar também o que referiu Heilmair de “mal entendidos” ⁽⁸⁴⁾. Os tais mal entendidos que figuram nos respectivos quadros do falar santomense, em frases interrogativas, declarativas exclamativas imperativas do capítulo III.

Todos sabemos que a má colocação da ordem das palavras na frase, em qualquer língua, remete a erros clássicos de análise da sua morfossintaxe. O mais grave ainda é quando se trata de uma língua institucionalizada e reconhecida pela sua história gramatical, como a língua portuguesa. Considerando os quadros do capítulo III, pode - se afirmar que, os santomenses estão a usar uma transferência de conhecimentos implícitos da estrutura mental do crioulo e ao mesmo tempo em situação inversa, usam também a sema mental do português para comunicarem entre si. Esta prática leva-nos a pensar que o falar santomense corresponde a característica de uma interlíngua.

⁸⁰ João A. Peres. Telmo Moía. Áreas Críticas da Língua Portuguesa. Editorial Caminho. 2ª Edição. Lisboa 1995. P. 19.

⁸¹ Crioulo: Ê jugá paledê ku budo. = Ao Falar santomense: Ele jogô parede com pedra. = Ao Português: Ele atirou a pedra para a parede.

⁸² Ver implicações metodológicas no capítulo V. 5.5.

⁸³ Perpétua Gonsalves. Actas do Colóquio sobre crioulos de base Lexical Portuguesa. Edição Colibri. 1992. P.73.

⁸⁴ Hans-Peter Heilmair. O Ensino da Língua Portuguesa como 2ª Língua. Editor Departamento da Educação Básica. 1998. P.101.

A variação da língua portuguesa em S.Tomé apresenta uma característica peculiar que a coloca associada a uma das citações feitas por (Pereira, 1998). “Falar crioulo leve ou acrolectal é uma das formas mais subtis de identificação simultânea com as duas línguas em presença, já que os limites entre elas se tornam aqui muito frágeis”⁽⁸⁵⁾. Evidentemente que para os santomenses essa fragilidade é tão marcante que a proximidade entre o crioulo de S.Tomé e o português proporciona um grande desfasamento na área da gramática como mostram os exemplos apresentados e os quadros com as frases feitas no falar santomense. Pereira quando analisou o crioulo de Cabo Verde fez anuência a outro processo de descrioulização; embora não tenha apresentado exemplos, vejo afinidades com o que penso da forma de variação da língua de S.Tomé. Diz ela que, o processo “consiste na combinação inovadora de um radical e um ou mais afixos já existentes na língua, segundo o modelo derivacional do português”⁽⁸⁶⁾. No meu entender em ST esta a ocorrer algo um pouco diferente, mas que tem muito a ver com o que disse Pereira⁽⁸⁷⁾. Façamos uma pausa nesta questão. Passemos a expressão oral referida por Genouvrier e Peytard 1974 ” se tende a negligenciar em todos os níveis do nosso ensino, o aspecto oral da língua”⁽⁸⁸⁾. Evidentemente que Emile e Jean fazem uma citação deveras pertinente na medida em que, não obstante darmos muita atenção à escrita, a língua oral está presente de forma permanente e com uma determinada referencia. Retornando onde estávamos, a citação acima feita por Pereira, em ST, os falantes tendem a usar a língua aplicando o método de supressão e contracção. Aplicam aférese, sincope, apócope de letras vogais e consoantes, tanto no início como no meio e no fim. Evidentemente que, esta pratica afecta a fonética da língua padrão comprometendo assim a sua ortoépia. Proporciona desta forma que, quando os santomenses falam determinadas palavras surjam frases pronunciadas como as seguintes palavras abaixo:

Bambora de nós. (III, 3.2. P66.)

Taquimu aqui. (III, 3.2., P.106)

Noé de manhã já. (III, 3.1. P.57)

Peu i. (III, 3.1. P.57)

⁸⁵ Dulce Pereira. Crioulos de Base Portuguesa. Universidade de Lisboa Faculdade de Letras. 1998/99. P.111.

⁸⁶ Dulce Pereira. Crioulo de Base Portuguesa. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. 1998/99. P.173.

⁸⁷ Ver o quadro do capítulo III; as composições no capítulo IV; e o anexo no capítulo VI.

⁸⁸ Emile Genouvrier. Jean Peytard. Linguística e Ensino do Português. 1974. P.23.

Sapu quê. (III, 3.1. P.57)

Professor foi ponde. (III, 3.1. P.7)

Onta teu. (III, 3.1. P.57)

Ê cabei meu trabalha já. (III, 3.2. P.64)

As palavras sublinhadas são as que podemos encontrar semelhanças com o que foi dito por Pereira. Não é só a nível da oralidade que podemos detectar perturbações. O aluno quando escreve uma composição tenta de certo evitar algumas perturbações provenientes da língua oral. Mas, por vezes não consegue como é demonstrado nas composições escritas pelos alunos da escola Básica de S.Tomé ⁽⁸⁹⁾. Por isso, mais uma vez justifica-se a pertinência deste trabalho. Os alunos do ensino Básico ainda não se encontram totalmente livres para a escrita (porque ainda se encontram apoiados pelos professores), e já escrevem com essas interferências apresentadas nas composições, 4.1. 4.2. Imaginemos quando tiverem maior liberdade de escrita e sujeitos a maior performance do falar santomense. O falar santomense está a ameaçar a ortoépia do português em S.Tomé, por isso, julgo ser de todo o interesse que seja feito o levantamento do problema, para que possamos também melhorar a escrita.

2.5. A lógica da linguagem e a lógica da gramática

Para (Coseriu, 1978) ⁽⁹⁰⁾ quando se fala da lógica da linguagem e da lógica da gramática corre-se o risco de confundir dois planos. O primeiro, do objecto de estudo, se tratar de estarmos a estudar alguma língua viva, ou seja, língua que não tem o estatuto de língua internacionalmente reconhecida, o crioulo; e a língua no seu campo científico, ou seja, língua internacionalmente reconhecida, a língua portuguesa. Estes dois planos que referem o autor são primordiais para a situação dos falantes e aprendente santomenses, que utilizam a língua portuguesa como o produto da mistura entre as línguas vivas como: o crioulo forro, o crioulo de Cabo Verde, a língua do angolar, a língua das togas e o lunguyé. Se estamos a trabalhar num contexto de imersão linguística, onde temos falantes convivendo com várias línguas vivas, o estudo da língua portuguesa como língua científica terá que

⁸⁹ Ver as composições do capítulo IV.

⁹⁰ Eugénio Coseriu. Gramática, Semântica, Universales. Estudios de Lingüística Funcional. Editorial Gredos. Madrid. 1978. P.15.

forçosamente ter uma metodologia diferente no que toca à lógica. Há que estabelecer etapas de evolução sucessiva da língua falada no país para atingir a lógica da ciência exacta, concretamente, quando se se tratar de inferência do forro na língua portuguesa, tendo em conta que é a língua de maior substrato.

No logicismo e antilogicismo gramatical Coseriu ⁽⁹¹⁾ propõe que se deve fazer esta distinção em dois planos. A distinção no plano da linguística e no plano da lógica ⁽⁹²⁾. Considerando esta última definição, ele relaciona com a lógica apofântica ⁽⁹³⁾, que segundo os seus conceitos, estabelece a diferença entre as línguas. Estabelece a diferença entre o crioulo, o falar santomense e o português na medida em que ela indica a fronteira da aceitabilidade entre as línguas, quando para o português não pode ser aceite frases idênticas as que se apresentam no quadro do capítulo III, na coluna do falar santomense.

Indo em direcção ao pensamento de Coseriu quando expõe sobre a lógica, a situação do falar santomense estará muito bem representada, se pusermos como enfoque, a análise da língua viva e particularizarmos no que se fala em S.Tomé: o português; o Crioulo; ou interlíngua? Que lógica usam os falantes santomenses ao elaborarem as proposições no falar santomense? Não será a mesma definida no dicionário ⁽⁹⁴⁾? Se o falar santomense é o produto derivado da mistura do crioulo e do português, se tomarmos em conta que o próprio crioulo é também o produto do português, é evidente que algumas das lógicas das frases podem cruzar e serem consideradas implicitamente de sinónimos como é o caso de “jogar e atirar” se pensarmos no sentido arremessar.

Quando os falantes usam as expressões do falar santomense, não se colocam a nível da realidade dos falantes de Timor Lorosa'e em que, por exemplo, a lógica (significado) do vocábulo “mora” está conotado como “doente ou doença”, para a semântica dos timorenses. A situação vista neste caso pode-se dizer que é ilógico. Mas para os vocábulos

⁹¹ Ibidem

⁹² Eugénio Coseriu. Definiu Lógica 1: “conjunto de princípios Y modalidades formales del pensamiento, a saber: de cualquier tipo de pensamiento. Lógica 2: el conjunto de principios Y modalidades formales del pensamiento racional U “objectual”, es decir que se refiere a la “realidad” considerad en su objectivid. P.16 Lógica 2b: disciplina que estudia los principios y modalidades formales del discurso que afirma o niega algo a propósito de una “realidad” cualquiera. P.17.

⁹³ ...puede considerar su objeto en el sentido deontológico y, en este caso, es la disciplina normativa que establece las condiciones del discurso apofántico adecuado.

⁹⁴Racional; coerente. Dicionário da Língua Portuguesa, 2006. Porto Editora 1952.

“jogar e atirar”, quanto a sinonímia, existe situação de equivalência no sentido de arremessar, como vem explícito no dicionário.

Concentrando ainda nas páginas onde contam os quadros (⁹⁵), o falar que se pratica em S.Tomé é feito com a maioria de vocábulos do português e com poucos vocábulos do crioulo. Se dentro da linguística o crioulo de S.Tomé considera-se de língua viva, como podemos considerar o falar santomense que apresenta expressões como: ele atirou/jogou parede com pedra (⁹⁶). Se analisarmos esta frase considerando o que acima foi dito, quanto a sua lógica, a que direcção nos poderá conduzir? Evidentemente que, teria que ser em direcção à língua portuguesa. Se analisarmos considerando o seu campo científico seríamos coagidos a aceitar todo o léxico da proposição uma vez que, os vocábulos são convergentes para os léxicos da norma.

Ainda no campo científico, as frases apresentam divergência quanto a sintaxe. Neste contexto, as frases como as que se apresentam na coluna do falar santomense seriam rapidamente consideradas como anti lógicas para a gramática portuguesa. Essas frases seriam analisadas no seu pleno funcionamento da língua, ou seja, seriam feitas uma análise gramatical. Portanto, as frases seriam analisadas sobre o ponto de vista de elementos que compõem as frases e o funcionamento desses elementos dentro das frases, sob o apoio da linguística portuguesa ou seja, pela lógica apofântica. A partir daí é que teríamos a certeza de que se tratava do falar santomense e não do português. Digo o falar santomense porque também não há condições para dizer que seja o crioulo.

Estaremos com certeza de acordo que, as frases são feitas com os léxicos que pertencem a gramática portuguesa, podendo haver alguma infiltração dos léxicos do crioulo em algumas frases (⁹⁷). Considerando a frase, uma estrutura gramatical será analisada como uma técnica, ou seja, um conjunto de procedimentos que tornam possíveis um discurso. Então poderíamos ser tentados a dizer que, a frase: “ele jogou parede com pedra” poderia também ter o direito de ser analisada como estrutura gramatical da língua portuguesa uma vez que tem dentro da sua estrutura só vocábulos da língua portuguesa. É também certo, que ao estudarmos o funcionamento da língua daremos de imediato atenção a um

⁹⁵Quadros do capítulo III.

⁹⁶ A frase “Ele jogô parede com pedra “. Também pode ser referida: “Ele atirou parede com pedra”.

⁹⁷ Como comprova as frases dos quadros do capítulo III. 3.1. 3.2. 3.2.2. 3.3. 3.4.

obstáculo: a semântica da sintaxe. Caso uma frase saia fora da norma pré estabelecida, automaticamente os linguistas tratarão de remete-las ao erro morfo-sintáctico. Nesta óptica, esta frase e as demais que constam nos quadros da coluna correspondente ao falar santomense serão provavelmente analisadas da maneira semelhante, com consequências de nunca virem a ser consideradas de frases mas sim, de não frases. Nesta conjuntura, eu diria que também não estariam bem enquadradas como não frases, se considerarmos as definições apresentadas pelo Cintra e Cunha (⁹⁸) sobre frase. Há que considerar que, o falar santomense enuncia o sentido completo. Portanto, a definição que Cintra e Cunha dão ao que é uma frase.

Coseriu 1978 (⁹⁹) considerou a gramática como disciplina de «ilógica». Para ele a gramática descritiva estrutural e funcional, considera o objecto na sua realidade objectiva, ou seja, gramática puramente linguística. Isto quererá dizer que, qualquer acto elocutório existente num determinado país, caso não obedeça a norma linguística de qualquer língua Institucionalizada será automaticamente anulado pela gramática da linguística. Esta tem sido a prática de todos os professores em S.T.P. sob a orientação da coordenação. Por isso não é de estranhar ver-se aprendentes que chegam ao final dos semestres ou do ano, com uma enorme nota em todas as disciplinas mesmo estrangeiras (o francês e o Inglês), e com menores notas e grandes dificuldades na disciplina de português. Porque será que ocorre esta situação?

É evidente que, pelo facto de existir uma norma para determinar os nossos actos comunicativos em muito ajudou a civilização, não obstante ter constituído para alguns um entrave. A existência de uma gramática normativa em língua portuguesa tem um papel preponderante para que se possa determinar com maior exactidão o que se pretende atingir e para que direcção se deve ir com relação ao ensino aprendizagem da língua portuguesa. Possibilitar-nos-á ter elementos de apoio que nos fará decidir e definir por exemplo, qual é a situação da língua portuguesa em S.Tomé, como atrás foi referido (¹⁰⁰). Tomando como exemplo a frase: “ele jogô parede com pedra”. Apesar de a frase ter todo o léxico da

⁹⁸ Luís L. Cintra. Celso Cunha. “frase é um enunciado completo, a unidade mínima de comunicação.” Gramática. 1999.

⁹⁹Eugénio Coseriu. Gramática, Semântica, Universales. Estudios de Linguística Funcional. Editorial Gredos. Madrid. 1978. P.19.

¹⁰⁰ Ver interlíngua no capítulo I.

norma, vemos que a união dos sintagmas não seguiu o caminho que seria suposto esperar para a norma portuguesa. Esta situação remete-nos a duas perguntas: O falante falou em que língua? A descrição estrutural utilizada foi funcional? É evidente que, entre os santomenses, conseguem realizar o acto elocutório, e a mensagem passará. Então diremos que foi funcional. Isto quererá dizer que, as respostas às perguntas acima poderiam ser:

1. Ele falou em português incorrecto, ou em interlíngua ou no falar santomense.
2. Estrutura utilizada foi incorrecta (diferente) mas funcionou, porque foi possível a comunicação.

Coseriu afirma que a estrutura gramatical também é indeterminada no ponto de vista da lógica, uma vez que, o discurso trata-se de uma técnica com elementos frásicos para torna – lo possível (¹⁰¹).

Diz também que há que distinguir três planos da linguagem: o plano universal, o plano histórico, o individual ou o particular. Considerando a comunicação oral, a situação dos falantes de S.Tomé convive num conflito linguístico entre o plano histórico, o plano universal, o individual especificado por Coseriu 1978 (¹⁰²). A forma de falar dos santomenses sofreu influências dessas três fases, facto que vem referido por Pontífice 1998 (¹⁰³) e por Mata 2001 (¹⁰⁴). Pontífice quando fala sobre o convívio entre as línguas e Mata quando refere a expansão linguística em zonas rurais e ruralizadas, do crioulo e do português.

¹⁰¹ Coseriu P.19

¹⁰²Eugénio Coseriu. Gramática, Semática,Universales. Estudios de Lingüística Funcional. Editorial Gredos. Madrid. 1978. P.21.

¹⁰³Fernanda pontífice. Relatório do Desenvolvimento Humano. S. Tomé e Príncipe. 1998. P.59.

¹⁰⁴ Inocência Mata. Colóquio Internacional sobre as Línguas Nacionais de S. Tomé e Príncipe. Editor MEC. S. Tomé e Príncipe. 2001. P.81.

2.6. Como poderá uma gramática contrastiva contribuir para o falar santomense?

É de concordar com Coseriu, 1978 ⁽¹⁰⁵⁾, quando evidencia o papel da gramática contrastiva para a solução de questões que têm a ver com a presença da língua materna e da língua de chegada ⁽¹⁰⁶⁾. A pergunta típica da gramática contrastiva é: “o que é que não coincide nas duas línguas?” Ela compara o contraste entre as duas línguas com fins práticos, ou seja, de léxico a léxico e a relação morfo – sintaxe. Neste caso, as frases dos quadros por exemplo, a primeira frase da coluna de frases declarativas ⁽¹⁰⁷⁾, a relação morfológica entre os vocábulos utilizados na construção, não são correspondentes com a do padrão; logo, a sintaxe também constituirá um problema. Portanto, só resta saber quanto a semântica.

Tendo sido possível realizar-se uma análise morfo-sintáctica na frase, quer dizer que houve o funcionamento da língua neste acto comunicativo. Tendo havido o funcionamento da língua, inquestionavelmente estará presente também, a gramática descritiva estrutural e funcional. Para analisarmos a parte funcional será necessário certificarmos de que foram atingidas as realizações linguísticas. E, a forma mais concreta de o sabermos é podermos confirmar que num acto de fala ou num enunciado, as frases proferidas pelos falantes ⁽¹⁰⁸⁾, e escritas pelos alunos, ⁽¹⁰⁹⁾, cumpriram com os seus objectivos.

Se concentrarmos no que diz Emile e Jean no capítulo: “As análises do estilo como desvio”, diz o seguinte: “... o pensamento aí está primeiro à espera de que o material da linguagem venha dar-lhe forma” ⁽¹¹⁰⁾. Esta citação vem reforçar a especificidade de todas as frases que constam nos quadros, pertencente ao falar santomense no capítulo III. Não há dúvidas de que todas elas já exprimem por si só um pensamento. Mas o material da linguagem que foi utilizado, nos encaminha para o desvio da língua alvo. Por essa razão pode –se dizer que a gramática contrastiva é o meio mais apropriado para situações como estas. A pergunta que normalmente é feita por uma gramática contrastiva chega a dar resposta a esses problemas. Para o caso de tradução, por exemplo, segundo a experiência já obtida nesta pratica, nunca poderá ser tão linear o resultado de qualquer tradução. A

¹⁰⁵Eugénio Coseriu. Gramática, Semântica, Universales. Estudios de Lingüística Funcional. Editorial Gredos. Madrid. 1978. P.80/81.

¹⁰⁶ Língua portuguesa.

¹⁰⁷ Ver capítulo III, 3.2. Frases declarativas.

¹⁰⁸ Ver capítulo III, 3.1., 3.2., 3.2.1., 3.3., 3.4.

¹⁰⁹ No capítulo IV.

¹¹⁰ Emile Genouvier. Jean Peytard. Lingüística e Ensino do Português. 1974. P.393.

tradução foi referida para o caso de se considerar o falar santomense de tradução. Penso que não se trata somente de tradução. Poderá ocorrer traduções e outras acções inerentes a linguagem que a particulariza como o falar santomense. O que referiu Emile e Jean sobre a linguagem podemos constatar a mesma em Coseriu 1978 ⁽¹¹¹⁾ na distinção do logicismo e anti logicismo gramatical. Não deixo também de referir Cristóvão 1987 ⁽¹¹²⁾ na sua preocupação quando abordou “Encontros e desencontros linguísticos” em que chamou a atenção que se deve dar a língua portuguesa, protegendo-a da concorrência por vezes desleal de outras línguas.

2.6.1 Relação entre a lógica do falar santomense e a teoria hermenêutica.

A hermenêutica se define segundo (Bleicher, 1970) ⁽¹¹³⁾, em termos genéricos, teoria ou filosofia da interpretação do sentido. Surgida como tema central na filosofia das ciências sociais, na filosofia da arte e da linguagem e na crítica literária. Os conceitos da hermenêutica são elementos fulcrais para a análise em curso, na medida em que, cada vez que se lê os seus conceitos encontra – se elementos relacionáveis que poderão clarificar, ou contribuir para a análise das expressões provenientes do “falar santomense”, no campo da semântica.

Pelo facto de não se saber com exactidão a intenção comunicativa vinda de um determinado falante, considerando as “descrições de sentido subjectivamente intencional”, leva a que os falantes santomenses em muita situação de realização linguística incorram a erros de comunicação no sentido hermenêutico quando interpretam algumas frases provenientes do português padrão ⁽¹¹⁴⁾. Se consideramos a definição da análise gramatical como se encontra estatuído no dicionário ⁽¹¹⁵⁾, segundo a linha do pensamento de Dubois as escolas tentam fazer os aprendentes descobrir ou mostrar a natureza e função das palavras que existem na frase. Por exemplo com a frase: “Ele jogô parede com pedra”, considerar-se-á “ele” de sujeito da frase, “jogô” de predicado, “parede com pedra,” de

¹¹¹Eugénio Coseriu. Gramática, Semântica, Universales. Estudos de Linguística Funcional. Editorial Gredos. Madrid. 1978. P16.

¹¹² Fernando Cristóvão. Notícias e Problemas da Pátria da Língua. 2ª Edição. Ministério Da Educação e Cultura. 1987. P. 30.

¹¹³Josef Bleicher. Hermenêutica Contemporânea. Edições 70. Lisboa. P. 13.

¹¹⁴ Ver os quadros do capítulo III.

¹¹⁵ Jean Dubois e outros. Dicionário de Linguística. P. 46.

complemento da frase. Tal como é definido na análise lógica, nesta frase, a lógica seguiu uma modalidade institucionalizada que é a língua portuguesa, mesmo que errada. Para quem estudou a gramática portuguesa vê de imediato que seria incorrecta esta análise considerando a hermenêutica da linguística portuguesa. Se víssemos a lógica do falante, ou seja, o seu pensamento, provavelmente chegaríamos a conclusão de que é semelhante a lógica contida na frase escrita para o falar santomense e escrita para a norma. Genouvier e peytard 1974 (¹¹⁶) fazem anuência a esta lógica na publicação: “Linguística e Ensino de Português”. Nessa conjuntura a solução a que chegaríamos era: o pensamento do falante da coluna pertencente ao falar santomense é o mesmo pensamento do falante da coluna pertencente a norma portuguesa, para a maioria das frases.

A teoria hermenêutica constitui uma questão complexa, na medida em que, quando se considera uma situação de comunicação entre dois intervenientes, a subjectividade do primeiro falante (se considerarmos o falante da língua materna – o Português), não prevê a subjectividade do segundo falante, (considerando o falante da língua materna o falar santomense). Ou seja, não é possível prever o objectivo pretendido pelo falante, se for o caso de a comunicação ter sido feita no “falar santomense”, na sua objectividade antiga ou mesmo actual, tendo sempre em conta o português norma. Em muitas realizações linguísticas o falante santomense tem pretensão subjectiva semelhante ao do falante da norma portuguesa, tal como nos é demonstrado para algumas frases nas colunas pertencente ao falar santomense no capítulo III.

Esta teoria põe o enfoque na interpretação do sentido ou seja, o seu método considera o que o autor sentiu ou pensou no momento da acção do acto de comunicação. Para que seja possível, seguindo o pensamento de Bleicher, o falante usa um conjunto de “cânones” (¹¹⁷) de comunicação humana que o uso metodologicamente desenvolvido da nossa actividade intuitiva serve para o conhecimento objectivo. Penso que esses cânones só podem facilitar a compreensão dos falantes que estão familiarizados com eles. Os santomenses sejam os letrados ou não, entendem a semântica das frases que aparecem nos quadros na coluna correspondente ao falar santomense e dá-lhes a mesma ou aproximada significação apresentada neste trabalho para a coluna correspondente a norma, no capítulo III. Numa

¹¹⁶ Emile Genouvier. Jean Peytard Linguística e o Ensino do Português. Livraria Almedina. P. 280 283 284.

¹¹⁷ Josef Bleicher. Hermenêutica Contemporânea. Edições 70. Lisboa. P. 58.

análise estrutural, em gramática gerativa e transformacional (¹¹⁸) consiste em testar uma frase proveniente de uma base, para ver se ela tem uma estrutura que seja possível aplicar a transformação. Tomando como exemplo a frase em análise, podíamos realizar a seguinte transformação: “ele jogô parede com pedra” para “ele jogou pedra para parede” ou mesmo “ele atirou a pedra para a parede ” ao aplicarmos o conceito da análise distribucional de Bloomfield 1930/1933 (¹¹⁹). Se fossemos pela gramática metalista em que se considera que as partes de uma língua não se processam de forma arbitrária, e que cada elemento tem relação entre eles. Estas frases cumpririam o seu objectivo, na medida em que, o processo de raciocínio mental que foi feito para elaboração destas três frases, cada elemento está em certas posições particulares com relação a outros; ao passo que se fossemos pela lógica de que existem frases bivalentes teríamos outro nível de preocupação, não à semântica no seu sentido lato mas sim, à semântica da sintaxe.

Na perspectiva de encontrar uma base teórica, a filosofia hermenêutica afirma que, o intérprete ou o receptor e o objecto estão ligados numa situação de comunicação, num contexto de tradição linguística. De igual forma podemos ver a seguinte citação (¹²⁰) “discurso e compreensão só são possíveis num contexto de comunicação em que dois sujeitos participam em igualdade de termos, para que o significado pretendido e percebido possa ser quase coincidente”. Esta citação também evidencia o mesmo contexto. Podemos tomar como exemplo para esta citação as palavras homónimas. Mas, para o caso de S.T., o léxico da norma ganha um valor mais expansivo para o crioulo e consequentemente para o falar santomense, tal como demonstro com as proposições: “Escola desmanchou” em oposição a “ as aulas terminaram” (¹²¹), ou “Ele jogo parede com pedra” em oposição a “Ele atirou a pedra para a parede”, como será interpretada a mensagem. A mensagem só passará se ambos, o emissor e o receptor tiverem o conhecimento da mesma tradição linguística. Os santomenses têm a tradição linguística em língua materna (seja o crioulo ou o falar santomense) e em língua portuguesa. Portanto quererá dizer que estão por vezes em melhores condições de discernir uma mensagem da outra. Ou seja, estão em condições de compreender tanto o crioulo ou o falar santomense ou o português. O problema encontra – se na utilização da língua. Quando é que devem usar uma língua e não a outra, uma vez

¹¹⁸ Jean Dubois e outros. Dicionário de Linguística. P. 46.

¹¹⁹ L. Bloomfield. 1993. Dicionário de Linguística. Ibidem.

¹²⁰ Josef Bleicher. Hermenêutica Contemporânea. Edições 70. Lisboa. P. 58.

¹²¹ Ver capítulo II, 2.1., e outras explicações ao longo do trabalho.

que já sabemos de que a forma de discursar depende do indivíduo para o indivíduo. E por conseguinte, no momento da escrita que problemas enfrentam?

A prova de que o falante ou o emissor da frase “ele jogo parede com pedra” e o receptor da mensagem só poderão se entender se tiverem o mesmo contexto de tradução linguística, vai implicar a compreensão prévia do objecto em foque pelo que se anula dizer que exista a neutralidade do assunto ou seja fora do contexto, salvo, se o receptor não estiver inserido no contexto da tradição linguística. Penso que todos os professores ou pessoas que viveram no contexto linguístico santomense, se prestarem um pouco mais de atenção estão aptos para relacionarem as proposições feitas no falar santomense e na língua padrão, que se apresentam nas duas colunas do capítulo III.

“A finalidade de compreensão de um texto pode deixar de ser o reconhecimento objectivo do sentido visado pelo autor, passando para o aparecimento do conhecimento praticamente relevante, em que o próprio sujeito muda pelo facto de se consciencializar das novas hipóteses de existência e de sua responsabilidade em relação ao seu próprio futuro ⁽¹²²⁾.” Seguindo a lógica da citação de Bleicher, qualquer texto escrito pode deixar de representar o seu sentido real, mesmo que seja escrito em língua padrão. Para o caso de S.T. qualquer texto escrito com interferência do falar santomense, para além de sofrer transformações de novas hipóteses próprias da interpretação, sofrerá também a transformação a nível da semântica gramatical quando confrontada numa análise, no sentido língua padrão ao falar santomense.

Na citação Bleicher diz: “O acesso aos outros seres humanos só é, no entanto, possível por meios indirectos: o que sentimos inicialmente são gestos, sons e acções e só através do processo de compreensão passamos dos sinais exteriores à vida interior subjacente à existência psicológica do Outro. Já que a vida interior não nos é dada na experiência do sinal, temos de a reconstruir; as nossas vidas fornecem os materiais que nos vão permitir completar a imagem da vida interior dos Outros. O acto de compreender estabelece a ligação com o eu espiritual do outro e o grau de entusiasmo com que nos lançamos nesta aventura depende da importância que o outro tem para nós ⁽¹²³⁾.” É com base na citação do

¹²² Josef Bleicher. *Hermenêutica Contemporânea*. Edições 70. Lisboa. P. 58.

¹²³ Josef Bleicher. *Hermenêutica Contemporânea*. Edições 70. Lisboa. P. 21/22.

autor que partilho de que seria muito importante para os santomense, que todos os professores, tanto cooperantes como nacionais, unissem as suas forças e os seus interesses em desenvolver mecanismos de actividades em prol do processo do ensino – aprendizagem, para a compreensão dos alunos santomenses.

A compreensão é motivada pelo nosso interesse quando temos algo concreto para partilhar. Por isso tem que ser dado aos aprendentes algo que possam interiorizar. Torna – se necessário, e de certa forma reconforta-os compreender o porquê de certas coisas como: erros de grafia erros da semântica e da gramática. Hoje com a questão da imigração, a língua portuguesa está em contacto com novos conflitos da miscigenação. Para S.T., o problema que se coloca é, há quanto tempo convive com essa miscigenação linguística, e a que nível se encontra? Que novos desafios esperam?

As frases produzidas no falar santomense têm características de uma tradução. Mais de que forma é esta tradução? A teoria hermenêutica explica esse fenómeno: “Hermes transmitia as mensagens dos deuses aos mortais. Quer isto dizer que, não só as anunciava textualmente, mas agia também como «intérprete», tornando as palavras inteligíveis e significativas..., a hermenêutica tem duas tarefas: uma de detectar o conteúdo do significado exacto de uma palavra, frase, texto, etc; e a de descobrir as instruções contidas em formas simbólicas” (¹²⁴). Para esclarecer a questão de tradução que é muito referida por diferentes autores, podermos tranquilamente afirmar que, mesmo que os santomenses estejam a fazer uma tradução, não se trata puramente de uma tradução. Provavelmente usam as informações de forma simbólicas com léxicos que já possuem outras funções específicas de uso na comunidade falante como é o caso de “jogar e atirar”. Ringbom 1985 (¹²⁵) refere “que, qualquer falante sob a influência de línguas com alguma proximidade “... a existência de um grande número de cognatos constitui sem dúvida, o maior factor de facilitação. No entanto, este fundo lexical comum pode ser obscurecido por características individuais do sujeito (que pode não ser capaz de relacionar cognatos óbvios) ou, e isto particularmente no caso do oral, por características fonéticas da variedade a que pertence a amostra de língua em causa”. Esta citação encontra a sua justificação nos quadros

¹²⁴ Josef Bleicher. *Hermenêutica Contemporânea*. Edições 70. Lisboa. P.P. 23/24.

¹²⁵ H. Ringbom. *Falemos Antes de “Verdadeiros Amigos”*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. P.16.

apresentados no capítulo III. Se compararmos as proposições feitas no falar santomense vemos representado o que diz Ringbom: tanto para o léxico como para a fonética e a semântica.

A relação entre a linguagem e o discurso reflecte-se na existência entre a interpretação e a compreensão. Compreender é sempre mais do que conhecer o sentido ou o significado das palavras usadas no discurso. Por este motivo, os aprendentes santomenses experimentam por vezes, uma sensação de desânimo pelo facto de compreender certas proposições feitas através da norma portuguesa, mas que são contrariados pelos professores. Por exemplo se dão uma resposta como: “O menino jogou parede com pedra”. Para os aprendentes, a semântica da frase é idêntica se tivessem dito “O menino atirou a pedra para a parede.” Os alunos que frequentam o ensino Diocesano João Paulo II (¹²⁶), também convivem com este tipo de experiência. O maior problema desta realidade é que, os aprendentes compreendem as frases vindas da norma, mas as imposições da sintaxe e da gramática da norma fá-los estarem errados. Os professores agem em direcção a norma linguística, sem sequer sentirem tentados a apoiá-los nas suas dúvidas quanto ao uso pragmático que fazem ao estudarem a língua portuguesa.

2.6.2. Que futuro para os universais linguísticos e para o português?

As línguas vivas são designadas também, de universais linguísticos. Elas têm constituído a preocupação de muitos linguistas. S.Tomé e Príncipe também possui esses universais. Pode – se considerar que em STP existem cinco: o forro, o lunguyé, o tonga, o angolar, o cabo-verdiano. Este trabalho foi baseado na língua viva o forro, porque é a realidade que mais se conhece e também porque é o que representa a base de substrato da língua, o falar santomense.

Por exemplo, um falante diz: “ Você jogô parede com pedra” e o outro que diz: “ Tu atiraste a pedra para a parede”. Qualquer santomense não terá dúvida em identificar o primeiro falante como sendo exclusivamente de S.Tomé e Príncipe. O segundo falante será mais difícil ser identificado e hesitaria entre: estrangeiro, filho de emigrante, e ou filho de pais letrados. Esta última hipótese é muito rara porque as crianças são muito vulneráveis

¹²⁶ Dita escola portuguesa em STP.

em absorver influências linguísticas do meio em que estão inseridas. A afirmação é feita considerando as composições escritas no capítulo IV, feitas pelos alunos do ensino primário, ainda sob influência e apoio das professoras. Desde este nível já foi possível detectar interferências do falar santomense nas redacções.

As interferências encontradas (nas composições) no capítulo IV demonstram que, tanto os pais letrados em S. Tomé e Príncipe como os pais menos letrados, confrontam-se com o desafio de ver os seus filhos a usar a língua portuguesa com a mistura do crioulo, ou seja, com a influência do falar santomense, ou de “interlíngua”. Como se não bastasse, com a globalização tem havido mais intercâmbio de pessoas e quadros profissionais o que faz o “falar santomense” consolidar cada vez mais, que até já existem vocábulos do crioulo a serem utilizados em detrimento do vocábulo português. Não existe atitude de defesa por parte do Ministério da Educação para a resolução desta questão. O método que tem sido a prática do Ministério é de ensinar a língua da norma, ignorando o meio em que a população se encontra inserida. É aí onde a citação de Pontífice torna pertinente: “Apesar da sua pequenez S. Tomé e Príncipe pode ser considerado um verdadeiro mosaico sociocultural. A prová-lo, o seu panorama linguístico no qual se ressalta a presença de vários idiomas nacionais que coabitam com o Português...”⁽¹²⁷⁾. Nesta citação Pontífice faz referência às cinco línguas: de S. Tomé. Não evidencia a forma da utilização da língua, ou da miscigenação em si, ou seja, “o falar santomense”, sobre o qual este trabalho se insere. Será que o falar santomense poderá ser também considerado de universal linguístico?

2.7. O pensamento em crioulo e o pensamento em português

Para (Coseriu, 1978) o pensamento não necessita de justificação. Pode separar-se da estrutura linguística (idiomática da experiência), baseando em designação, em referência e em extra linguística, depende do significado linguístico. A designação pode ocorrer independentemente do significado da língua. Isto pode-se verificar em linguagens construídas por lógicas, linguagens técnicas, e também em partes técnicas das línguas históricas. Coseriu considera perigoso caso ocorra no ponto de vista técnico e científico, em que a língua de chegada diga o mesmo que a língua de partida, como é o caso do

¹²⁷ Fernanda Pontífice. Relatório do Desenvolvimento Humano. S. Tomé e Príncipe. 1998. P. 59.

crioulo de ST. Ele considera aceitável no que concerne ao pensamento, mas não para expressões idiomáticas. Exemplifica em expressões como: “Das gefällt mir~~ I like this. Francês; cela me plaît~~ J’aime cela. Espanhol; questo me piace ~~ esto me gusta. Português; gosto disso.” Todas estas frases expressam o mesmo pensamento, segundo Coseriu. Concordo com ele apesar de numa frase ter sido utilizada a palavra técnica e na outra não. Elas podem corresponder a estrutura linguística da língua desta forma, fazendo parte desde logo do pensamento inseparável da expressão da língua. Ele também salienta a questão dos conteúdos que podem ser mais gerais do que os de outra língua, podendo expandir para outras interpretações noutra língua. Ver capítulo II, 2.1.

Após esses dizeres referentes ao pensamento, recapitulemos a questão do falar santomense, e tomemos como referência à questão posta por Coseriu (¹²⁸), quando refere o papel da gramática contrastiva, e que, para este trabalho eu diria: Como se diz em falar santomense? Na vez em que a frase é feita em português. Como se diz o mesmo em Português? Na vez em que a frase é feita no falar santomense. Por exemplo, dadas as frases:

A: Ele jogou parede com pedra.

B: Ele atirou a pedra para a parede.

Ambas exprimem o mesmo pensamento. A questão que se coloca é pelo facto de ambas serem expressas com palavras que pertencem a língua portuguesa. O que acontece é que a frase A separou-se da estrutura portuguesa mas manteve o mesmo pensamento da frase B. Esta situação repete – se em:

Frases interrogativas (capítulo III, 3.1.)

Frases declarativas (capítulo III, 3.2., 3.2.2.)

Frases exclamativas (capítulo III, 3.3.)

Frases imperativas (capítulo III, 3.4.)

¹²⁸ Eugénio Coseriu. P.82

2.8. Influência por indução vocabular em frases feitas no falar santomense

Em muitas situações os aprendentes santomenses, confrontam com diversas formas de descontentamento no ensino aprendizagem da língua portuguesa. Desde sempre os estudantes santomenses tiveram professores cooperantes ou professores que passaram pelo sistema colonial, ou seja, formados na era colonial. Até ao momento actual, não existe nos nossos arquivos do Ministério da Educação uma sequência de informações que nos possa informar qual é o quadro de dificuldades respeitante ao problema linguístico santomense. Se existiu? Até quando? Se deixou de existir, desde quando.

Não pretendo de forma alguma culpabilizar este ou aquele. Simplesmente alertar às pessoas de direito para ver esta questão do falar santomense e direccionar atenção e esforços no sentido de pelo menos começarmos a preocupar com esta situação. Seria de toda importância que começássemos a questionar: Por que será que os alunos mesmo sabendo que é português que se fala em STP experimentavam uma sensação de desconforto ao aprender a disciplina? A mais de 18 anos que trabalho como professora de Língua portuguesa, não consegui encontrar uma resposta para esta questão. Tive muitos alunos que eram bons em muitas disciplinas como, o inglês e o francês, mas iam aos tombos na disciplina de português.

Foi devido a todas essas dúvidas sem resposta que despertou a minha atenção para ver o que existia. Hoje, com maior segurança afirmo que o problema que os alunos sempre enfrentaram em português é derivado do falar santomense. Muitas vezes, no falar santomense podemos encontrar vocábulos que são da língua portuguesa, mas, que passaram a ter outros significados na mente dos santomenses. É evidente que o que agora acabo de dizer é algo semelhante ao que ocorre em qualquer língua. Mas neste momento trata-se de uma determinada língua de superstrato (padrão) que forneceu vocábulos, se não diferentes, iguais, com valor mais geral para uma outra língua, cuja base é portuguesa. Tomemos como exemplo a frase A e B.

Frase A:

Ele jogô parede com pedra.

Frase B:

Ele atirou a pedra para a parede.

O vocábulo “Jogô” é um vocábulo que se encontra camuflado no crioulo santomense na sua forma basilectal “Jugá”. Analisando o léxico pode-se dizer que sofreu uma troca da vogal aberta “o” para a vogal fechada “u”. Por analogia ocorreu uma apócope ao “r” final do verbo jogar, tendência que se poderá constatar em quase todos os verbos e palavras portuguesas portadoras da consoante “r”. A semântica deste vocábulo terá passado do português para o crioulo mantendo a mesma ideia, mas, no crioulo terá se generalizado para o sema de “atirar”. Quanto ao vocábulo terá perdido o basilectal “jogar”, passado para o mesolectal já na fase do crioulo “jugá” e agora como acrolectal ficou “Jogô”. Esta última fase diria que já é o produto da mencionada miscigenação linguística, o que demonstra muito claramente que o falante tem conhecimento de ambas as línguas. E, que de forma implícita e por indução transformou-a sobre influência da apetência que tem sobre as duas grafias, tanto do crioulo como do português. Da parte do crioulo foi indução através da fonética e da semântica.

Felizmente para esta frase o vocábulo manteve a mesma semântica para a acção de atirar qualquer objecto. Mas, mesmo assim, para a língua padrão exige outro vocábulo para a mesma ideia. A mensagem produzida com esta característica por indução, não poderá encontrar sucesso na semântica portuguesa. Situações idênticas podem ser encontradas no capítulo III., 3.2., 48^a., 61^a frases.

Para que possamos prevenir para o futuro, urge que medidas sejam tomadas para por cobro às situações como estas acima referidas. Que não fiquemos ao nível de superficialidade como tem sido o hábito de muitos professores, apresentando registos superficiais do género: os aprendentes não identificam os substantivos; nem os adjectivos; etc. Se os aprendentes revelam dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa, é de capital importância que se saiba a sua origem. Que seja registada a origem desta dificuldade. Que seja demonstrada a semântica da sintaxe do português (em determinados léxicos), para que lhes possa ser útil na ortoépia e na ortografia da língua padrão.

Não existe nenhum documento que testemunhe ou que determine onde e porquê de como se processa as dificuldades sentidas pelos aprendentes, nas suas respectivas escolas. Caso para questionarmos: Será que são os professores os culpados? Se realmente queremos obter

a resposta para esta questão, seria bom que ponderássemos na seguinte citação “ Compreender é sempre mais do que conhecer o sentido ou o significado das palavras usadas no discurso – o ouvinte ou o autor tem de participar, idealmente, na mesma «forma de vida» que o falante ou escritor, a fim de conseguir compreender não só as palavras utilizadas, mas partilhar a comunhão de pensamentos que se lhe oferece» que poderá se processar de forma intelectual emocional e moral.” ⁽¹²⁹⁾. Penso que é chegado o momento de termos os registos de indução lexical e mais elementos perturbadores do bom funcionamento da língua portuguesa e do crioulo.

¹²⁹ Josef Bleicher. *Hermenêutica Contemporânea*. Edição 70. P.52.

CAPÍTULO III

EXPRESSÕES PRÓXIMAS DO PORTUGUES E DO CRIOULO NUMA SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO. FRASES NO FALAR SANTOMENSE E SUAS CORRESPONDÊNCIAS DO PORTUGUÊS PADRÃO. SUA IDENTIFICAÇÃO E COMENTÁRIOS. O PAPEL DO PROFESSOR.

3.1. Frases interrogativas:

3.1.1. Identificação

Falar santomense	Português padrão
1ª Mama ta chamamu?	A mãe chamou-me?
2ª Noé de manhã já? Não é de manhã já?	Já é de manhã? Amanheceu?
3ª Peu i?	Para eu ir/que eu vá? Queres que eu vá?
4ª Quem nhonou meu pão é?	Quem mexeu no meu pão?
5ª Sapu quê?	Sabes porquê?
6ª Professor foi ponde?	Aonde foi o professor? Ou vice - versa
7ª Quem tá chamamu é?	Quem me chama?
8ª Êpa onde que você táva nele ontem?	Aonde estavas ontem?
9ª Vocês tudo vai embora?	Todos vão embora?
10ª Ocê sabe, eu que sei?	Como sabes o que (eu) sei?
11ª On tamu? On ta eu?	Aonde estou ?
12ª Você pode dá sô gen recado?	Podes dar o recado ao senhor?
13ª Ta metê cu eu?	Estas a meter comigo?
14ª Quê que fez ocê?	O que te aconteceu? O que te fez?
15º Como cu gente faz?	O que fazemos? Como é que fazemos?
16º On ta docê/ docês?	A onde está o teu/ o vosso?
17º Ê que só posso né?	Só eu (que) faço tudo?
18º Está a i pa casa fazer qué** um casa?	O que vais fazer em casa?
19º Ontá teu? Onestá teu? Um tá teu? ⁽¹³⁰⁾	A onde está o teu?
20ª Quem quero?	Quem quer?

¹³⁰ Podemos encontrar os falantes a pronunciarem as três formas.

3.1.2. Comentários

O quadro está dividido em duas colunas sendo uma pertencente ao falar santomense e outra ao português padrão. O item 3.1. apresenta tipo de frases interrogativas no falar santomense e no português. Em estudo da gramática, ou seja, para o funcionamento da língua, o professor terá de partida, que confrontar com dificuldades nas seguintes classes gramaticais: as classes e as subclasses das palavras; os pronomes; os advérbios; as preposições, as concordâncias do singular, do plural, e as formulações de perguntas. Para a fonologia poderá exigir também muita intervenção do professor. De forma geral, as frases que se apresentam nas duas colunas são semelhantes pelo menos na semântica, na medida em que, desde logo exprimem a mesma ideia. O problema encontra-se na tradução do crioulo para o português. As frases apresentam característica de uma frase traduzida. A tradução terá sido feita na forma de conjugação perifrástica para o crioulo, por exemplo: “Mama está a chamar-me?”⁽¹³¹⁾. Desta feita o verbo português sofre de imediato uma aférese a sílaba “es” mantendo a sílaba “ta”. Ao verbo “chamar” foi feito uma apócope ao “r” final marcador do infinitivo português ao passar para o crioulo; o clítico é suprimido porque não faz parte da estrutura do crioulo e o pronome oblíquo não reflexo liga-se directamente ao verbo, alternando por vezes de “me para mu”, na nova tradução para o falar santomense. O grande problema que se coloca para essa nova tradução é, que se trata de uma cópia linear da estrutura do crioulo. Pode-se assim ver a proximidade lexical referida por Corder⁽¹³²⁾, Ellis⁽¹³³⁾ e Ringbom⁽¹³⁴⁾. Como mecanismo de facilitação, o falante usa traços da LI como estratégia comunicativa⁽¹³⁵⁾. O falante com esta forma de uso da língua põe em prática o que Coseriu definiu em “Lógica Del lenguaje y Lógica De La Gramática”⁽¹³⁶⁾. As informações que não couberam nos comentários, podem ser encontradas nas páginas reservadas ao glossário.

O professor terá que dar atenção especial à formulação de perguntas negativas. Algumas estruturas representam a forma de frases com características de frases negativas feitas no crioulo. Esta situação ocorre devido a proximidade existente com a estrutura do crioulo

¹³¹ Crioulo: Mama eska samamu.

¹³² Pit Corder, capítulo I deste trabalho.

¹³³ Rod Ellis, já referido neste trabalho.

¹³⁴ H. Ringbom, já referido neste trabalho.

¹³⁵ Ver a primeira frase do quadro, 3.1.

¹³⁶ Eugénio Coseriu. Gramática, Semântica Universales. P.15.

santomense. Numa análise morfológica teríamos grandes dificuldades porque a frase não obedece a estrutura da sintaxe portuguesa. Por exemplo, o léxico “já” tem algumas condicionantes na gramática portuguesa que não tem nada a ver com o crioulo. Por exemplo a sua inversão frente a uma negação. E para algumas frases era desnecessário ser colocado no fim. Ver o quadro 3.1. 1. 2ª frase e o glossário.

A questão da fonética no falar santomense tem sido tão fortemente marcante em algumas expressões, que urge chamar a atenção dos aprendentes como, diz Cabral ⁽¹³⁷⁾. As construções frásicas do género apresentadas nos quadros, são inúmeras no falar santomense, o que poderá comprometer grandemente as conjugações do modo verbal português. Normalmente o falante faz um “*transfer*”⁽¹³⁸⁾ da estrutura do crioulo para o falar santomense. Portanto não se encontra correspondência com a estrutura da língua padrão se não abrirmos a expressão em: “*para eu ir*” por exemplo. Aí pode-se ver marcadamente o carácter da língua cuja estrutura foi emprestada do crioulo “*pan bé*” ⁽¹³⁹⁾, depois de o próprio crioulo o ter feito. Ver capítulo III., 3.1., 3ª frase e o glossário.

O professor terá que dar atenção a alguns vocábulos como por exemplo “*nhonou*” ⁽¹⁴⁰⁾ que pertence meramente ao crioulo, mas que já está sendo conjugado com a terminação do pretérito perfeito do verbo português. O professor terá também que dar atenção à ausência do artigo, indicador do substantivo português, mas, que por vezes é simplesmente omitido. É muito usada a palavra “*ê*” que normalmente aparece no final da frase. Trata-se de uma estratégia de comunicação em crioulo, que usa, com o objectivo simplesmente de dar ênfase a expressão. Esta estratégia foi também transferida para o falar santomense, que usa com a mesma função. Ver o glossário e em frase em que aparece.

Podemos verificar também que o falante fica destreinado por não ouvir o verbo “*saber*” na forma correcta da segunda pessoa do singular português, do presente do indicativo “*sabes*”. A causa desta situação é devido a não flexão do verbo saber no crioulo santomense, que é designado de “*sebê*”. Mantém esta forma para todas as pessoas gramaticais, o que é

¹³⁷ Amilar Cabral quando fez referencia da necessidade de as crianças saberem a origem das suas línguas. Ver capítulo I deste trabalho.

¹³⁸ Pit Corder, já referido neste trabalho.

¹³⁹ Do crioulo “Pan”. Português “para”. Falar santomense “pa”. Crioulo “n”. Português “eu”. Falar santomense, “eu”. Crioulo “bé”. Português “ir”, Falar santomense “i”.

¹⁴⁰ Este vocábulo é do crioulo mas já se pode dizer que pertence também ao vocábulo do falar santomense.

compreensível, porque se trata da parcimónia do crioulo (¹⁴¹). Actualmente o falante santomense faz uma apócope a sílaba “*Bes*” analogicamente como se faz em algumas palavras do crioulo. Faz uma síncope ao “*r*”, como forma de evitar a sua utilização e faz contrair parte da palavra “saber e porquê”, de maneira que a palavra ganhe um som na oralidade. Ver a 5ª frase do quadro 3.1.

O professor terá que dar atenção ao complemento circunstancial. Terá também de explicar aos aprendentes como é que surgiu o “*ponde*”. Esta palavra analogicamente terá surgido da contracção entre a preposição “para” e o pronome “onde.” A preposição “*para*” sofreu uma apócope as letras “a, r, a” e contraiu com a palavra “onde” obedecendo a característica do crioulo santomense. Restará ao professor trabalhar com os alunos sobre os advérbios de lugar para, lugar onde e lugar a onde, da gramática portuguesa. Ver a 6ª frase, 3.1.

Por vezes é feita uma aférese ao verbo estar no pretérito imperfeito do indicativo que o transforma em “*tava*”. O vocábulo “*nele*” não é necessário para realizar a comunicação. Mas, o vocábulo “*nele*” aparece porque é um vocábulo que faz parte da expressão do “*falar santomense*” e que terá surgido pela influência do crioulo. No crioulo a palavra “*nê*” sofreu um acréscimo da sílaba “*le*” e perdeu o acento; representa “*lugar a onde*” (¹⁴²). Ou seja, esta palavra surge para apoiar a primeira “*andje*” que não consegue realizar sozinha a sua função. O falar santomense fez uma tradução mental da ideia mais próxima e surgiu assim a palavra nele, como forma de evidenciar o lugar a onde. Ver 3.1., 8ª frase.

O professor terá que se preocupar com o pronome indefinido. No falar santomense a palavra “*tudo*” pode representar:

Nomes contáveis = quantos;

Nomes massivos não contáveis = que quantidade;

Pode ser usado como = pronome substantivo. Esta situação ocorre pela influência do crioulo. O vocábulo tem um valor mais extensivo no falar santomense, o que lhe impossibilita de seguir a norma. Ver a 9ª frase, 3.1.2. e a 57ª Frase, 3.2.1.

¹⁴¹ Referido por Dulce Pereira em crioulo de base portuguesa. 1999.

¹⁴² Crioulo: Andje bo tava nê; “nê” em português: referência ao lugar; no falar santomense: nele.

Existe frase que parece ser simples mas é problemática na medida em que foge da estrutura gramatical portuguesa. O crioulo por não ter conseguido estabelecer uma relação, então contornou fazendo a supressão de algumas palavras deixando desta forma a expressão subentendida. Ver a 10ª frase, 3.1.

O professor terá que trabalhar o problema de contracção das frases orais no falar santomense. Fazê-los ver como é que o verbo e o pronome português se associam através de um clítico. Os aprendentes terão que aprender o pronome pessoal, a distinção entre o pronome possessivo e o pessoal, e o momento da sua utilização nas frases. A palavra “*onde*” sofreu apócope a sílaba “*de*”; a palavra “*está*,” sofreu aférese a sílaba “*es*” perdendo de seguida o acento agudo quando contraiu com a palavra “*mu*” (¹⁴³). Os falantes ora usam o “*mu*” (que teve a sua origem de “*me*”), ora usam “*eu*” pelo facto de os dois pertencerem a primeira pessoa gramatical. Não ligam a regra gramatical portuguesa. A frase não tem nada a ver com a norma. Ver glossário e a 11ª frase, 3.1.

Deve ser mais evidenciado a norma correcta do sintagma português: sujeito predicado complementos. Apesar de em muitas frases a semântica ser igual a língua portuguesa a característica da parcimónia do crioulo está presente, na priorização dos substantivos quando refere à pessoa. Mas uma vez pode-se observar a supressão da vogal e da consoante da palavra “*senhor*” mantendo simplesmente “*sô*” depois de o ter acentuado. O vocábulo “*gente*” também pela pronúncia que os falantes fazem perde a vogal “*e*” final. Ver a coluna correspondente no capítulo III, 3.1., 12ª frase.

O professor terá que trabalhar com os aprendentes a forma mais correcta de pôr a questão em português, para que fique dentro da norma portuguesa. O pronome interrogativo “*o que*” perdeu a sua estrutura e a sua fonética. O falante usou a estrutura do crioulo para construir esta frase. Fez uma aférese a consoante “*v*” da palavra. Ver a 14ª frase em 3.1.

A palavra “*como*” necessita de ser acompanhada do verbo “*é*” e seguida de “*que*” para que a frase obedeça a estrutura da norma. Em vez da preposição “*com*” o falante usa a preposição do crioulo “*cu*”. O vocábulo “*gente*” por vezes não é necessário na medida em que, trata-se de uma comunicação em que o emissor e o receptor estão próximos. O

¹⁴³Ver o glossário.

vocábulo “*gente*” pode representar singular ou plural do falar santomense. Ver a 15ª frase, 3.1.

Para a norma devia ser “*onde*” mas a expressão sofreu uma apócope a última sílaba. Ao verbo “*está*” ocorreu aférese a sílaba “*es*”. Ao vocábulo “*docê*” também ocorreu uma contracção (¹⁴⁴). Ver o quadro do capítulo III, 3.1., a 16ª frase correspondente e o glossário.

Os falantes fazem uma apócope a vogal “*u*” final do pronome. Semanticamente, a frase não tem nada a ver com o português padrão, que seria: constantemente/ sempre/ amiúde/ eu faço tudo. A negação “*nê*” (¹⁴⁵) que aparece na frase é comum no falar santomense e trata-se de situação idêntica a palavra “*nele*”, já referido no capítulo III, 3.1., 8ª frase. Ver também a 17ª frase do mesmo capítulo.

A conjugação perifrástica “*está a ir*” sofreu apócope a primeira sílaba e perdeu o seu elemento de ligação ficando desta forma com a sonoridade ligada ao verbo “*tá*”. O verbo “*ir*” terá sofrido uma apócope ao “*r*” final, penalização que sofrem, ao passarem para o crioulo. A preposição “*para*” sofre também uma apócope a última sílaba “*ra*” ganhando de seguida um acento agudo. É hábito dos santomenses colocarem o pronome interrogativo “*o que*” no início, no meio, ou no fim da frase. Este perdera o artigo, “*o*” e a sua fonética fora alterada da vogal “*e*” para vogal “*ê*” tónica. Ocorre uma troca da palavra “*um*”, em detrimento da preposição “*em*”. Mas a ideia da frase continua sendo a mesma da norma. O falante utiliza normalmente uma perífrase, o que evidencia a presença do crioulo. A característica do falar santomense, a qual a sua origem foi possível devido a influência do crioulo, baseia o seu diálogo com perífrase o que leva a erros da sintaxe. Por vezes não é necessária a repetição de determinado vocábulo, como por exemplo “*casa*”, uma vez que, a primeira palavra é suficiente para a realização da frase. Nesta conjuntura trata-se de um “transfer” referido por Corder 1983, igualmente analisado no capítulo I (¹⁴⁶). Ver a 3.1., 18ª frase deste capítulo.

Normalmente, o falante faz contrair duas palavras “*onde*, e *está*”. As duas sofrem respectivamente, uma apócope e uma aférese igual a mencionada para a 1ª e para a 16ª

¹⁴⁴ Falar santomense: *docê* = de + você. Ver glossário.

¹⁴⁵ É uma estratégia do crioulo para dar ênfase a frase. Falar santomense segue a mesma via com a palavra “*nê*”. Em português = não é. Ver glossário.

¹⁴⁶ Para a palavra “*fazê*” ver glossário.

frases. O vocábulo, “*teu*” aparece na frase sem o artigo identificador do género. Este comportamento no falar santomense, derivado da indução do crioulo proporciona aos alunos uma péssima construção, acabando por perturbar a sintaxe portuguesa. Na segunda frase ocorre uma contracção com a diferença de que, só o pronome onde sofre apócope a última sílaba “*de*”. Na terceira frase a palavra “*um*” (¹⁴⁷) substitui o pronome “*onde*” e o significado não altera. Ver a 19ª frase e o glossário.

Os santomenses usam a primeira pessoa gramatical do verbo português como se fosse a terceira pessoa. Provavelmente será por analogia, devido a parcimónia do crioulo, por não possuir a flexão verbal, quando exprime a mesma ideia. Ver a 20ª frase.

3.2. Frases declarativas

3.2.1. Frases declarativas afirmativas

3.2.1.1. Identificação

Falar santomense	Português santomense
1º Ele jogô parede com pedra. (¹⁴⁸)	Ele atirou a pedra para a parede.
2º É melhor você morrê docê.	O melhor seria que morresses.
3º Ê tôi comê dimim. (¹⁴⁹)	Eu vou comer.
4º Pa vê se gente leva.	Para que possamos levar.
5º Taqui eu aqui.	Eu estou aqui.
6º Eu tinha lá.	Eu estava lá.
7º Escola já desmancho.	As aulas terminaram.
8º Ocê mandou boca cumigo.	Tu discutiste comigo.
9º Ele picou pinha.	Ele foi picado por um espinho.
10º Ê ti umbora de mi.	Eu vou embora.
11º Dexamu i detá dimi.	Eu vou dormir.
12º Ê tô de mi cu minha fome.	Tenho muita fome.
13º Eu tava um campo bola.	Eu estava no campo de bola.

¹⁴⁷ Esta palavra tem várias funções. Ver glossário.

¹⁴⁸ A palavra “jogô” é a forma como tento representar o som da palavra. Pode aparecer escrita “jogou” em algumas frases.

¹⁴⁹ Pode ser pronunciada com o som “mim ou mi”.

14° Há muito fulumento.	Há muita confusão.
15° Eu tô a pô você lá um estrada pà vê se você consegue reia.	Eu vou pôr-te na estrada para ver se consegues ir sozinha.
16° Doutouro falô como sioro morreu cu coração.	O doutor disse que o senhor morreu com problemas no coração.
17° Ê tô imhora de mi.	Eu vou-me embora.
18° Ele batemu dele cu soco.	Ele deu-me socos.
19° Um gajo tá vi de banho lá diné Dédé.	Nós estamos a vir da casa do Dédé onde fomos tomar banho.
20° Vê como gente nhangou porta.	Alguém estragou a porta.
21° Taqui doce.	Aqui está o teu. Este é teu.
22° Ê tô a dormi dimim.	Eu estou a dormir.
23° Água friô dele.	Á água arrefeceu.
24° Nino tá corrê trás dimi.	O Nino está a correr atrás de mim.
25° Mulhé deu uma quebra.	A mulher deu uma gargalhada.
26° Ela tá lá d'inem Mano.	Ela está em casa de Mano.
27° Chuva ta vi caí.	Vai cair chuva.
28° Comida docê tá lá um cima mesa.	A tua comida está por cima da mesa.
29° Eu non fui lá já.	Eu já lá fui.
30° Ele veio dele cu tosse.	Ele chegou com tosse.
31° Ele tá saltá gente.	Ele está a saltar por cima de mim.

32° Chuva ta í caí.	Cairá chuva.
33° Eu cabei meu trabalho já é.	Eu já acabei o meu trabalho.
34° Ocê deu um minha cima.	Tu deste-me um encontrão.
35° Ela/você ducunumu.	Ela arruinou-me. Tu arruinaste-me.
36° Prima rotô.	A prima arrotou.
37° Ocê ta vugu cumigo.	Tu estás a refilar comigo.
38° Ele demu cu coisa dele/ ele deu-me cu soco (¹⁵⁰).	Ele bateu-me. Ele deu-me um soco.
39° Ele pegou pau ele demu cu ele.	Ele bateu-me com o pau.

¹⁵⁰ “cu” usado com o valor de preposição e não como artigo. Ver glossário.

40° Eu tô deu aqui. Eu tô dimim aqui.	Eu estou aqui.
41° Dei minha vida conselho.	Dei conselhos a minha vida.
42° Vai umbora docê. Vamo umbora de nós.	Vai-te embora. Vamos embora.
43° Mosquito mordeumu.	Eu fui picado pelo mosquito.
44° Ele levantou, encontrou mãe/pai dele a fazer, ele também fez.	Ele fez aquilo porque viu os pais a fazer.
45ª Damu mê chapéu pê i cu ele pà igreja.	Dá-me o meu chapéu para eu levá-lo /que eu possa levá-lo a igreja.
46ª Eu tenho um espelho um minha casa. ⁽¹⁵¹⁾	Eu tenho um espelho em minha casa.
47ª Eu fico cu você.	Eu fico contigo.
48ª Maria vem cu registo doce pá mi.	Maria traz o teu registo para mim.
49ª Professor custou de sair.	O professor demorou a sair.
50ª Gen vai ni/um carro.	Nós vamos de carro.
51ª Essa coesa é pocê.	Isto é para ti.
52ª Água mato ta vi.	A cheia.
53ª Né gente de lá de inem Jorge.	São as pessoas da casa do Jorge.
54ª Tia, mamã mandou comentá tia.	A mãe manda cumprimentos para a tia.
55ª Dexamu cu minha vida.	Deixa-me em paz.
56ª Eu molhei chuva.	Estou toda molhada. Encharcada.
57ª Ele demu tudo.	Tudo isto, foi ele que me deu.

58ª Ele caiu prego. Prego picô ele.	Ele foi picado por um prego.
59ª E pa passá non custa /pa saltá no custa.	Não me é difícil atravessar.
60ª Eu tô i com ela lá de tia.	Eu vou acompanhá-la a casa da tia.
61ª Ela tomô pá mi.	Ela recebeu para mim.
62ª Eu coencia ⁽¹⁵²⁾ casa dele mais primero que ocê.	Eu conhecia a casa dele antes de ti.

¹⁵¹ O vocábulo “um” em vez da preposição “em”. Ver o glossário.

63 ^a Este ano ê to vi pa um de Junho.	Este ano irei ao 1º de Junho.
64 ^a Eu tinha lá d'inem João.	Eu estava lá do João.
65 ^a Ele falô dele eu não liguei.	Ele falou mas não dei importância.
66 ^a Ê cu truxe isso cua.	Eu que trouxe isto.
67 ^a Eu fico deu cara mamão.	Eu fico zangado/aborrecido.
68 ^a Ele jugô vrido lá um grento. ⁽¹⁵³⁾	Ele atirou o vidro para dentro.
69 ^a Ta nora pê i pa casa.	Já é hora de eu ir para a casa.
70 ^a Bambora de nós, pá.	Vamos embora.
71 ^a P'êla falá filho homem, não.	Ela devia dizer um rapaz mas não disse.
72 ^a Você manga cu eu eu dá você cu coisa.	Tu gozas comigo eu bato-te.
73 ^a Upé tá duemu muinto.	Eu tenho muita dor nos pés.
74 ^a Quaqué/Quaquer cuesa abasta eu tô lá.	Qualquer coisa lá estou.
75 ^a Hora que eu tava lá.	No momento em que eu lá estava.
76 ^a Toda cua é eu só.	Para tudo só eu sirvo.
77 ^a Mãe damu dinheiro.	Mãe dá-me o dinheiro.
78 ^a Ê tô dimi parida verde.	Eu acabei de dar a luz.
79 ^a Tudo dia você fica comigo.	Todos os dias ficas comigo.
80 ^a Carro bateu ele.	Ele foi atropelado por um carro.
81 ^a Eu fui pá escola um carro.	Eu fui de carro para a escola.
82 ^a Ele jogô rapaz com pedra.	Ele atirou a pedra contra o rapaz.
83 ^a Ele caiu pinha. Pinha picô ele.	Ele foi picado por um espinho.
84 ^a É arroz cu peixe.	É o arroz com o peixe.
85 ^a Vem cu plufiá.	Não insistas.
86 ^a Eu estive drentro casa.	Eu estava dentro da casa.
87 ^a Envenenaram a minha irmã.	A minha irmã foi envenenada.
88 ^a Ele deu entrou.	Ele entrou de repente/subitamente.

¹⁵² Ver a semelhança de som na composição escrita no capítulo IV, 4.1.2. e no anexo.

¹⁵³ Do crioulo: vidlu e glento. Ver análise no capítulo III. 3.2.1.2. comentários.

89 ^a Eu tava quase quase pa sino tocá.	Eu estava ansioso para que o sino tocasse.
90 ^a Calito tá um trás porta.	Carlitos está atrás da porta.
91 ^a Ele cu domu cua dele.	Ele bateu-me.
92 ^a Eu não gosto de peixe curu. ⁽¹⁵⁴⁾	Eu não gosto de peixe cru.
93 ^a Eu tô virá osso.	Eu emagreci.
94 ^a Comida tá doce.	A comida está saborosa.
95 ^a Eu tô cu barriga.	Eu estou grávida.
96 ^a Não há escola.	Não há aulas.
97 ^a Eu fico ele...	Se eu fosse ele...
98 ^a Luz foi embora.	Não há luz.
99 ^a Em vez de andá fica a vê vê só.	Em vez de andar só fica a ver.
100 ^a Esponde ele. ⁽¹⁵⁵⁾	Responde a ele/lhe.
101 ^a Roupa cortou um corda.	A roupa caiu da corda.
102 ^a Coesa fez escuro.	Escureceu. Está escuro.
103 ^a Eu ti lá.	Eu vou lá.
104 ^a Eu vou só eu venho.	Eu vou depois eu volto.
105 ^a Ela rancô barriga.	Ela desfez a gravidez.
106 ^a Taquimu aqui.	Eu estou aqui.
107 ^a Ele/você quero.	Ele/você quer.

3.2.1.2. Comentários

Estes quadros apresentam diferentes situações dos quais o professor terá que trabalhar com os aprendentes em diferentes classes gramaticais. O professor terá que trabalhar: a classe dos verbos, dos pronomes demonstrativos, dos possessivos, das preposições, dos artigos, os vocábulos e as formulações de perguntas. Ou seja, deverá trabalhar toda a gramática.

¹⁵⁴ Indução vocabular do crioulo “culu” para o falar santomense “curu”.

¹⁵⁵ O falante aplica a regra de supressão do “r” da palavra portuguesa. Ver a análise no capítulo III, comentários, e glossário.

Numa comparação entre colunas correspondentes, por vezes, as frases exprimem a mesma ideia e outras vezes não. Para a análise da sintaxe, aí sim, encontramos grandes entraves. Em primeiro lugar deparamos com trocas de funções sintácticas. Existe frase em que, o grupo pertencente ao sujeito e ao predicado cumpre a norma, apesar de o verbo não exprimir a realidade que se pretende, por exemplo, o verbo “*atirou*”. O que aconteceu a este verbo tem a sua explicação no crioulo (¹⁵⁶). O verbo sofreu uma apócope a vogal final “*u*”, e em seguida ganhou um acento circunflexo em “*o*” e alterou a sua fonética. Quanto ao sintagma que pertence ao complemento, houve uma troca de posição entre o complemento directo e o complemento circunstancial. Como resultado, a frase tem todo o vocábulo da língua portuguesa, mas usa a estrutura de frases feitas no crioulo. Ou seja, o falante ao utilizar a língua no falar santomense, não obedeceu a estrutura gramatical portuguesa, como seria de esperar. Esta frase representa uma transcrição linear de uma frase do crioulo. O verbo “*jogô*” se encontra no crioulo com um sentido mais abrangente, que para este caso poderá ter a função de atirar. A troca da posição dos sintagmas foi devido a influência do crioulo, cumprindo a sua parcimónia que é fazer evidenciar e dar maior prioridade aos dois substantivos “*ele...parede*”. Ver a 1ª e a 82ª frase deste capítulo.

Existe frase que demonstra a forma como o santomense contorna o modo conjuntivo português. Dificilmente utiliza o modo conjuntivo. As vezes em que, o modo indicativo pode substituir resolvem a situação. Mas há vezes em que não é possível o contorno, então o falante utiliza uma determinada forma de construção. O professor terá que trabalhar o modo conjuntivo com os aprendentes. O verbo “*morre*” sofre uma apócope, em seguida ganha um acento circunflexo na vogal “*e*”. Com o vocábulo “*docê*” ocorreu uma contracção, tendo sofrido também uma aférese a letra “*v*” inicial. A frase exprime a mesma ideia da norma. Não era necessária a repetição de “*você*”, si não para evidenciar o substantivo (¹⁵⁷). Ver a 2ª frase declarativa afirmativa, em 3.2.

O falante fez uma apócope a vogal “*u*” do pronome, “*eu*” e fez contrair a expressão “*estou a ir*”. A ideia expressa é igual a norma. Esta forma de usar a língua no falar santomense, como consequência, compromete o uso de conjunções perifrásticas da língua portuguesa.

¹⁵⁶ Crioulo: Ê jugá palede ku budo. Ver a correspondência no capítulo III, 3.2. 1ª frase.

¹⁵⁷ Ver o glossário para a palavra “*morre e docê*.”

O professor terá que trabalhar os pronomes oblíquos não reflexos para que o aluno evite a utilização arbitrária dos mesmos. Ver a 3ª frase, 3.2. e o glossário.

O condicional é um modo verbal que não tem correspondência directa com o crioulo. Confunde-se no falar dos santomenses devido ao seu carácter aleatório no crioulo. Por isso, justifica a falta de rigor na frase. O professor terá que dar maior atenção ao verbo e sua concordância. O vocábulo “*gente*” tanto pode estar no singular mantendo a mesma pessoa verbal. É provável que esteja aí, uma das causas do erro de concordância que os alunos cometem entre o sujeito e o verbo (¹⁵⁸). Ver a 4ª frase em 3.2.1.

O falante faz contrair o verbo *está* (¹⁵⁹) com o pronome *aqui*. O vocábulo *aqui* repete-se duas vezes para obedecer uma regra do falar santomense, ou seja, para dar maior força a frase. A ideia expressa é igual a norma. Ver a 5ª frase, 3.2. 1.

Existe uma forma recente que os falantes santomenses usam no diálogo. A forma mais antiga era, “*tive lá, tava lá*”. Actualmente “*tinha lá*”. Provavelmente será devido a influência de terem escutado verbos compostos, em português norma e, por economia de tempo, o auxiliar *está* agora a fazer o papel do verbo principal no falar santomense. Ou, devido ao crioulo acrolectal, ou leve, que usa as duas formas arbitrariamente. O problema que se coloca é que, ao verbo “*estar*” foi-lhe feito uma aférese a primeira sílaba, tanto como no pretérito perfeito “*estive*”, como no pretérito imperfeito “*estava*”. E como consequência, quando os falantes usam o diminutivo do verbo no pretérito perfeito “*tive*” torna-se semelhante ao verbo “*ter*” no mesmo tempo. E julgo que por analogia surge o “*tinha*” a realizar acções pertencentes ao verbo *estar*. Por isso a ideia da frase apresentada na coluna do falar santomense difere da ideia da frase apresentada na coluna pertencente a norma (¹⁶⁰). O professor terá que esclarecer aos aprendentes esta troca da semântica verbal. Ver a 6ª frase, 3.2.1.

Existe frase que se apresenta sob a influência do crioulo. A palavra “*desmanchar*” do vocábulo português generalizou-se ao passar para o crioulo. Agora, é empregue no falar

¹⁵⁸ Para as palavras “*pa* e *vê*”, explicações no capítulo III.

¹⁵⁹ Ver o glossário.

¹⁶⁰ Ver os quadros do capítulo III

santomense como se tratasse do verbo “*terminou*”. Para a expressão portuguesa o verbo “*desmanchar*”, não realiza a mesma acção que o verbo *terminar* (¹⁶¹). Ver a 7ª frase, 3.2.1.

Na 8ª frase do sub capítulo 3.2.1., a expressão tem característica de expressões idiomáticas do crioulo, feita simplesmente uma tradução dos vocábulos (¹⁶²). Mas, exprime a mesma ideia da frase correspondente.

O professor terá que fazer entender aos aprendentes, que a gramática portuguesa tem regras para as frases activas e passivas. Para que os alunos distingam quando o sujeito da frase sofre uma acção mas não a praticou. Por isso é que, as duas colunas não têm a mesma estrutura de construção. Mas quanto a semântica exprimem a mesma ideia. Ver o quadro do capítulo III, 9ª frase declarativa afirmativa, em 3.2.

O pronome, “*eu*” aparece na sua forma mais reduzida, tal como o verbo “*estou*” e o verbo “*ir*”. Ou seja, o falante reduz a conjugação perifrástica ao ínfimo (¹⁶³). O vocábulo “*estou*”, sofreu aférese e apócope, só manteve a letra “*t*”, e ao verbo *ir* (¹⁶⁴). “*Embora*” sofreu uma alteração da vogal “*e*” para a vogal “*u*”. As palavras “*di*” e “*mi*” surgem devido a tentativa de os falantes usarem o pronome pessoal oblíquo português. O falante ao traduzir o crioulo comete erro gramatical. A ideia da mensagem é a mesma da sua correspondência. Ver a 10ª frase, 3.2.1.

Os falantes habituem-se a ouvir palavras como, “*dexamu*” sincopadas da vogal “*i*” ou outras vogais como se pode ver na palavra “*deixar*” e “*deitar*” que aparecem na frase; por isso escrevem em português sem dar grandes atenções à escrita, devido a proximidade existente entre as duas línguas. Quanto a semântica exprimem ideias semelhantes (¹⁶⁵). Ver a 11ª frase, 3.2.1. e o capítulo IV, 4.1.2.

O crioulo faz-se representar no falar santomense, fazendo evidenciar o substantivo ao utilizar os dois pronomes: o oblíquo e o possessivo na mesma frase, respectivamente, “*dimi*

¹⁶¹ Ver o quadro do capítulo III, 3.2.1.

¹⁶² Crioulo: *bô mandá boka ku ami*.

¹⁶³ Ver glossário.

¹⁶⁴ Ver o glossário. Ver o quadro correspondente no capítulo III.

¹⁶⁵ Ver o quadro correspondente no capítulo III e o glossário para outras palavras.

e minha”. A mensagem é a mesma da norma. Ver a 12ª frase e o glossário para outras palavras.

O professor terá que trabalhar os artigos e as contracções. O falante utiliza “*um*” como se fosse uma preposição (¹⁶⁶). Por isso não é surpreendente que os aprendentes tenham dificuldades em identificar e classificar os artigos, por exemplo, os indefinidos. Na oralidade constrói frases utilizando uma palavra como se fosse preposição no falar santomense, mas, a palavra possui o valor de artigo na língua padrão. Ver a 13ª frase, 3.2.1.

O vocábulo “*fulumento*” (¹⁶⁷) foi trazido do crioulo. As frases exprimem a mesma ideia. Ver a 14ª frase. O vocábulo “*reia*,” encontra-se no crioulo com um valor mais extensivo, por isso, a frase não é correspondente à língua padrão. Ver a 15ª frase.

“*Cu*” é meramente do crioulo como se pode comprovar no glossário. Apesar de este vocábulo ser também preposição, por vezes não é a preposição adequada, que se deve utilizar para uma mesma frase em norma. A expressão “*cu coração*”, que é tradução do crioulo (¹⁶⁸) para o falar santomense representa em língua padrão uma outra ideia. Ver a 16ª frase.

O verbo *vir* sofreu uma apócope ao “*r*” final. Trata-se de uma característica do crioulo que está sendo utilizado no falar santomense em todos os verbos do português. A expressão “*lá dine Dédé*” é puramente uma expressão vinda do crioulo (¹⁶⁹). Ver a 19ª frase.

A palavra “*nhangou*” é do crioulo (¹⁷⁰) que já está sendo conjugada seguindo a norma do pretérito perfeito do verbo português. É uma palavra com valor genérico e que está a ser introduzida no falar santomense em substituição dos verbos como: abriu, estragou, deformou, etc. Ver a 20ª frase.

¹⁶⁶ Ver o glossário.

¹⁶⁷ Ver glossário 5.7.2.

¹⁶⁸ Crioulo: Ê molê ku cloçõn.

¹⁶⁹ Crioulo: non eska bi nalá d’inem Dédé. Ver capítulo III, com frase correspondente.

¹⁷⁰ Crioulo: Pyá mon guê nhangá potó.

O crioulo forma a frase colocando o pronome depois do verbo, com a função de reforçar ou realçar o substantivo. Para a gramática portuguesa já não é necessário, basta a frase por exemplo: “*estou a dormir,*”⁽¹⁷¹⁾ porque o sujeito pode vir subentendido, porque poderá ser identificado pelo verbo. Penso que o falante não usa o pronome pessoal oblíquo não reflexivo átono devido a difícil pronúncia “estou a dormi me”,⁽¹⁷²⁾. Não seria fácil para o falar santomense. Então o falante usa a contracção – “*dimim,*” que não contraída seria mais próxima do pronome oblíquo não reflexivo tónico “*de mim*”. Com esta prática do uso da língua, o falante revela a confusão na utilização do pronome em língua padrão. Ver a 22ª frase.

A palavra “frió” ficou com a sua função gramatical alterada quando passou a ser usada no crioulo. A palavra passou do adjectivo (conceito) para o verbo devido ao “imput” lexical vinda do crioulo “fiá”. Esta situação como muitas outras que certamente observarão ao longo deste trabalho é a transferência de conhecimento implícito, da estrutura mental da L1 para a interlíngua, a qual está a constituir um conhecimento separado e com desenvolvimento independente da L1 como citou Corder; concluiu, que quanto mais semelhante são a L1 e a L2 mais ajuda a L1 pode dar não só na aquisição como também na performance⁽¹⁷³⁾. Portanto o falante ao utilizar o léxico “*frió*”, comete erro ortográfico proveniente da semântica lexical e gramatical, (por causa da diferença entre o adjectivo, o substantivo, e o verbo da palavra) mas que permitiu para a realização pragmática. Isto é muito comum na prática do falar santomense⁽¹⁷⁴⁾. Ver a 23ª frase.

O professor terá que dar atenção ao advérbio. O verbo “*correr*” sofre uma apócope ao “*r*” final. “*Um,*” ocupa o lugar de uma preposição que não é necessária. O vocábulo “*atrás*” sofre uma aférese a vogal “*a*” inicial. A ideia expressa é a mesma da norma. Ver a 24ª frase e o glossário. O substantivo “*mulher*” sofre uma apócope ao “*r*” final. O vocábulo “*quebra*” é meramente do crioulo. Ver a 25ª frase. O falante em vez da tradução está a substituir as pequenas expressões do português por pequenas expressões do crioulo. Por exemplo como faz com a expressão “*d’iné Mano*”. Ver a 26ª frase e os quadros.

¹⁷¹ Ver o quadro do capítulo III.

¹⁷² Crioulo: Um eska duminimu.

¹⁷³ Pit Corder 1983. Já referido.

¹⁷⁴ Crioulo: auá fiá dê. Ver o quadro capítulo III. Frase declarativa.

Para referir ao tempo passado ou futuro os falantes utilizam uma determinada construção frásica devido a influência do crioulo ⁽¹⁷⁵⁾. O verbo pertencente a construção perifrástica surge de forma alterada da sua estrutura original que seria “*está a vir*”, se não fosse a ocorrência de aférese, omissão e apócope ⁽¹⁷⁶⁾, feita à expressão. O professor terá que trabalhar com os aprendentes a questão dos verbos “vir e ir”. A ideia das duas colunas não diverge ⁽¹⁷⁷⁾. Ver a 27ª frase.

Deve ser trabalhado às técnicas de expressão oral e escrita. Deve ser trabalhado também, as preposições, porque o vocábulo “*um*” aparece desta vez a substituir a preposição “*em ou por*” ⁽¹⁷⁸⁾ da norma portuguesa. A mensagem contida em ambas é idêntica. As outras palavras têm a mesma explicação que foi dada para as outras frases. Ver a 28ª frase.

O falante constrói frase negativa com intenção de exprimir uma afirmativa. Isto ocorre devido a questão cultural. O professor poderá ajudar os alunos na compreensão do tipo e forma da frase em língua padrão. Ver a 29ª frase.

O professor terá de trabalhar a semântica lexical em determinadas frases. A palavra “*cu*” a sua explicação encontra-se no glossário. Existe frase que não colocaria grande obstáculo para a compreensão, se não fosse o vocábulo “*dele*” que entra na construção frásica. A palavra “*dele*” colocada na frase e naquele lugar foi devido a influência do crioulo. Para a norma seria desnecessária. Ver a 30ª frase e explicações já dadas para outras frases.

A tradução do crioulo para o falar santomense proporciona incorrecções para as frases porque deixa – se de usar alguns elementos de capital importância para a frase. Como por exemplo o falante omite o morfema “*a*” da expressão perifrástica e faz uma apócope ao “*r*” final do verbo e omite também as palavra “*por e cima de*” que era necessária para esta frase. Ver a 31ª frase.

A palavra “*cabei*,” sofreu uma aférese a vogal inicial, igual ao que aconteceu ao crioulo ⁽¹⁷⁹⁾. A parcimónia do crioulo, segundo Heilmair, ⁽¹⁸⁰⁾ dispensa “*o*” como acontece na

¹⁷⁵ Crioulo: suba eska bi quiê.

¹⁷⁶ Ver o glossário.

¹⁷⁷ Ver o quadro capítulo III, 3.2. 27ª frase.

¹⁷⁸ Ver o quadro do capítulo III, 27ª e 32ª frase, 3.2.1.

¹⁷⁹ Crioulo: um kabá estluviço mu zá ê.

expressão “*o meu trabalho*”. O morfema marcador do tempo “*já*” foi colocado no final da frase aproximando assim à característica do crioulo. O verbo “*é*”, surge no final pela mesma razão apresentada para o vocábulo “*já*”. O professor terá que dar maior atenção e importância, na construção de frases. A mensagem não difere da norma. Ver a 33ª frase.

O verbo “*deu*”, em algumas frases não realiza as funções semelhantes a norma. O falante usa o vocábulo “*um*” com valor de por. Exprime a mesma ideia da frase correspondente em português padrão ⁽¹⁸¹⁾, embora a construção frásica seja diferente.

O vocábulo “*ducunumu*” pertence ao crioulo e actualmente tem estado a ser muito utilizado em detrimento de vocábulos correspondentes na norma: arruinar, destruir, arrasar, etc. Ver a 35ª frase.

“*Rotar*” sofre uma aférese a letra inicial. Esta palavra além de sofrer uma aférese, obedece a analogia do crioulo santomense que não permite a utilização do “*r*” português. Todas as palavras que tenham “*r*” são substituídas por letra “*l*”. No crioulo a palavra é “*lotá*”. Agora, o problema que se coloca é com respeito às palavras portuguesas que têm dois “*r*”. Pela história do crioulo santomense é uma letra que é representada por “*l*”. Portanto não lhe é dada grande importância nem na fonética nem na escrita. Mais uma vez, o professor terá que dar maior atenção ao vocabulário. Ver a 36ª frase.

O verbo por vezes não é empregue no seu contexto correcto. Para a norma devia ter sido utilizado o verbo “*bater*”, mas o falante preferiu a tradução do crioulo ⁽¹⁸²⁾. A palavra “*cu*” é uma palavra do crioulo. O vocábulo “*dele*” era desnecessário a sua utilização. Ver explicação já dada. O falante quase que esteve mais próximo da norma, mas, ao utilizar o vocábulo “*cu*” que nesta frase substitui artigo “*um*” determinante do substantivo português, fugiu à norma. A frase representa o que diz Corder ⁽¹⁸³⁾, “*implícito por indução*

¹⁸⁰ Hans – Peter Heilmair. “Artigo definido não existe de forma individualizada, embora semanticamente esteja presente...” Crioulo e Português: Interferências e mal entendidos. O ensino da Língua portuguesa como 2ª Língua. 1998. P. 103.

¹⁸¹ Ver o capítulo III, 3.2.1. a 34ª frase.

¹⁸² Crioulo: Ê damu ku kuá dê.

¹⁸³ Pit Corder já referido no capítulo I.

vocabular.” Representa também, a repetição do sujeito que foi referido por Heilmair (¹⁸⁴). Ver a 38ª e 39ª frase.

O falante não precisava de utilizar a contracção “*deu*” (¹⁸⁵) nem “*dimi*” (¹⁸⁶). O professor deverá dar maior atenção aos pronomes. A mensagem é a mesma da frase feita em norma. Ver a 40ª frase.

Existe no falar santomense frase que representa o que diz Corder (¹⁸⁷) sobre a estrutura mental do crioulo. Observando a coluna correspondente vê-se que o falante não obedeceu a sintaxe portuguesa: o sujeito, o predicado e o complemento. Por isso a estrutura correspondente é diferente. Muitas proposições feitas no falar santomense seguem por esta via. Ver a 41ª frase, e outras.

O professor terá que trabalhar o pronome pessoal oblíquo não reflexivo átono, e o morfema marcador do plural da língua padrão “*s*”, para o caso como a palavra “*vamo*”. Ao vocábulo “*umbora*” aconteceu o mesmo que (¹⁸⁸). A ideia desta frase é a mesma da norma. Ver a 42ª frase.

O professor terá que trabalhar a construção de frases na passiva. Esta situação é semelhante a 9ª frase. Exprime a mesma ideia. O professor terá de fazer ver aos aprendentes que a língua padrão tem os verbos que realizam sozinhos as suas funções e outros que pedem um verbo auxiliar. Não podem ser utilizados de forma arbitrária. A frase exprime a mesma ideia da coluna correspondente (¹⁸⁹). O falante utilizou uma perífrase, estratégia que normalmente é utilizada pelo crioulo (¹⁹⁰). Ver a 43ª frase.

A palavra “*damu*” é semelhante a que já foi explicada na 1ª frase. Devia ter a forma de pronúncia “*dá-me*”. O clítico não é respeitado o que fez com que houvesse uma contracção do verbo e do pronome à palavra “*damu*”. O pronome “*me*” sofreu uma apócope a última

¹⁸⁴ Hans – Peter Heilmair. O Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua. 1998. 101.

¹⁸⁵ Ver glossário.

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Pit Corder. Ver o capítulo I.

¹⁸⁸ Ver capítulo III. 3.2. 17ª frase.

¹⁸⁹ Ver capítulo III, 44ª frase.

¹⁹⁰ Crioulo: Ê lantá be men ô pé dê ka fê ê fê ten.

vogal “e” que ficou substituída por vogal “u”. O pronome possessivo “*meu*” sofreu apócope a vogal “u” e ganhou um acento circunflexo na vogal “e”. A expressão “*pê i cu ele pá*” é tradução linear do crioulo ⁽¹⁹¹⁾. Para além de outros temas gramaticais o professor deverá trabalhar a construção de frases. Exprime a mesma ideia da coluna correspondente. Ver a 44ª e a 45ª frase.

A 46ª frase está mais próxima do português. O único problema encontra – se na palavra “*um*”. Ver o glossário.

O vocábulo “*cu*” que serve para ligar as palavras do crioulo, já se encontra a ser usado como vocábulo do falar santomense em detrimento do vocábulo que serve de ligação para a norma portuguesa. O professor terá que trabalhar as preposições e os pronomes pessoais oblíquos não reflexivos. A mensagem é a mesma da língua padrão. Ver a 47ª frase.

A 48ª frase apresenta característica de frase feita em crioulo nas palavras ⁽¹⁹²⁾. O professor terá que trabalhar a forma de construção das frases, o pronome possessivo e o pronome pessoal oblíquo não reflexivo átono. As frases exprimem ideia idêntica a norma.

O vocábulo “*custou,*” tem uma semântica concreta para a realização de determinadas acções em língua padrão. A palavra ganhou um outro valor para os santomenses e manteve o mesmo para a norma. Nesta frase a palavra não realiza a mesma função esperada na língua padrão, portanto diverge como prova a coluna correspondente ⁽¹⁹³⁾.

A palavra “*ni*” do crioulo ⁽¹⁹⁴⁾ tende a substituir o vocábulo de ligação da língua portuguesa de igual forma como o vocábulo “*um*” ⁽¹⁹⁵⁾. O professor terá de trabalhar as preposições e as contracções. A frase exprime a mesma ideia. Terá que chamar a atenção dos aprendentes para a troca de vogal “*i*” por “*e*” na palavra coisa. A frase tem a mesma ideia da norma. Ver a 50ª e a 51ª frases.

¹⁹¹ Crioulo: ...pam bé ku ê...

¹⁹² São eles: “cu, docê, pa mi”. Ver o glossário.

¹⁹³ Ver o quadro do capítulo III. 3.2. 49ª Frase.

¹⁹⁴ Crioulo: non ka bé ni calu.

¹⁹⁵ Ver glossário.

Ver o glossário para o vocábulo “*mandô*”. O vocábulo “*comentá*,” o falante troca a vogal “*u*” por vogal, “*o*”. Faz uma síncope a letra “*m*” e a sílaba “*pri*” e volta a fazer de novo uma apócope ao “*r*” final da palavra, proporcionando desta forma, que a palavra ganhe um acento agudo na vogal, “*a*”. Todas essas alterações foram feitas no momento em que a palavra passou do português “*cumprimentar*” para o crioulo ⁽¹⁹⁶⁾. Exprime a mesma mensagem que a coluna correspondente. Ver a 54ª frase.

O falante faz uma síncope a vogal “*i*” da palavra deixar. Os aprendentes escrevem a palavra com “*ch*” devido ao som que ela possui no crioulo. A expressão “*minha vida*” é comum no crioulo. O professor terá que insistir na construção de frases. Tem a mesma ideia da norma. Ver a 55ª frase e IV, 4.1.2.

Em frase como a 60ª, o vocábulo “*acompanhar, levar ou ir junto*” é que devia ter sido utilizado. Com esta frase o falar santomense realiza três acções diferentes da norma portuguesa; o de levar, o de acompanhar, e o de ir juntos.

O falante usa influência tanto do crioulo como do português para a construção frásica. A palavra “*coencia*” sofreu uma apócope a consoante “*h*” pela simples razão de não ser pronunciada no crioulo, pelo menos nesta palavra. A mesma palavra ganha uma nova consoante “*n*” pela dificuldade que o falante teve ao tentar representar o som do vocábulo “*conhecer*”. Após ter feito sincopar a consoante “*h*” a palavra passou a ser pronunciada de forma diferente no falar santomense ⁽¹⁹⁷⁾. Podemos ver a mesma confusão representada também por um aluno na escrita, com a diferença de que o falante lembrou de colocar a letra “*h*” mas não retirou a consoante “*n*”. Ao vocábulo “*primeiro*” também foi sincopada a vogal “*i*” provavelmente devido a sua ausência no crioulo ⁽¹⁹⁸⁾. O professor terá de trabalhar os vocábulos e o grau dos adjectivos. A frase exprime a mesma ideia da norma. Ver o capítulo IV, 4.1.2.1. e o anexo.

¹⁹⁶ Manthian, depois talvez por analogia da semelhança da palavra “complementar”, passou para o crioulo acrolectal *complementé*, *comente* e o falar santomense *comenta*.

¹⁹⁷ Capítulo III, 3.2.1. 62ª frase e o anexo.

¹⁹⁸ Crioulo: *plimê*.

O vocábulo “trouxe” é pronunciado de forma incorrecta. O vocábulo, “isso” não concorda nesta frase porque os vocábulos do crioulo que serviram de tradução mental, não correlacionavam. Isto explica a dificuldade que o falante teve em fazer a concordância. “Cua” pertence ao crioulo ⁽¹⁹⁹⁾. Esta frase representa uma tradução feita por parte de adultos para comunicar com crianças. Ver a 66ª e a 67ª frases.

A 68ª frase também se trata de uma expressão feita por um adulto para comunicar com crianças. Isto vem demonstrar como se processa a tradução. O verbo “jogou” em substituição do verbo atirar ⁽²⁰⁰⁾. Para o vocábulo que devia ter a grafia “vidro” ocorreu uma troca do “r” que devia aparecer na última sílaba mas aparece na primeira sílaba. Talvez esta situação ocorra devido a hesitação do falante, derivada pela interferência do crioulo. A palavra “glento” além da troca da letra “d” por “g” segue a mesma via da palavra “vidro”. O falante em vez de colocar o “r” na última sílaba, fez a tradução do “r” ⁽²⁰¹⁾ para o crioulo e colocou na primeira sílaba. O vocábulo “um” aparece em substituição da preposição “para”. A ideia expressa na frase é a mesma da sua correspondente. Numa outra frase o falante quis provavelmente fazer o inverso. Quis representar “l” em “r” numa palavra portuguesa. Ou seja, onde aparece “r” pertence ao “l” na pronúncia crioula. Ver a 86ª frase.

A palavra “nora” trata-se de uma tradução do crioulo ⁽²⁰²⁾ para o falar santomense. Mais uma vez podemos comprovar como é que o crioulo contorna a consoante ou faz uma aférese a letra “h”. O falante faz contrair as palavras “na” e “hora” da norma para formar a frase no falar santomense, obtendo em simultâneo a proximidade entre as duas línguas. O professor terá que debruçar-se na ortoépia e na redacção ⁽²⁰³⁾. A semântica é a mesma da norma. Ver a 69ª frase.

Com a palavra “bambora” o falante substitui o “v” por “b” pela interferência do crioulo. No crioulo a palavra encontra-se contraída de forma subentendida sendo a primeira palavra “bam” proveniente do crioulo. A palavra “bora” terá sofrido uma aférese a primeira sílaba

¹⁹⁹ Crioulo: kuá. Português: coisa. Falar santomense: coesa, cua.

²⁰⁰ Crioulo: Ê jugá vidlu glento.

²⁰¹ É uma tradução mental por indução vocabular.

²⁰² Crioulo: Ê sa nola...

²⁰³ Ver o quadro no capítulo III, frases correspondentes.

”em” tal como a palavra bam perdera por uma apócope a vogal ”u” (²⁰⁴). A estrutura obedece a característica de frases feita no crioulo representada pela expressão “bam e de nós”. “Bam” está a fazer a vez de um afixo (²⁰⁵) e “bora” de radical, tal como Pereira referiu sobre a estratégia do crioulo. Só que, a única diferença é que para este caso não se trata do crioulo mas sim do falar santomense. As palavras “de nós” já não são necessárias para uma frase feita na norma, na medida em que, o verbo “vamos” bastava. A ideia é idêntica a norma. Ver a 70ª frase.

A palavra “manga” pertence ao crioulo (²⁰⁶). O verbo “dar” que devia permanecer no infinito sofreu apócope ao “r” final e é usado desta forma em crioulo e no falar santomense. A palavra “coisa” sofreu uma síncope igual a palavra “primeira” da 62ª frase. Para outras palavras a resposta encontra-se no glossário. Ver a 72ª frase.

Devido a influência do crioulo (²⁰⁷) a 73ª frase é pronunciada desta forma. O professor terá que trabalhar os vocábulos e a fonética. A primeira palavra é pronunciada com este som. À palavra “duemu” que devia ser pronunciada “doer-me”, aconteceu o mesmo que a palavra “chamamu” (²⁰⁸). A ideia expressa é idêntica a norma.

A palavra “hora” esta em vez de “no momento em que”. É desta forma que o crioulo realiza as acções que lhe exija empregar esta expressão. Ao verbo “tava” aconteceu uma aférese a sílaba “es” (²⁰⁹). O professor terá que trabalhar a elaboração de frases. A ideia é a mesma da norma. Ver a 75ª frase.

Existe frase em que (²¹⁰) o falante altera a organização sintáctica, o que por sua vez leva a diferente interpretação da sintaxe, na norma, portanto dificulta a compreensão das expressões.

²⁰⁴ Crioulo: Bamu non.

²⁰⁵ Dulce Pereira. Crioulo de Base Portuguesa. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. 1999. P.173.

²⁰⁶ O seu significado é “gozar”.

²⁰⁷ Crioulo: opé eska duemu montche muntu.

²⁰⁸ Ver glossário.

²⁰⁹ Ver o glossário.

²¹⁰ Ver o capítulo III, 76ª frase, 3.2.1.

Existe pronúncia que nos induz a erro de ortografia e de interpretação, na medida em que, para a gramática portuguesa o som e a grafia seriam diferentes. O professor terá que trabalhar os pronomes clíticos e os artigos. Exprime a mesma ideia da norma. Ver a 77ª frase.

O pronome “*tudo*” que para a norma tem o valor de pronome indefinido invariável, e que serve também para ser usado como pronome substantivo, é utilizado na frase com o valor de pronomes para nomes contáveis e não contáveis “*todo ou tudo*” ⁽²¹¹⁾. Ver a 79ª frase.

O falante evita construir frase na passiva. Quem sofre acção faz do sujeito da acção no falar santomense. O verbo utilizado não é o mesmo que a norma ⁽²¹²⁾. O professor terá que trabalhar frases passivas. Ver a 80ª frase.

A palavra “um” substitui o vocábulo “*de*” norma portuguesa. O morfema “*de*” possui valores peculiares para cada situação de comunicação em português, por isso esta forma de utilização indevida leva a erros ⁽²¹³⁾. Ver a 81ª frase.

O professor deverá dar atenção aos artigos determinantes dos substantivos cuja ausência é comum no crioulo pois obedece a sua parcimónia ⁽²¹⁴⁾. O falante omite os determinantes artigos nas palavras “*arroz e peixe*”. No crioulo não existe e não é necessário pelo facto de o nome cumprir toda a tarefa exigida na frase. Mas é de capital importância a sua utilização para a morfologia do português, pelo facto de o mesmo ter diferentes funções. O vocábulo “*cu*” já foi devidamente explicado ao longo do trabalho e consta no glossário. Ver a 84ª frase.

O crioulo constrói tipo de frases com o sujeito identificado e não identificado de uma mesma maneira. O falar santomense utiliza a mesma estratégia. Ver a 87ª frase.

O verbo “*dar*” esta sento usado com função do auxiliar do verbo “*entrou*”, em vez de um adjectivo, que pudesse exprimir a maneira como ele entrou. Esta frase é tradução do

²¹¹ Lusofonia Curso Avançado de Português Língua Estrangeira. 1995. P.15.

²¹² Ver frase correspondente no capítulo III. 3.2.

²¹³ Ver a correspondente no capítulo III. 81ª frase.

²¹⁴ Termo referido por Dulce Pereira em: Crioulo de base portuguesa. Faculdade de letras. Universidade de Lisboa. 1999.

crioulo. Ver a correspondente no capítulo III, 88ª frase e o glossário para a palavra “*deu*”. Para a palavra “*tava*” e “*tocá*” ver o glossário. A expressão “*quase, quase*” está em vez de um adjectivo ⁽²¹⁵⁾. Isto faz com que no falar santomense se afaste cada vez mais da estrutura da norma.

O nome “*Carlitos*” é sempre pronunciado sem a última letra “*s*”. A colocação de “*um*” em detrimento de algumas preposições, ou de algumas contracções já é comum no falar santomense. A palavra “*trás*” sofreu uma aférese a vogal, “*a*”, a mesma que já foi demonstrada para outras palavras. Ver a 90ª frase. O professor precisa de chamar a atenção para a palavra “*curu*”, que se trata de um vocábulo do crioulo trazido para o falar santomense. Ver a 92ª frase.

Tanto a 93ª, 94ª e 95ª, 96ª frases tratam - se de traduções do crioulo para o falar santomense. Ver o quadro correspondente no sub capítulo 3.2.1.1.

No quadro aparece frases na forma do modo condicional do crioulo traduzida para o falar santomense; o que exige que o professor deverá trabalhar o modo verbal. Ver 97ª frase. Aparece também um objecto a realizar acção de um ser humano. O falante ao usar a língua no falar santomense, só fez a tradução. O professor terá de trabalhar a hermenêutica das palavras. Ver a 98ª frase. É comum a repetição da palavra “*vê*” na expressão, com finalidade de evidenciar a acção do verbo e do advérbio. Ver a 99ª frase.

No falar santomense a palavra é “*esponde*” ⁽²¹⁶⁾. Portanto a palavra perdeu a letra “*r*” ao passar do português para o crioulo. Provavelmente, pelo facto de ter deixado de ouvir a sílaba “*res*” da palavra responde; o falante tendo consciência da sua existência, não usa a letra “*r*”, ficando mais ligado ao falar santomense e, para ficar mais próximo a língua portuguesa. Em vez de utilizar o pronome pessoal não reflexivo átono usou o pronome pessoal recto. Ver o capítulo III, 3.2.1., 100ª frase.

Na frase 101ª, trata – se da tradução do crioulo com uma determinada intenção para o falar santomense. Ver o glossário para a palavra “*um*”.

²¹⁵ Ver o quadro correspondente no capítulo III. 89ª frase.

²¹⁶ Crioulo fundo: kugi.

É comum escutar várias traduções e várias pronúncias em frases proferidas entre os falantes santomenses. Para a 103ª frase, ver no glossário as palavras “ê ti”. Para a 104ª frase (²¹⁷) e para a 105ª, ver explicação dada para 95ª, 103ª e 104ª frases.

Existe contracção que ocorre provavelmente, proveniente da influência do crioulo e pela analogia das palavras “*chamomu, bambora*” etc. É muito usada entre as crianças. Ver a 106ª frase.

No crioulo não existe flexão verbal. Portanto todas as pessoas verbais podem ser representadas por uma mesma forma verbal. Penso que será por analogia a razão pela qual os santomenses usam este verbo com erros de flexão (²¹⁸). Ver a 107ª frase.

3.2.2. Frases declarativas negativas

3.2.1.1. Identificação

Falar santomense	Português padrão
1º Não sou eu não é.	Não fui eu.
2º Não fulu coesa de gente não é.	Não queiras o que é do outro.
3º Não berra cu gente assim não.	Não berres comigo.
4º Bebé que eu tô cu ele nas costa não é deu não é.	O bebé que tenho nas costas não é meu.
5º Ela nó demu pêu vê não é.	Ela não me deu para ver.
6º Ela nó quer damu.	Ela não me quer dar.
7º Êssei. Esseio. Eu não seio. (²¹⁹)	Não sei.
8º Não fala comigo não.	Não fala comigo.
9ª Eu non meti coce não é.	Eu não te provoquei.

²¹⁷ Crioulo: nga bé zó nga bi. Ver frase correspondente.

²¹⁸ Do crioulo: um mecê; bô mecê; ê mecê. Do português: eu quero; tu queres; ele quer. Do falar santomense: eu quero; você quero; ele quero.

²¹⁹ Podemos ouvir as três formas de pronúncias.

3.2.2.2. Comentários

As regras em língua padrão para as construções negativas nada têm a ver com as construções feitas na coluna pertencente ao falar santomense ⁽²²⁰⁾. As frases declarativas negativas têm como finalidade exprimir as informações e o receptor terá que entender as mensagens na sua forma negativa. As informações são normalmente processadas através da utilização da língua pelo falante, ou por qualquer emissor, por uma língua que eventualmente terá a seu estatuto social e reconhecida no contexto internacional. Por esta razão recorreremos as ajudas das gramáticas e outros manuais para que desta forma possamos seguir as regras estabelecidas pela norma. Após esta pequena introdução passemos a explicação, quanto a morfossintaxe e quanto a semântica das frases negativas feitas no falar santomense ⁽²²¹⁾.

Existe frase que reflecte uma situação de comunicação entre dois ou mais falantes. Nesta frase a resposta dada demonstra impaciência e desagrado experimentado pelo receptor pela pergunta que lhe foi feita. O falante usa a estrutura negativa do crioulo traduzida para o falar santomense “não ... é” ⁽²²²⁾. Esta prática demonstra a indução do crioulo no falar santomense, em frase negativa. Ver a 1ª frase 3.2.1.1. A palavra “*fulu*” é proveniente do crioulo. Ver a 2ª frase, 3.2.1.1.

Existe interferência na estrutura frásica, que reflecte a cópia do crioulo para o falar santomense. O falante utiliza a regra de frases negativas feitas no crioulo através da seguinte estrutura: “*não ... não.*” Para este tipo de proposição, a norma tem uma forma mais prática de realizar esta acção. Teria sido com o modo conjuntivo “*berre*” e com a ajuda do pronome pessoal oblíquo não reflexivo tónico “*comigo*” ⁽²²³⁾. O professor terá que trabalhar com os aprendentes os modos verbais dos verbos e os pronomes pessoais oblíquos não reflexivos tónicos. A frase exprime a mesma ideia da norma. Ver a 3ª frase, 3.2.1.1.

²²⁰ Como consta no quadro correspondente no capítulo III, 3.2.2.

²²¹ O quadro com frases no falar santomense e em português, referente a este item se encontra no capítulo III, 3.2.2.

²²² Esta negação aparece para dar ênfase a frase obedecendo a estratégia do crioulo.

²²³ Ver o quadro correspondente no capítulo III 3.2.2. Ver o glossário para as palavras “*berre* e *cu*”.

A 4ª, a 5ª, a 6ª, a 7ª, e a 8ª frases apresentam situações idênticas às de outras frases. Para algumas palavras, o glossário também poderá ajudar.

A 9ª frase é a transferência da estrutura do crioulo e da influência do vocábulo do falar santomense “*cocê*” (²²⁴). A estrutura da negação é a mesma usada no falar santomense. Ou seja, (negação – verbo – negação); ou, “*não ... não*”. A utilização desta estrutura demonstra uma das características da forma negativa do crioulo em que se baseia o falar santomense. A segunda negação derivou da ênfase que o crioulo procurou colocar nas frases, e o falar santomense na tradução mental representou – a desta forma.

3.3. Frases exclamativas. Exclamativas negativas

3.3.1. Identificação

Falar santomense	Português padrão
1ª Lá na minha zona tá com cada deles!	Na minha zona há muitos!
2ª Eu tomei um banho! (²²⁵)	Tomei banho demorado/agradável!
3ª Ê pá, rapaz correu fogo!	O rapaz correu tanto que se cansou!
4ª Livro tava dele lá você não pegô leu!	O livro estava ali não o leste!
5ª Sabe qué que gen dissimu pê fazê!	Sabes o que me disseram que fizesse!
6ª Non taqui cua aqui!	A coisa está aqui!
7ª Eu nó fui lá já!	Eu já lá fui!
8ª Dexamu em paz!	Deixa-me em paz!
9ª Chez, água mato ta vi!	Vem uma cheia!
10ª Eu molhei uma chuva!	Estou totalmente encharcada!
11ª Ele deu um chão!	Ele caiu pessimamente!...muito mal!

²²⁴ Do Português: com + você. Ver o glossário.

²²⁵ A forma como o falar santomense representa o adjectivo.

3.3.2. Comentários

Em frases exclamativas os falantes deixam de usar muitas expressões que têm o valor informativo para esses tipos de frases. Por exemplo, os adjetivos não são muito usados e se aparecem normalmente, só em expressões conotadas. Por sua vez usam vocábulos que possuem outros valores gramaticais em língua padrão e impossíveis de formarem proposições exclamativas.

Existe no quadro frases do falar santomense com interferência no bloco pertencente ao predicado, por exemplo: “*tá com cada deles*”. O verbo “*tá*” já foi explicado noutras frases e consta no glossário. “*Com cada deles*” aparece como forma de representar o adjetivo ou seja, nome predicativo do sujeito (²²⁶). Ver a 1ª frase, 3.3.

A forma como se utiliza alguns vocábulos permite que ganhe o valor do modo ou qualidade de qualquer coisa. “*Um*” não aparece na semântica do falar santomense a representar somente um determinante. Ver a 2ª frase, 3.3.11. e o glossário.

A palavra “*fogô*” representa a expressão “*ficar sem ar*” da frase portuguesa. Trata-se de uma expressão do crioulo da forma “*fogá*” que passou para o falar santomense, a qual se fez uma troca da vogal, “*a*” para a vogal “*o*” seguida de um acento circunflexo. Exprime a ideia de cansaço. Ver a 3ª frase, 3.3.1.1.

O vocábulo “*dele*”, aparece na frase como forma de apoiar o substantivo. Ver a 4ª frase. À palavra “*dissimu*” aconteceu o mesmo que “*chamamu*” (²²⁷). A explicação para outras palavras pode ser vista noutras frases deste capítulo. Ver a 5ª frase.

O falante usa uma determinada expressão num excesso de raiva. O erro semântico que comete é que, por vezes o falante tem o objecto na mão. Portanto já sabe onde está, mas utiliza uma construção de dúvida como se ainda não soubesse ou estivesse a procurar. Isto pode induzir o aprendente a confusão, para quando for o ensino aprendizagem das frases

²²⁶ O quadro correspondente para este item está no capítulo III.

²²⁷ Ver glossário.

negativas. O professor terá que trabalhar o tipo e a forma de frases para minimizar o problema cultural da linguagem. A mensagem diverge uma da outra nas duas colunas.

Ver a 6ª e 7ª frases.

Ao vocábulo “*dexamu*” foi-lhe feito uma síncope a vogal “*i*” (²²⁸).

“*Chez*” é uma interjeição do crioulo que agora pertence ao falar santomense. O professor terá que trabalhar os vocábulos e as expressões. A ideia expressa é a mesma da norma. Ver a 9ª frase.

“*Uma*” aparece na frase para evidenciar (quantidade) a acção de molhar. Esta palavra induz ao erro na medida em que, o substantivo “*chuva*” pertence ao grupo de palavras incontáveis, e se apresenta ao lado de uma palavra que pode ter o valor de numeral. O professor terá que insistir em fazer ver aos alunos outra forma de construção para este tipo de frases. Ver pagina correspondente no capítulo III, 3.3. 1ª frase.

“*Um*”, aparece desta vez com o valor de evidenciar o tombo. Não tem nenhuma correspondência com a norma. O verbo também não é o que seria utilizado pela norma, o que a faz desviar bastante da norma. A área de intervenção do professor será tanto para o vocábulo como para o adjetivo. Ver o quadro correspondente no capítulo III. 3.3. 11ª frase e o glossário para o verbo “*deu*”.

²²⁸ Ver 4.1.2. 4.2.2. e o anexo.

3.4. Frases imperativas. Imperativas negativas

3.4.1. Identificação

Falar santomense	Português padrão
1ª Toma isso cu ta lá pá mim. ⁽²²⁹⁾	Dá-me isto.
2ª Joga esse pau fora.	Atire fora o pau.
3ª Batemu peu vê.	Bate-me.
4ª Toma papelo P'ra mim.	Dá-me o papel.
5ª Feicha luz.	Feche a luz.
6ª Não vemu não.	Não me veja.
7ª Pode não levá.	Não leves isto.
8ª Não fala comigo não.	Não fales comigo.

3.4.2. Comentários.

No falar santomense este tipo de frase apresenta característica de frase declarativa. Considerando ainda que, por parte dos falantes, não há recorrência ao modo conjuntivo português, esta situação só reforça dizer que, só é possível identificá-las através do conhecimento que se tem da cultura da língua, e pela oralidade.

O verbo utilizado não era o ideal para uma mesma frase em língua padrão. O mais correcto seria o verbo “*trazer*”. Com relação a intenção imperativa não é perceptível, como é óbvio. O professor terá que trabalhar a semântica lexical. Ver III. 3.4. 1ª e 4ª frases.

O vocábulo “*jogá*” é pronunciado em algumas situações, de forma incorrecta em que se nota uma troca da vogal “o” por “u”, e a ordem sintáctica das palavras trocadas. É muito utilizado por adultos. Ver 3.4. a 2ª frase.

Em algumas situações de comunicação não parece que o falante esteja a dar uma ordem em determinadas frases, porque tudo se passa a nível da oralidade, no que diz respeito a

²²⁹ O imperativo no falar santomense.

intenção do falante. A palavra “*batemu*” sofreu uma contracção entre o verbo “*bater*” e o pronome “*mu*”. Ver a 3ª frase, e o glossário para outras palavras.

A acção de desligar o interruptor é pronunciada numa forma no crioulo que o falante faz simplesmente uma tradução usando palavras do português. A tendência que os falantes têm em colocar a vogal “*i*” no vocábulo fechar, é devido ao som que a palavra possui no crioulo (²³⁰). Ver 3.4. a 5ª frase.

O falante não obedece a regra de frases negativas exigida pela norma, ou seja, a inversão do pronome perante uma negação. Torna-se difícil para o falante santomense que não tenha mudado a sua forma de comunicar, conseguir fazê-lo como seria de esperar, na norma portuguesa. Isto porque, a estrutura do verbo e do pronome “*ve + mu*” estão contraídos e são indissociáveis na fonética do crioulo e consequentemente, na do falar santomense. Com isto o professor terá muito que fazer com o ensino aprendizagem das frases imperativas. Esta negação é comum em todos os tipos de frases. Ver 3.4. a 6ª frase.

Como acima foi referido tem-se que pertencer à mesma realidade linguística para que se possa perceber a acção realizada pelo falante. Ou seja, para que se perceba que tenha sido uma ordem recebida. Esta negação é semelhante a outras apresentadas para outras frases. Ver 3.4. a 7ª 8ª frases.

²³⁰ Crioulo: *fiçá*. Português: fechar. Falar santomense: *Feichar*.

CAPÍTULO IV

COMUNICAÇÃO ESCRITA

4.1. Identificação e análise de problemas gramaticais nas composições escritas pelos alunos da terceira classe do ensino Básico da Escola Primária D. Maria de Jesus – Cidade Capital.

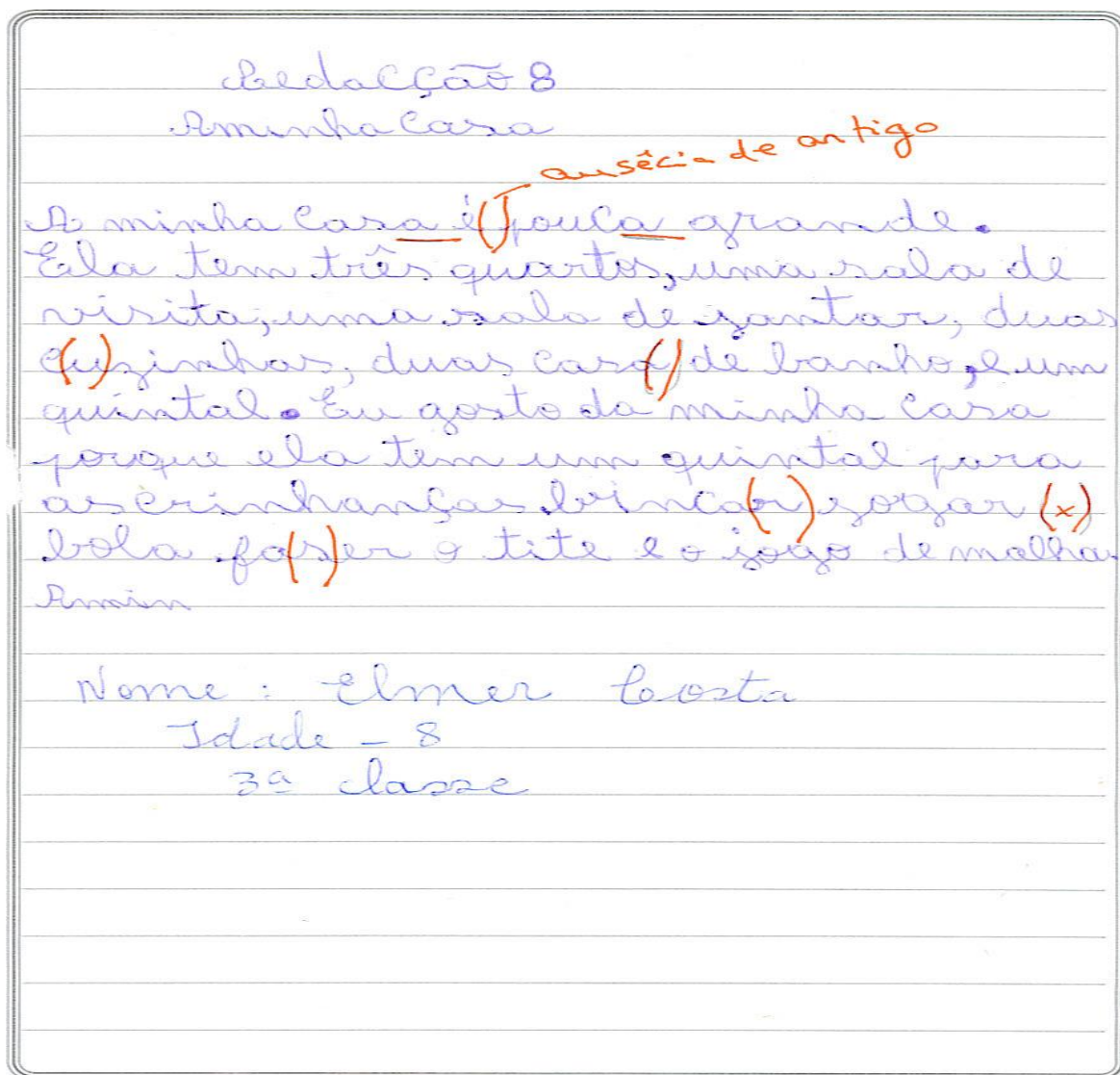
4.1.1. Composição n.º 1

4.1.1.1. Identificação

Título: A minha casa

Autor: Elmer Costa

Idade: 8 anos



4.1.1.2. Análise

- Na primeira linha a composição do aluno apresenta marca do crioulo em:

“casa...pouca”.

O aluno escreveu a palavra “pouca” que devia ter sido “*pouco*” obedecendo a mesma terminação da palavra antecedente, casa. Comete esse erro pela influência do crioulo em que o substantivo sujeito da frase determina o género de todos os elementos da frase ⁽²³¹⁾.

- Na primeira linha há ausência do artigo:

“...è x pouca grande.”

Há ausência de um artigo ou de um advérbio entre o verbo “é” e a palavra “*pouca*” pela mesma razão, que o crioulo quando não usa os artigos ⁽²³²⁾ subentende-se que o substantivo é suficiente para determinar o género da frase ou mesmo, para completar o sentido.

- Na quarta linha o aluno comete erro de ortografia na palavra:

“cuzinha...”

Isto foi derivado pela influência da fonética. A palavra no crioulo é pronunciada com a vogal “o” semi aberta, como se fosse a vogal “u” fechada. Este erro até podia passar despercebido pelo facto de ser o ensino primário, mas situações como essas são frequentes por causa da fonética do crioulo ⁽²³³⁾.

- Ainda na quarta linha a aluna comete erro de concordância entre o determinante e o substantivo:

“...duas casax...”

A aluna utiliza o artigo “*duas*” no plural e no singular, o substantivo “*casa*”. Foi também devido a influência da parcimónia do crioulo ⁽²³⁴⁾.

²³¹ Hans – peter Heilmair. O Ensino da Língua Portuguesa como 2ª Língua. P.103.

²³² Ibidem.

²³³ Crioulo: kujam. Português: cozinha.

²³⁴ Ver 4.1.1.1. e anexo.

4.1.2. Composição nº2

4.1.2.1. Identificação

Título: As plantas

Autor: Surikader

Idade: 8 anos

Redação

As plantas

As plantas são seres de grande importância. Ela é de origem vegetal. As plantas servem para a nossa alimentação. Sem as plantas não haveria borboleta nem abelha nem os passaros. Elas servem para fazer sombra no nosso quintal. Eu conheço muitos tipos de plantas que são: goiabeira, abacateiro, manga, laranjeira etc. Não devemos matá-las nem machucá-las. Devemos cuidar bem das plantas protegê-las e regá-las.

Nome: Surikader

Idade: 8 anos

Classe: - 3ª

4.1.2.2. Análise

- Na sexta linha o aluno cometeu o erro de ortografia semelhante ao que demonstrei⁽²³⁵⁾.

Eu conheço...

Nesta composição o aluno escreveu o vocábulo conhecer acrescentando uma consoante “n” entre a vogal “e” e a consoante “c” pela influência do crioulo. Isto ocorreu por causa da interferência fonética do crioulo. O aluno de tanto ouvir a palavra ser pronunciada com muita entoação na consoante “n” acabou por colocar a consoante entre a penúltima e última sílaba na tentativa de representar as duas influências fonéticas, do português e do crioulo.

- O aluno ainda nesta composição comete vários erros na sétima, oitava, nona e décima linhas;
- Na sétima linha:

...abacateXro...

A palavra devia ter sido abacateiro. Está situação vem testemunhar o que já foi dito para as frases dos quadros⁽²³⁶⁾ que representam a recolha feita sobre a comunicação oral dos falantes santomenses.

- Na oitava linha:

...bananXera...

...mataXlas...

²³⁵ Ver 4.1.2.1. e anexo.

²³⁶ Ver 3.2.1.1.a 11ª e 102ª frases.

O aluno também cometeu erros ao escrever a palavra “*bananeira*”, fazendo uma síncope a vogal “*i*” da penúltima sílaba (²³⁷). A palavra “*matá-las*”, foi escrita baseada no som que os aprendentes escutam “*mata ela*”. O falante santomense usa o pronome pessoal recto em vez de um pronome oblíquo e não ficando por aí, o aluno usa a estratégia do falar santomense, já atrás referida (²³⁸), faz contrair o verbo “*matar*” e o pronome “*ela*”, depois de ter feito uma aférese a vogal “*e*” da palavra *ela*. Consegue desta forma dispensar o clítico da norma. Ver em anexo.

- Na nona linha:

maXtrataXlas

Nesta palavra o crioulo está presente quando o aluno faz síncope a consoante “*l*” da primeira sílaba da palavra *maltratar*. E na última sílaba ocorre o mesmo acima explicado para a palavra “*matalas*”.

- Na décima linha:

protegeXla

regaXlas

A situação é idêntica a “*matala*”. Poderá ser comprovado em 4.1.2.1. e anexo.

²³⁷ Ver 3.2.1.1. a 51ª e 55ª frases.

²³⁸ Ver “*chamamu*” no capítulo III, ou no glossário.

4.1.3. Composição nº3

4.1.3.1. Identificação

Título: Os frutos

Autor: Unician Rodrigues

Idade: 9 anos

Saúde e Gosto
Os frutos

Os frutos são para uma alimentação. Eu gosto de comer (ele) maduro. O fruto tem bon sabor agradável. O que eu como são banana; ~~limão~~, mamão, goiaba, abacate etc. O terreno onde existe muitos árvores de frutos chama-se de pomar. Frutos (tem) muitas vitaminas que fazem bem a nossa saúde. Na minha casa eu como fruto. Devemos comer a fruta todos os dias.

Nome: Unician Rodrigues

Idade: 9 Anos

Classe: 3-a

4.1.3.2. Análise

O aluno comete erro de construção na segunda e terceira linha:

- Na segunda linha:

...comer ele maduro.

Nesta frase o aluno devia utilizar um clítico ou seja, um verbo pronominalizado mas preferiu usar o pronome pessoal recto “ele”, proporcionando assim que a frase fosse mais parecida com o crioulo, ou que tenha característica de uma proposição no falar santomense. Compare esta composição com a 80^a/100^a frase declarativa afirmativa do capítulo III.

- Na terceira linha:

...tem bom sabor agradável.

O aluno escreveu desta forma pela influência do crioulo (²³⁹). Portanto a criança usou dois vocábulos: bom e agradável, desnecessariamente, na medida em, que eles isoladamente poderiam realizar a mensagem pretendida.

- Na sétima linha:

Frutos txem

Existe falta de concordância entre o substantivo e o verbo, pelo facto de não ter acentuado o verbo “ter” na terceira pessoa do plural.

- Na nona linha:

Os diax

Existe falta de concordância entre o determinante e o substantivo devido a ausência do morfema “s” marca do plural português.

²³⁹ Crioulo: tê bom sabolo dochi. Ou. Tê ua sabolo dochi. É a partir daí, penso eu que a palavra “ua” traduzida para o falar santomense “um” tem por vezes o valor de adjectivo. Ver o glossário.

4.1.4. Composição nº4

4.1.4.1. Identificação

Título: A água

Autor: Adónis

Idade:

Redação sobre a água
A água é muito importante para
nós.
Ela serve para muitas coisas
que são: lavar roupa, lavar
quintal, lavar prato, limpar casa
etc.
Ela é muito utilizada.
Ela é muito interessante para
nós.
Devemos evitar de gastar a
água.

Adónis

10/04/06

4.1.4.2. Análise

O aluno comete erros de ortográfica na quinta e sexta linha:

- Na quinta linha:

...lavaX roupa

..lavaX quintal

Era de esperar que o aluno escrevesse estas palavras no modo infinitivo português “*lavar*”. Mas pela influência oral em que se encontra submetido, foi induzido a esta forma de escrita. Não é difícil ver-se frases semelhantes repetidas vezes (²⁴⁰). A prática desta utilização indevida é derivada do crioulo. À semelhança do crioulo, o falar santomense faz uma apócope ao “*r*” final do verbo português, a palavra lavar perdeu o “*r*” e ficou em uso comunicativo “lava”.

- Na sexta linha:

LavaX prato

LimpaX casa

Ocorreu o mesmo que as palavras acima.

²⁴⁰ Essa pratica de supressão do “*r*” encontra-se em todos os verbos do crioulo, e no falar santomense. Ver os quadros e anexo.

4.2. Identificação e análise de problemas gramaticais nas composições escritas pelos alunos da quarta classe do Ensino Básico da Escola D. Maria de Jesus – Cidade Capital.

4.2.1. Composição nº1

4.2.1.1. Identificação

Título: A pesca

Autor: Sidiney

Idade: 11 anos

Redação
A pesca

A pesca é uma das actividades económicas do nosso país. Ela é a base da nossa alimentação. Essa actividade é praticada pelos pescadores. Os materiais utilizados na pesca são: a rede e o anzol e o arpão e remo, canoa e motor e chumbo, etc.

Também contribui para a nossa riqueza económica do (nosso) país.

Existem vários tipos de pescar que são: pescar submarino, pesca artesanal, e pesca industrial. No meu país há várias zonas piscatórias. Eu gosto de observar os pescadores a pescarem.

Sidiney Carvalho

11 anos

10/3/06

4.2.1.2. Análise

- O aluno comete erros de concordância na primeira linha:

“...das actividadex

- Na quarta linha:

...pelos pescadorx

“os materiais utilizadox...

Estes erros de concordância são referidos por Pereira quando fala em parcimónia do crioulo (²⁴¹). A palavra “*pescador*” apesar de aparecer escrita com “r” final, é devido ao conhecimento da ortografia que o aluno já possui da língua portuguesa, e não porque está a ser pronunciado correctamente do falar santomense.

- Na oitava linha

...para a nossa...do nosso...

O aluno repete o pronome possessivo desnecessariamente na frase pela influência do crioulo e do falar santomense, que em toda a situação do diálogo tenta evidenciar o sujeito falante através de meios que tiver ao seu alcance.

O aluno continua com erros noutras linhas, ao longo da composição.

²⁴¹ Dulce Pereira. Crioulo de base portuguesa. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. 1999.

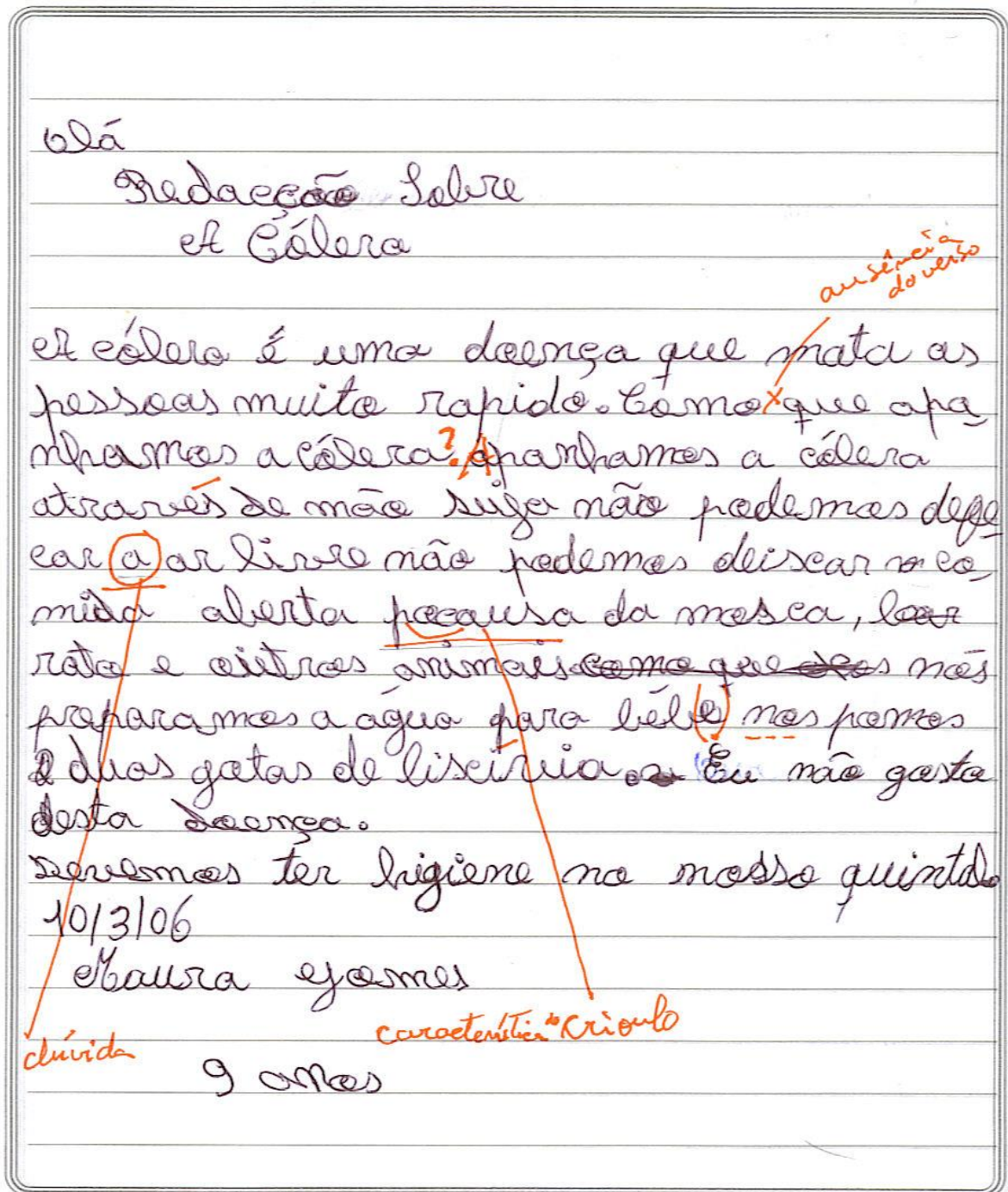
4.2.2. Composição nº2

4.2.2.1. Identificação

Título: A cólera

Autora: Maura Gomes

Idade: 9 anos



4.2.2.2. Análise

- Na segunda linha o aluno escreve com ausência do verbo:

Como x que

Esta situação é frequente no falar santomense como podemos verificar ⁽²⁴²⁾ nos quadros. E também de exemplos apresentados pela Mata ⁽²⁴³⁾. A ausência do verbo nesta frase surge devido o problema fonético.

- Na quinta linha o aluno mostra dúvida na utilização do elemento de ligação:

..defecar a ar livre...

Esta situação ocorre porque no crioulo existe uma preposição "ni" que é responsável para ajudar a indicar o lugar. Actualmente tem sido substituída por "um". Esta mesma preposição pode resolver quase todas as situações do processo de ligação entre as palavras, o que dificulta a vida dos falantes santomenses, sobretudo quando aprendem novas preposições sem se libertarem das anteriores.

- Na sexta linha

...poxcausa...

O aluno faz na escrita uma contracção semelhante ao que foi demonstrada na oralidade ⁽²⁴⁴⁾. Nesta palavra ele faz contrair a preposição "por" e o substantivo "causa", depois de ter feito uma apócope ao "r" final da preposição. Mais uma vez, está aí representado o destino que é dado as palavras portuguesas que possuem um "r" na última sílaba. E mais uma vez, a prova da influência fonética a que as crianças estão sujeitas, e como através da indução lexical, passam para a escrita.

²⁴² Ver capítulo III. 3.2.

²⁴³ Inocência Mata. Colóquio Internacional sobre as Línguas Nacionais de S.T.P. 2001. P.81.

²⁴⁴ Ver 4.2.2.1. o capítulo III. 3.2.1.1. e glossário.

- Na oitava linha

...para *bebe*...

O falante escreve o verbo fazendo uma síncope ao “r” final da palavra (²⁴⁵).

²⁴⁵ Este é o verbo “beber” que se vai associar a outros. Ver o glossário, outros exemplos neste trabalho, e o anexo.

4.2.3. Composição nº3

4.2.3.1. Identificação

Título: Os seres vivos

Autora: Eurídce De Sousa Da Costa

Idade: 9 anos

Introdução
sobre o seres vivos

Seres vivos são aqueles que nascem crecem
reproduzem e moram moram.

Os tipos de seres vivos que eu conheço
são: vaca boi zebra elefante etc.


Eles servem para comer.

O meu animal preferido ~~é~~ é a vaca.

Os animais que nós não podemos pegar
são: os morcegos baratas e ratos e el
que são del.

10/3/06

Eurídce de Sousa da
Costa
9 anos



4.2.3.2. Análise

- Na primeira e na segunda linha, a aluna comete erros de concordância:

...são aquelex

...nasce cresce reproduzem e morre

A aluna não faz concordar o verbo e o pronome demonstrativo, e não respeita a ordem da frase no singular e no plural, misturando a sequência: “*cresce, reproduzem, morre*”. Ou seja, a aluna aplica os dois conhecimentos da língua. Para o português ela conjuga o verbo reproduzir no presente, na terceira pessoa do plural com relação ao sujeito. Para o crioulo não fez flexão verbal: nasce, cresce e morre com relação ao sujeito.

- Na sétima linha volta a cometer erro de concordância, desta vez, entre o pronome e o verbo:

Eles servex

- Na décima primeira linha comete erro entre o determinante e o substantivo:

Os animalx...

CAPÍTULO V

SITUAÇÕES DE COMUNICAÇÃO E GRAMÁTICA COMUNICATIVA

5.1. Que pedagogia se deve adoptar no ensino em S.Tomé e príncipe?

Cortesão escreveu no primeiro capítulo do livro "Avaliação Pedagógica", a seguinte pergunta: "Pedagogia para o sucesso – Quais os caminhos?" Na terceira actividade apresenta itens como: de que depende a actuação do professor; a curva de Gauss; Pedagogia para a maestria; aptidão para realizar um certo tipo de aprendizagem; Qualidade de ensino; Capacidade para entender o que é ensinado; Perseverança e Tempo concedido à aprendizagem. Todos esses itens estão devidamente fundamentados com relação a pedagogia ⁽²⁴⁶⁾ e para, desta forma minimizar as dificuldades que os professores e os alunos sentem no ensino aprendizagem da língua.

No item Perseverança podemos encontrar a seguinte citação: "A perseverança pode ser estimulada se o aluno encontrar prazer no que esta a realizar. E esse prazer poderá resultar, entre outras coisas, do facto de ir tomando consciência do êxito que está a ter no seu trabalho ⁽²⁴⁷⁾." A pedagogia a que a autora faz anuência dizendo que, qualquer actividade lectiva tem obrigação de apresentar possibilidades pedagógicas bem definidas que provoquem o tal estímulo referido por ela. No que diz respeito ao ensino avaliação em S.Tomé o sistema educativo ainda não pode adequar o ensino aprendizagem ao contexto linguístico do país na medida em que, ainda não foi dado nenhum passo concreto, nem que seja de carácter informativo, por parte dos metodólogos da língua portuguesa, dados fiáveis das dificuldades dos aprendentes ao longo destes anos que pudesse orientar os professores e o Ministério que estratégia adoptar.

Já se devia aplicar uma metodologia mais adequada que fosse de encontro ao problema linguístico que os santomenses enfrentam actualmente no país e perder a mania de recorrer à linguística portuguesa e querer justificar o problema que os aprendentes revelam em aulas do ensino aprendizagem do português.

²⁴⁶ Luiza Cortesão. Maria Arminda Torres. Avaliação Pedagógica II. Mudança na Escola Mudança na Avaliação. 4ª Edição. Colecção ser Professor. Porto Editora. 1994. P.46.

²⁴⁷ Idem. P.49.

É chegado o momento de cada professor de língua portuguesa e cada metodólogo debruçar e dedicar a sua atenção ao problema derivado do plurilinguismo e de sociolinguística. Não podemos continuar a dar respostas preguiçosas, do género: os alunos têm dificuldades a nível da gramática: ou seja, nos adjectivos, nos substantivos etc. E também a nível da interpretação diremos: os alunos escrevem mal e lêem mal.

O país desde sempre convive com um panorama linguístico ⁽²⁴⁸⁾ referido por Pontífice, muito peculiar aos santomenses. Portanto não é de se estranhar a realidade linguística que existe no país. O que de facto urge fazer é arranjar mecanismos que dêem respostas a esta realidade.

No capítulo: “Insucesso do aluno, Da Escola, ou Da Sociedade?” Cortesão e Torres citam o seguinte: “Também a escola pode ter efeitos diferentes em certas perturbações sentidas pelos alunos, perturbações que tiveram a sua origem em situações vividas antes da entrada para a escola. Mas, para além dos aspectos relacionais “..., respeitar, atender, valorizar culturas linguagens e comportamentos diferentes ⁽²⁴⁹⁾.” Evidentemente que Cortesão apresenta uma citação muito esclarecedora, pelo menos, para o caso do falar santomense. A escola ignorando esta pratica e não tendo ou assumindo uma postura de defesa e de receptividade tanto para a língua de partida como para a lingua de chegada não poderá contribuir como é de se esperar com o seu objectivo para o sucesso dos aprendentes. No currículo escolar santomense, não tem sido referido a existência dessas línguas mencionadas por Pontífice ⁽²⁵⁰⁾. Os aprendentes nunca falam da situação linguística que paira no seu contexto social.

Todos os alunos têm o direito de ser esclarecidos sobre a questão da miscigenação linguística. Faço desta forma ressaltar a opinião apresentada no Colóquio Internacional sobre as línguas Nacionais de S. Tomé e Príncipe ⁽²⁵¹⁾. Não afirmo nem infirmo se se deve ensinar o crioulo nas escolas, pelo menos por enquanto. Acho que devemos ser cautelosos,

²⁴⁸ Fernanda Pontífice. Relatório do Desenvolvimento Humano em S. Tomé e Príncipe. 1998. P.59.

²⁴⁹ Luiza Cortesão. Maria Armanda Torres. Avaliação Pedagógica. Insucesso Escolar I. 1990. P. 55.

²⁵⁰ Fernanda Pontífice. “S. Tomé e Príncipe país insular com a peculiar história de ter servido de porto de escravos o que resultou a riqueza linguística: forro, lunguyé, tonga, crioulo de Cabo verde, angolár. Relatório do Desenvolvimento Humano de S. Tomé e Príncipe. 1998. P.59.

²⁵¹ Colóquio Internacional S. Tomé e Príncipe. 2001.

não obstante as exigências se apresentarem neste momento tentadoras. Acho que pelo menos o terreno deve ser desbravado.

Encontra-se plasmado no capítulo 6 de QECR 2001 ⁽²⁵²⁾ uma série de elementos concludentes para a aprendizagem e o ensino das línguas. Até agora o currículo escolar santomense apresenta programações muito bem elaboradas para qualquer aluno que queira estudar português padrão. Todos os itens seleccionados, com certeza levam ou levará um bom aluno de língua portuguesa ao êxito. Só que, a escola agrupa os alunos por turma, com diferentes níveis do saber. É por esta razão que considero que a escola sempre cometeu erros e continua cometendo, quando ignora a situação social linguística do país e se protege num currículo que classificarei de ilusório. Cada País tem a sua própria realidade a qual deve ser dada a devida atenção.

Penso que o problema se encontra na falta de maior intercâmbio, com relação a situação linguística, entre os coordenadores e o Ministério. É necessário que haja mais coordenação entre os metodólogos e o Ministério para que se possa obter no final do ano lectivo um dossier completo que possa servir de base para uma maior valia na elaboração do currículo escolar do país, e desta forma poderá propiciar que se dê início ao que foi proposto no Colóquio. Não pretendo que se deixe de seguir o currículo de ensino de Portugal. Simplesmente, penso que temos que adaptá-lo às nossas realidades para que se possa fazer justiça na avaliação do ensino aprendizagem de língua portuguesa.

Há muitos anos atrás, diga-se, na década de 50/60 salvo erro, os professores europeus reclamavam junto as mães dos seus alunos que as crianças não percebiam o português, e que tinham por hábito responder em crioulo, perguntas feitas em Língua portuguesa. Já nesta altura se sentia a miscigenação linguística da época. Fazendo um salto enorme até a época de pós independência, a situação linguística do país alterou-se consideravelmente, juntamente com a situações política, económica e social.

Pelo facto de pertencer ao mesmo contexto sociolinguístico permitam-me apresentar uma opinião. A situação da língua falada em S.Tomé foi sofrendo gradualmente bruscas

²⁵² Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem Ensino Avaliação. Edições ASA. 2001. P.P. 185 a 214.

alterações, sem controlo e sem o registo de factos concretos, da causa que originou esta violentação. Pensando e seguindo o conceito diacrónico e sincrónico da história das línguas, esta actividade não foi aproveitada como estudo linguístico em S.TP, enquanto foi acontecendo no meio linguístico dos falantes santomenses, estas graduais alterações na forma de comunicar.

5.2. Como se processou a tradução

O problema da língua portuguesa e do crioulo santomense parece apresentar – se com um contorno um pouco diferenciado do de outros PALOP. Constatou-se que os aprendentes cabo-verdianos estudam a língua portuguesa, em língua crioula. Em S.T. passa-se o mesmo, com a diferença de que os aprendentes comunicam num falar santomense, proveniente da tradução, e da transformação do crioulo e do português. O que acabo de dizer foi dito no Colóquio por Mata 2001 ⁽²⁵³⁾ desta forma: “daí que na sua realização essa língua se manifestasse (e se manifeste) mais do que com interferências, como verdadeiras traduções directas do forro para o português, com uma estrutura e uma semântica que não correspondem às solicitações do nível de utilização de uma língua oficial...” Pelo que pude discernir com esta citação, Mata tenta colocar a semântica no mesmo nível da estrutura gramatical. Isto poderá ter a sua explicação considerando o nível da língua que ela identifica na miscigenação que ocorreu e (ocorre) no país. Trazendo à mesa as frases apresentadas nos respectivos quadros, com o falar santomense demonstra que em muitas realizações linguísticas, o falante diz o mesmo que a coluna correspondente. Ou seja, nos quadros do capítulo III, as semânticas das frases no falar santomense são as mesmas das da língua padrão para a maioria das frases.

Para além da tradução mental, os falantes fazem também a transformação dos vocábulos. Seguindo o pensamento de Pereira, o crioulo de base portuguesa, apresenta três fases, basilectal, mesolectal e acrolectal. Acima referi que o crioulo de ST é proveniente da tradução e da transformação do português e do crioulo.

²⁵³ Inocência Mata. Colóquio Internacional sobre as Línguas Nacionais de S. Tomé e Príncipe. MEC S.T.P. 2001: P. 84.

Esta afirmação sustenta-se na medida em que, neste momento considero o crioulo numa das suas três fases acrolectal ⁽²⁵⁴⁾. Todos os santomenses podem e têm uma opinião credível do problema da língua de S.T. Protegidos pela própria experiência, derivada pela própria contribuição, podem apresentar uma opinião e um envolvimento diferenciado. O mais importante disto tudo é estar de acordo que existe a tradução mental referida pelo (Corder, 1983) ⁽²⁵⁵⁾. Agora, há que discernir em que momento é que ocorreu esta tradução e a transformação. Será na fase do crioulo quando basilectal, ou mesolectal, ou acrolectal.

Baseando na trajectória do crioulo e da sua própria história, seguindo a linha do pensamento de Schuchardt que diz que o crioulo como qualquer língua está sujeito às vicissitudes e desenvolve um conjunto de variedades em direcção às línguas de contacto ⁽²⁵⁶⁾. Nessa conjuntura pode - se considerar que a tradução e a transformação acima afirmadas terem sido feitas em dois sentidos e suportadas por dois elementos: o crioulo acrolectal e a língua portuguesa em várias formas.

Tendo em conta o estudo que todas as pessoas interessadas fazem sobre a interferência ou tradução, ou descrioulização, ou desgramaticalização ⁽²⁵⁷⁾, esta última não muito usada, fazem-no considerando uma das fases do crioulo dentro do conceito diacrónico ou síncronico. Porque se não, seria importante por a seguinte questão: Em que fase do crioulo baseia a sua análise? É óbvio que só elas próprias podem responder na medida em que, diacronicamente e sincronicamente o crioulo esteve em contacto com o português, relacionando de forma traduzível ou não, como fez anuência (Pontífice, 1998) e outros.

5.3. O efeito dessa tradução

Considero a análise feita neste trabalho numa fase acrolectal pelo facto da sua exagerada proximidade com o português. Existem expressões que já não necessitam de traduções mais sim de regras. Esta situação para mim põe o maior obstáculo quanto a análise, (porque se trata do falar santomense e não do crioulo) na medida em que, em muitas realizações linguísticas, os falantes dizem a mesma coisa com vocábulos do português, mas

²⁵⁴ Dulce Pereira. Crioulo de Base Portuguesa. Universidade de Lisboa. Faculdade de letras. 1999. P. 14

²⁵⁵ Pit Corder. Ibidem.

²⁵⁶ Dulce Pereira. Crioulo de Base portuguesa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. P. 27.

²⁵⁷ Hildo Couto. Universidade de Brasília 14/10/05. <http://www.unb.br/il/liv/papers/gramat.htm>

que não poderá ser aceite na norma portuguesa (²⁵⁸). Esta dificuldade foi referida por Dulce 1999, por Mata 2001. Couto 2005 (²⁵⁹) também não deixa de referir, quando no site apresenta “A questão de Gramaticalidade nos Estudos Crioulos”. Considerando que, actualmente o maior interesse na criolística seja a formação e a transformação das línguas crioulas. Couto define que, só pode haver gramaticalização se houver antes uma situação de agramaticalidade, se houver uma desgramaticalização prévia. No caso das línguas crioulas podem ser concomitantemente com a fase da gramaticalização ou de formação do crioulo, adopção de elementos da língua léxificadora ou de superstrato. Esse processo de regramaticalização pode desfigurar a língua crioula ao ponto de ela passar a ser uma variante, ou dialecto da língua léxificadora. É o que parece estar a ocorrer em S.T.

Na era colonial não foi feito nenhum estudo para que se pudesse apurar o que se estava a passar na altura em que os professores reclamavam sobre o problema da língua portuguesa. Tudo resumia-se em “ as crianças não sabem e falam mal o português, as crianças respondem as questões feitas em português no crioulo. Felizmente agora com a realização do Colóquio Internacional sobre as Línguas Nacionais em S.Tomé e Príncipe, o primeiro passo já foi dado a espera da sua consecução.

Penso que as crianças no tempo colonial que iam as escolas sentiam-se mais protegidas com as mães do que com os seus respectivos professores, sem margem para dúvidas. Portanto, não podia haver estímulo na aprendizagem de uma língua que surgia como nova, e só quando se fosse ao ensino primário para estudar as suas regras. Provavelmente essas crianças entendiam perfeitamente o que lhes era pedido e utilizavam a teoria hermenêutica, e respondiam no crioulo, em consciência transcendental. Esta afirmação surge derivada de seguintes pontos, que não devemos esquecer e que se reveste de capital importância:

- a) Os professores portugueses não falavam e nem entendiam o crioulo de S.T.
- b) O ensino no tempo colonial era feito sobre forma de agressão corporal.

Nesta conjuntura, não se pode afirmar que os santomenses não compreendem o português. É prematura e penso que continuará sendo, considerando os conceitos da hermenêutica. De

²⁵⁸ Ver quadros do capítulo III. 3.1. 3.2. 3.2.2. 3.3. 3.4.

²⁵⁹ Hildo Honório do Couto. Universidade de Brasília. 14/10/05. <http://www.unb.br/il/liv/papers/gramat.htm>

outra forma podíamos questionar porque será que a maior parte das frases que constam nos quadros ⁽²⁶⁰⁾ correspondem a mesma ideia em português?

5.4. O papel da escola e a contribuição do professor

Segundo Ducrot ⁽²⁶¹⁾ é necessário fazer aparecer as proposições escondidas, que constituem o ponto de vista do sentido para que se possa compreender-lhe a significação e determinar os raciocínios a que pertencem. Apresentou como exemplo a frase: Só deus é bondoso; (que é analisado em... e), “Deus é bondoso a” “nenhum ser diferente de Deus é bondoso.” Para muitas frases feitas nos quadros correspondentes ao falar santomense, com base no que diz Ducrot não se pode ver o sentido delas para que possam ser analisadas nos seus raciocínios, na medida em que, antes de serem analisadas em relação as suas significações já foram desclassificadas como frases ou foram alteradas as colocações dos seus elementos sintácticos para que possam ficar mais próximas da língua de chegada ou do português norma. O que significa dizer, que não é dada a prioridade ao falante ⁽²⁶²⁾, mas sim, a norma linguística. Esta mesma relação foi feita por Couto ⁽²⁶³⁾ da seguinte maneira: “A esse tipo de comunicação parcialmente bem sucedida devido apenas ao contexto da situação os crioulistas chamam comunicação pelo modo pragmático, por oposição à comunicação pelo modo sintáctico, em que o entendimento se dá mediante um instrumento socializado de interacção, logo gramaticalizado.”

Nessa conjuntura, numa composição em que o aprendente escreve frases como as que se apresentam no capítulo III na coluna pertencente ao falar santomense, nunca se ficará a saber que os alunos tiveram o raciocínio correcto para a formulação correcta em língua portuguesa. Mas, seguindo pela lógica de Couto encontra-se a justificação para as frases apresentadas no falar santomense quando parcialmente são bem sucedidas como poderá comprovar a coluna pertencente ao português. Será o mesmo que dizer que, os santomenses que pronunciam essas duas proposições:

²⁶⁰ Ver quadros do capítulo III. 3.1. 3.2. 3.2.2. 3.3. 3.4.

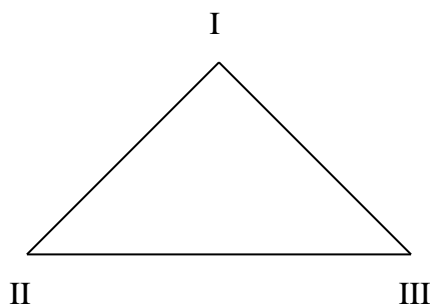
²⁶¹ Oswald Ducrot. Princípios de Semântica linguística. Dizer Não dizer; Não Dizer, Dizer. Editora Cultrix São Paulo. P. 73.

²⁶² Oswald Ducrot. Ibidem.

²⁶³ Hildo Honório do Couto. Ibidem.

“Ele jogô parede com pedra. Ele atirou a pedra para a parede.” Apesar de as duas frases exprimirem a mesma ideia, o vocábulo “jogô e atirou” na “tradução mental” dos falantes santomenses podem-se representar. Os vocábulos podem realizar essas funções se consideramos a bivalência das palavras. Tal como acontece com algumas palavras ou expressões do português. Desta forma a frase poderá ser bem sucedida para o falar santomense.

Apresento abaixo um triângulo que representa as expressões:



I = LL ou LS → Língua portuguesa. Exemplo: Ele atirou a pedra para a parede.

II = LS ou crioulo: Ê zugá palêdê ku budo.

III = descrioulização ou falar santomense: Ele jogou parede com pedra ou ele jogou pedra pá parede (²⁶⁴).

Não se pretende convencer a ninguém para que considere a frase no falar santomense de correcta. Pretende - se sim, que seja dado o valor real às pessoas que têm esse convívio linguístico e que utilizam essas expressões, porque nada tem a ver com o sinónimo de burrice, como tem sido o hábito de pensar de algumas pessoas. Não seria incorrecto de todo dizer que nestas frases o vocábulo de bivalência “jogar e atirar” servem para o crioulo mas não servem para o português. Tal como o português em muitas palavras e expressões afastou – se do latim.

Existe sempre interrogações como: Por que a escola não ensina também a linguagem familiar? Esta interrogação vem de certa forma responder às diversas dificuldades com que

²⁶⁴ I – LS é língua de superstrato, ou LL – língua léxificadora; II – LS, Língua de substrato; III – A fase em que o crioulo já se encontra “desfigurado” ou transformado.

os professores defrontam em S.T.P., ao ensinar a língua portuguesa. Reflectindo bem sobre a questão, do funcionamento da língua portuguesa, numa breve análise é primordial que se siga uma determinada norma gramatical, seja ela gramática tradicional, gramática generativa transformacional ou não. Sabemos que a sintáctica cuida de funções e formas, a literária observa a estética, a semântica com base sincrónica investiga o jogo dos significados. De facto temos elementos de estimado valor linguístico em que podemos apoiar na execução das nossas tarefas no ensino aprendizagem. Por que não fazer com que estes elementos correspondam às nossas necessidades. Por exemplo, a análise da semântica de vocábulos problemáticos! Não se trata de confrontar o português, mais sim, de abraçar suportes que possam dar maior contributo ao ensino do português. Podemos desta forma contribuir para que os professores de português deixem de ver somente nos erros de ortografia feitos pelos aprendentes e possam valer também da ajuda que poderão obter da história da semântica, contida na especificidade de cada léxico problemático.

Considerando todos esses elementos que constituem o padrão do estudo das línguas, questiona-se de imediato onde encontraremos espaço para abordar o problema do falar santomense ⁽²⁶⁵⁾, que no meu entender constitui condição necessária para um melhor ensino aprendizagem do português. O Ministério da Educação confronta com uma série de problemas a nível socio-económico. Os professores acumulam muitas horas lectivas, chegando mesmo a ter horas de prestação de serviços, de manhã, a tarde e à noite. Que motivações encontrarão para se dedicarem ao problema do falar santomense? Mesmo com todos esses factores de entrave, o maior está em não priorizar a questão do problema da miscigenação da língua em S.T.

5.5. Implicações metodológicas

A didáctica sendo a teoria da pedagogia e a metodologia a entidade responsável para seguir os passos pedagógicos, é de capital importância que seja dada maior atenção metodológica na pedagogia aplicada ao ensino do português em S.T.P., tendo em conta todos os problemas apresentados neste trabalho. A conceitualização psico-socio-linguístico não

²⁶⁵ Frases que se encontram nos quadros do capítulo III.

deve como diz Bertocchini e Costanzo 1989 ⁽²⁶⁶⁾ ocupar um lugar fixo no esquema de trabalho, deve intervir desde o início e no decorrer natural da actividade.

O “falar santomense” nunca fez parte do currículo escolar do ensino básico ou preparatório. No ISP, Instituto Superior Politécnico de STP, em 2001/2002 existiu e não sei se ainda existe no roteiro programático, para o ano propedêutico ou para o primeiro ano da língua portuguesa, uma programação em que um dos itens dizia o seguinte: “A situação da língua portuguesa em STP”. Tenho a dizer quanto a isto que considero este tema muito genérico. Como também acho que em nada contribuirá para a melhoria da situação do português no país; digo isto pela simples razão de ter constatado que nem os professores nem os alunos têm alicerces sustentados para lidarem com a realidade que é o “o falar santomense”. Para além da própria escola ainda não ter desenvolvido nenhuma política de intervenção: no início no meio ou no fim para os anos lectivos. Os próprios alunos não tiveram alguma abordagem sobre o problema da língua, em nenhuma escola de STP. Ou seja, não tiveram qualquer tipo de preparação prévia.

As nossas cooperações não contemplam com pormenores, em que áreas necessitamos de apoio, e para que níveis precisamos de professores portugueses. Este é um dos problemas que penso que o Ministério deverá dedicar maior atenção. Se tivéssemos dados comprovativos, tanto para cada nível etário, como para situação regional, facilitaria em muito, com a metodologia a aplicar no ensino da língua padrão, no país.

Tenta – se dar a responsabilidade à escola. Algumas pessoas dizem que o currículo escolar já se encontra esgotado com conteúdos programáticos. Acredito que haverá pessoas que pensarão que seria mais produtora que a atenção fosse dada à questão do falar santomense.

O falar santomense não se limita somente a identidade de um povo. Nesta altura já está infiltrada na estrutura da língua oficial, tanto corrente como cuidada. As traduções que têm sido feitas até então evoluíram em diferentes direcções. Por exemplo, os falantes que só tinham o crioulo oral e o português oral e escrito, se os seus filhos fossem postos sob a influência maioritária da língua portuguesa, essas crianças teriam uma realidade diferente

²⁶⁶ Paola Bertocchini. Edvige Costanzo. Manuel d’autoformation. 1989.

dos seus pais. Ou seja, a oralidade e a escrita do português para essas crianças estariam somente influenciadas pelos substratos isolados do crioulo esporádico. Isto acontece porque os pais não falam o crioulo com os filhos, pois eles próprios, não sabem falar. Nesta conjuntura, as interferências variam devido: o grau de envolvimento que se teve com o crioulo; o nível de escolaridade e seguindo a linha do pensamento de Mata (²⁶⁷), já referido num capítulo antecedente. É aí onde penso que começa o problema da língua portuguesa de S.T. Por isso, o papel da escola seria muito preponderante.

Sabemos que as crianças que nunca conviveram com o crioulo podem ouvi-lo pelo contexto de imersão linguística. Vou citar um exemplo que aconteceu comigo quando estive a fazer recolhas de expressões para este trabalho. O meu filho chegou da escola e informou-me que tinha discordado com um colega que tinha pronunciado a frase (²⁶⁸). Ele tinha dito ao colega que a frase estava incorrecta (que devia ser semelhante a da norma), e o colega respondeu que não concordava e o meu filho queria que a minha opinião desempatasse. Fiquei uns minutos a pensar e disse que os dois tinham razão, que a frase do colega estava mais próxima do crioulo e que a dele estava mais próxima do português padrão. Tinha respondido desta forma pelo facto de me ter apoiado na semântica das duas frases. Estes dois alunos são alunos de uma escola portuguesa de S. Tomé. Este caso é um dos muitos que tem estado a acontecer.

A análise semântica não substitui a sintáctica ou vice – versa. Seja que resultado obtivéssemos, num acto de comunicação oral, semelhante as que se encontra nas colunas do “falar santomense em S.T” poderíamos obter uma interpretação aproximada, igual, ou diferente da semântica da língua padrão, não obstante as duas frases terem uma organização sintáctica totalmente diferenciada uma da outra. Quero com isto dizer que é aqui onde teremos implicações metodológicas. Chega a ser muito desolador para os aprendentes quando confrontados com várias proposições orais ou escritas em que semanticamente são semelhantes (no seu exercício mental) ao padrão e morfologicamente as mesmas nada têm a ver. Nestes momentos pergunta - se que valores estarão a ser dados à semântica?

²⁶⁷ Inocência Mata. Colóquio Internacional sobre as Línguas Nacionais de S.T.P. 2001. P.81.

²⁶⁸ “Ê tava quase, quase pá sino tocá.” Ver a frase correspondente no capítulo III. 3.2.1.1. 89ª frase.

Aprendemos a definir e a ensinar a semântica como interpretação de ideias numa frase ou num texto; ela regula o contexto de todo o universo linguístico (²⁶⁹). Ou seja, o ensino da língua deve abranger o campo do significado, a semântica. Caso não for ficará fora do contexto universal diacrónica e sincronicamente. Então podemos considerar que, muitas frases proferidas (nos quadros) pelos falantes santomenses não se encontram fora do contexto. Apesar de estarem a passar por diferentes interferências das que se definem para o multilinguismo.

Bleicher 1970 (²⁷⁰) diz que “A objectividade é possível, em princípio, devido à autonomia, à existência em si, de objectivações da mente; mas a sua objectivação nunca pode ser absoluta, em virtude da distância entre o discurso escrito e falado e o seu destinatário”. Esta citação justifica a atitude dos falantes santomenses ao formularem proposições objectivas. Todos têm autonomia na selecção dos elementos que devam fazer parte dos vocábulos da frase. E, como não pode ser proposição absolutamente do crioulo ou do português, devido as imposições tanto de um discurso falado como escrito da língua que se pretende atingir, o falante, antes de proferir algo faz de certo um raciocínio mental igual ao que faria se pretendesse falar em qualquer língua estrangeira. Procura relação, semelhança e proximidade, igual ao que foi feita para as frases do capítulo III. Quanto ao destino do discurso a questão que se coloca é: sob que base o falante do discurso será avaliado pelo seu receptor ou por um professor?

Para o ensino das línguas qualquer linguista, mesmo que dê especial atenção à forma, não deixa de dar prioridade ao conteúdo. Se tomarmos como exemplo, todos os elementos que fazem parte da frase “ele joga parede com pedra”; rapidamente poderíamos confrontar que com meras alterações que se trata de mesmos elementos da frase: ele atirou a pedra para a parede. Esta observação não seria de forma fácil, para os professores que não conhecem a realidade sociolinguística do aprendente santomense. O professor ao dar maior ênfase a forma da frase que foi dita ou escrita pelo aluno, estará decerto a dar possibilidades a que, o aprendente desenvolva a sua habilidade no uso da linguagem; ou porque não dizer, estaria a atingir os seus objectivos como professor. Sem dúvidas, teria vantagem no objectivo primordial de qualquer professor de português que é fazer com que os alunos

²⁶⁹ Josef Bleicher. *Hermenêutica Contemporânea*. P. 57.

²⁷⁰ *Ibidem*

escrevam correctamente. Mas, a forma e o conteúdo se completam quando se trata da língua sem miscigenação. Para o caso do falar santomense onde podemos encontrar estrutura da língua de partida ou da língua de chegada e os seus respectivos vocábulos implicados na frase, nenhum professor poderá atingir os seus objectivos sem utilizar outras estratégias. Mais uma vez será confrontado com implicações metodológicas, no ensino aprendizagem do português.

A função de qualquer língua vernácula seria também a de desenvolver o raciocínio; relacionar; captar; reflectir; por duas palavras, traduzir a inteligência. É aí onde muitos professores de português pecam. Apoiados pela norma da língua padrão avaliam de prontidão os alunos santomenses. Não querem ou não estão preparados para trazê-los do raciocínio da interlíngua “o falar santomense” (²⁷¹), para a norma portuguesa. É urgente que trabalhos desses sejam feitos, porque o papel do professor de língua portuguesa contribui na formação do raciocínio do aprendente e na ampliação dos seus conhecimentos para outras disciplinas.

5.6. Identificação dos vocábulos que entram na gramática comunicativa dos santomenses. Relação com a norma. Explicação com base no quadro.

O quadro dividido em cinco colunas sendo a primeira designada de “FS” o falar santomense. Nela foi colocada os vocábulos de maior uso na forma como são pronunciadas pelos santomenses. A coluna designada de “EXPL” significa explicação. Dá as explicações sobre o comportamento das palavras que aparecem na coluna do falar santomense. A coluna seguinte diz que classe gramatical pertence a palavra, representada por siglas, “CLAS/GRAM”. A sigla “NOR”, significa norma portuguesa, identifica e dá dados que servem tanto para o falar santomense como para o português ao ser detectado o desvio da palavra de análise. A coluna designada por, “SEM/DIFER” está última, estabelece a relação de semelhança “SEM” ou diferença “DIFER” entre as duas formas, ou seja: para o falar santomense e para a norma portuguesa. Este quadro foi analisado somente com base nas ideias que exprimem e nas grafias que possuem e nos sons que apresentam, pelo facto de não se poder considerar a escrita de um falar que não seja institucionalizado, como é o

²⁷¹ Interlíngua já referida ao longo deste trabalho partindo da teoria de Pit Corder; Rod Ellis; H. Ringbom., no capítulo I.

caso do falar santomense. A pronúncia tenta representar a forma como é perceptível no falar santomense. As palavras que constam nos quadros podem ser encontradas em frases dos respectivos quadros do capítulo III.

FS	EXPL/	CLAS/GRAM	NOR/	SEM/DIFER
Non	Pode ser: nó não	Advérbio	Não	Semelhantes na semântica. Diferentes no som e na grafia
Mu	Aparece sempre ligado ao verbo, como se fosse a continuação do verbo	Pronome	Me	Semelhante na semântica Diferente na grafia e na Fonética.
Taqui	Aparece sempre contraído ao verbo	Verbo Advérbio	Estar. Aqui.	Semelhante na semântica Diferente na grafia e na fonética
Docê	Aparece sempre contraído e pode ser: doces dimi, dimim, dele/s	Preposição. Pronome	De. Você	Semelhante na semântica Diferente na grafia e na fonética
Noé	Aparece quase sempre contraído	Advérbio. Verbo	Não. Ser.	Semelhante na semântica Diferente na grafia e fonética
Peu	Pode ser: pê, pele, pela.	Preposição Pronome.	Para. Eu.	Semelhante na semântica

	Aparece sempre contraído			diferente na grafia e na fonética
I	É muito usado pelos santomenses	Verbo	Ir	Semelhante na semântica diferente na grafia e na fonética.
Quê	Aparece sempre com esta forma simplificada sem “o”.	Pronome	O que O quê	Semelhante na semântica diferente na grafia e na fonética

FS	EXPL/	CLAS/GRAM	NORM.	SEM/DIFER
Cocê	Nos últimos tempos tem sido cada vez mais o uso desta forma contraída.	Preposição pronome	Com Você	Semelhante na semântica Diferente na fonética e na grafia.
Né	O falante usa mais nesta forma contraída do que em separado	Advérbio Verbo	Não É	Semelhante na semântica Diferente na fonética e na grafia
Qué	Os falantes usam desta forma para	Pronome	O quê	Semelhante na semântica Diferem na

	questionar ou exclamar.			grafia e na fonética
Um	Tem múltiplas funções no falar santomense	Artigo, numeral, prefixo, Interjeição, Preposição, Adjectivo.	Artigo Numeral	Na semântica diferente para alguns casos São semelhantes na grafia e na fonética
Ocê	Esta forma é muito usada no país	Pronome	Você	Semelhante na semântica. Diferente na grafia e na fonética
Tôi	É muito usada no país	Verbo	Estou a ir	Semelhante na semântica. Diferente na grafia e na fonética.

FS	EXPL/	CLAS/GRAM	NORM.	SEM/DIFER
Dimi	É muito utilizado entre as crianças.	Preposição pronome	De Mim	Semelhante na semântica. Diferente na grafia e na fonética.
Deu	Aparece sempre contraído	Preposição pronome	Não há correspondência	Diferente na semântica. Semelhante na grafia e na

				fonética
Cu	É muito utilizado pelos santomenses	Preposição	Com	Semelhante na semântica. Diferente na grafia e na fonética
Pá	É pronunciada quase sempre desta forma	Preposição	Para	Semelhante na Semântica, Diferente na grafia e na fonética
Cueu	A pronúncia é feita desta forma	Preposição Pronome	Com Eu	Semelhante na semântica e diferente na grafia e na fonética
Ché	Aparece no início da frase e no meio	Interjeição	Não existe correspondência, pode representar: Eh	Semelhante na semântica e diferente na grafia e na fonética
Comê	É pronunciado desta forma e é muito usada	Verbo	Comer	Semelhante na semântica diferente na grafia e na fonética

FS	EXPL/	CLAS/GRAM	NORM.	SEM/DIFER
Friô	É pronunciado desta forma	Verbo	Não existe relação	Diferente na semântica e diferente na grafia e na fonética
Nhonô	Vocábulo exclusivo do crioulo	Verbo	Não existe correspondência ⁽²⁷²⁾ .	idem
Berrô	É pronunciado desta forma	Verbo	Berrar	Semelhante na semântica diferente na grafia e fonética
Ê	É pronunciado desta forma	Pronome	Eu	Semelhante na semântica Diferem na grafia e na fonética

5.7. Explicação dos vocábulos segundo a frase em que aparecem e segundo a alteração fonética e estrutural que sofrem.

5.7.1. Introdução explicativa.

A maioria de vocábulos que aí vão ser referidos figura nos quadros do capítulo III, respectivo ao falar santomense. A classificação que se tentou dar, foi com firme intenção que servisse como um pequeno glossário. Um pequeno glossário onde, para muitas dúvidas, pelo menos no que respeita à formação de algumas palavras, a sua origem, em que situação é do uso dos falantes santomenses, este pequeno glossário tentou dar a resposta. Se não figurar todos os vocábulos problemáticos do falar santomense, que constam nos quadros, espera-se que, a semelhança dos que são aqui analisados poderão contribuir para superar as dificuldades. As palavras não foram colocadas por ordem alfabética nos quadros, mas sim, por fase do interesse e implicância com o trabalho.

²⁷² Ver o glossário

5.7.2. Glossário

Nó, non	Este vocábulo tem valor de negação na frase em que aparece. Os santomenses pronunciam um ou outro, dependendo da frase. Pode aparecer no falar santomense, numa frase declarativa afirmativa como nos demonstra as frases em 3.2; e frases em 3.4. A palavra perdeu a estrutura da língua padrão, pela forma de utilização que os falantes fazem dela. Ou seja, o som da pronúncia alterou porque a palavra sofreu uma síncope a vogal "a", perdeu o sinal gráfico "~" e ganhou um acento agudo à vogal, "ó". Na segunda forma perdeu o acento agudo e introduziu uma consoante "n".
Noé, né	O verbo ser aparece contraído ao advérbio de negação "non". Essas duas formas são usadas pelo falante (que opta por uma delas), de acordo a frase que constrói. Portanto esta nova estrutura tem a ver com a alteração fonética da palavra quando sofreu uma síncope em "a" do vocábulo "não" e contraiu-se ao verbo ser na terceira pessoa do presente indicativo. O mesmo ocorreu ao vocábulo "né"; só que desta vez foi feita uma síncope da vogal "o" do vocábulo não. É muito usado no falar santomense. Pode ter-se derivado da tradução mental do crioulo "na sá?" e do português "não é". Do crioulo talvez possa ter usado a estratégia da contracção pela influência da pronúncia e do português terá emprestado as letras.
Chamamu?	Este vocábulo é o verbo chamar que sofreu uma apócope ao "r" final, contraindo em seguida com o pronome pessoal oblíquo do crioulo santomense "mu", dispensando o clítico da gramática normativa, que existe para situações como esta e, a verdadeira forma do pronome pessoal oblíquo não reflexivo átono "me" da norma portuguesa.
Taqui	Trata-se de uma contracção do verbo "estar" e o pronome "aqui" O verbo "estar" sofreu uma aférese da sílaba, "es" inicial e uma apócope ao "r" final, contraiu-se ao pronome demonstrativo "aqui" que terá também sofrido uma aférese da vogal "a" inicial.

Docê	É a contracção da preposição “de” e o pronome “você” A preposição “de” sofreu apócope a vogal “e”, sua ultima letra e contraiu-se ao pronome “você que terá sofrido uma aférese da consoante “v”. E por fim, acabando por formar com o que restou da palavra, uma contracção.
Friô	Trata-se de um vocábulo do crioulo sob a grafia de “fiá”. Terá tido a sua proveniência do português “frio” conservando simplesmente a semântica e ganhando o acento circunflexo. Esta nova grafia adquirida “friô” será provavelmente derivada pela convergência semântica entre o substantivo “frio” e o verbo “arrefecer”.
Peu/ pê	Estas duas palavras são sinónimas. Ambas contraíram com a preposição “para e o pronome “eu”. A primeira contracção houve uma apócope a todas as letras da preposição “para” conservando somente a letra “p” que se contraiu com o pronome “eu”. Para a grafia “pê” ocorreu o mesmo com a preposição “para”, mas, o pronome sofreu uma apócope a vogal “u” final. Esta tendência ocorre devido a influência do crioulo forro que utiliza a mesma estratégia entre a preposição e o pronome: do crioulo “P’en bé”
I	No crioulo santomense não se pronuncia o som “r”, como já é sabido. A tendência dos falantes santomenses é a supressão do “r” em determinadas palavras que em Português tenham “r”. Por isso houve uma apócope ao “r” final do verbo “ir” Português. É uma prática comum para todas as palavras que tenham a consoante “r”.
nhonô	Trata-se de um léxico pertencente meramente ao crioulo de S. Tomé. É difícil encontrar uma tradução tão linear a sua utilização em Língua portuguesa. Não existe um vocábulo sinónimo que possa representar a palavra. Mas, poderá representar aproximadamente palavras como: mexer um pouco de; tirar um pouco de. Este vocábulo já não pertence só ao crioulo agora já pertence também ao grupo de vocábulos que fazem parte do falar santomense.

Quê/qué	Estes dois vocábulos são sinónimos. Variam consoante a intensidade fonética que o falante põe no diálogo ou dependendo do tipo de frase. São usados normalmente como interjeição, ou pronome interrogativo. Os falantes santomenses por vezes usam com a vogal, “o” ou, por vezes dispensam.
Ocê	Trata-se da palavra “você” do pronome português. Ocorreu uma aférese a letra “v” da palavra. É muito usada pelos falantes tanto no início, no meio, ou no fim de uma frase, e em repetidas vezes. Indica proximidade entre as pessoas. Quando contraída no falar santomense, com outras palavras pode diminuir de letras.
Berrá, comê, dormi, morrê, metê	Estás palavras apresentadas são verbos que em geral perdem a sua forma do infinito do verbo padrão (berrar, comer, dormir, morrer, meter), etc. O crioulo santomense dispensa, normalmente, os “r” finais do verbo português. Por influência desta realidade o falar santomense, ou gramática comunicativa oral dos santomenses opta por fazer uma apócope ao “r” final do verbo português, como podemos ver nas frases do capítulo III. E também, em muitas palavras que possuem “r”, tanto no início, no meio ou no fim.
Ê	Trata-se de um pronome pessoal. Normalmente os falantes aplicam uma apócope a última vogal “u” do pronome pessoal português, “eu”, o que lhe faz ser uma vogal semiaberta. Já pertence ao vocábulo do falar santomense, como primeira pessoa gramatical, embora no crioulo seja a terceira pessoa gramatical.
Tôi	É a contracção da conjugação perifrástica “estou a ir”. O verbo “estou”, sofreu uma aférese a sílaba “es” e uma apócope a vogal “u”, ganhando em seguida um acento circunflexo a vogal, “ô”. Houve uma supressão da preposição que servia de ligação ao verbo “ir”. O verbo “ir” sofreu uma apócope ao “r” final marcador do modo infinitivo do verbo português.

Dimi, dimim	Para esta palavra a contracção foi feita entre a preposição “de”, e o pronome “mim”. A preposição sofre uma troca da vogal “e” para a vogal “i” pela influência da forma como a palavra é pronunciada. O pronome “mim” sofre por vezes apócope ao “m” final, pela mesma razão acima apresentada. A palavra não tem só a função de pronome oblíquo não reflexivo tónico do português, pode ter também função de pronome possessivo no falar santomense.
Deu	Houve contracção da preposição “de” mais o Pronome “eu”. Mas para a semântica da língua padrão divergem. Para o português significa verbo dar; para o falar santomense pode representar o pronome possessivo “meu” quando precedido de um verbo. Por exemplo na frase: “é <i>deu</i> ”, pode funcionar também como pronome pessoal não reflexivo oblíquo átono, quando passa para o papel de verbo e repete o pronome: “ele deu eu”. Também pode ser “demu”.
Cu	A palavra pertence ao crioulo e agora faz parte do vocábulo do falar santomense. Houve nesta palavra grande alteração tanto na fonética como na grafia, o que a faz distanciar da grafia portuguesa “com”. Ocorreu uma apócope da consoante “m” final e a vogal “o” aberta passou para a vogal “u” fechada. É a preposição do crioulo e do falar santomense. Pode fazer também o papel do pronome “que”. Do crioulo: “ku.”
Pá	Trata-se de uma preposição no falar santomense. O crioulo santomense tem uma expressão “da mu”, que significa no falar santomense “pa’mi”; sendo “pa” preposição e “mi” pronome pessoal. Provavelmente estará aí a origem das contracções feitas com os pronomes: peu, pocê, pami etc. A palavra tem esta grafia pelo facto de ter sofrido uma apócope a última sílaba “ra”. Por isso, os falantes utilizam com relativa frequência, desta forma reduzida.
Cueu	Contracção da preposição “com” mais o pronome “eu”. Tem a função do pronome oblíquo não reflexivo tónico da língua portuguesa “comigo”

Ché, Che	Interjeição vinda do crioulo. Normalmente aparece em frases apelativas substituindo o nome, e em frases exclamativas. É muito comum no falar santomense. Os santomenses usam um ou outro dependendo do tipo de frase, ou da intenção da frase.
Cocê	Contração da preposição “com” mais o pronome “você”. A preposição com sofreu uma apócope ao “m” final e o pronome você sofreu uma aférese a sílaba “vo”. Este vocábulo substitui o pronome pessoal oblíquo não reflexivo tónico “contigo”. Esta contração é muito usada pelos falantes santomenses.
Um	Este vocábulo tem o valor de: pronome; preposição, numeral, interjeição, contração, adjectivo. Apesar de ter a mesma grafia da língua padrão, em algumas situações difere totalmente no significado. Ver os quadros 3.1. 3.2. 3.2.2. 3.3. 3.4.
Pocê	Contração da preposição “para” e o pronome “você.” A preposição sofreu uma apócope as últimas letras conservando a letra “p”. A palavra, “você” sofreu aférese a letra “v” e contraiu-se. Na frase ocupa o lugar do pronome com função de complemento indirecto do português, 2ª pessoa.
Pami	Contração da preposição “para” e do pronome “mim” ⁽²⁷³⁾ . Na frase ocupa o lugar do complemento indirecto 2ª pessoa.

²⁷³ Os exemplos podem ser encontrados nos quadros do capítulo III.

CAPÍTULO VI

1. CONCLUSÕES

Foi muito difícil fazer este trabalho na medida em que existe escassez de obras antecedentes, de autores ou investigadores (relativo ao falar santomense), nos quais pudesse apoiar. É verdade que este trabalho necessita de investigações precisas para que se possa dispor de indicadores percentuais, regionais, audiovisuais uniformizados, tanto para indicativos em numerários como para a grafia de alguns léxicos aqui apresentados. Mas, como há que começar por algum lado, pelo menos por apresentar o problema para que se possa pensar nele, pensa – se que, para este fim possa servir, esta pequena monografia.

O trabalho conheceu uma pequena investigação feita pelos alunos do Ensino Superior Politécnico do ano propedêutico de 2003, sob a orientação da professora Cristina Amado. O produto desta pequena investigação constituiu uma das bases deste trabalho e encontram-se representados nos quadros respectivos ao falar santomense, no capítulo III. Outro elemento de apoio foi a proposição escrita pelos alunos da terceira classe e da quarta classe, D. Maria de Jesus, que se encontra no capítulo IV. Possui também uma cassete onde se pode comprovar a autenticidade de algumas dessas frases ao vivo.

Toda a dinâmica deste trabalho tenta mostrar que, pelo facto de não se falar correctamente e em separado as duas línguas, o português e o crioulo, permitiu que houvesse interferências na comunicação oral dos santomenses. O crioulo sempre teve muita importância no país apesar de ter sido considerado de língua que se fala só entre família. Por isso com este trabalho tentou - se mostrar a sua pertinência, a sua pujança face a língua padrão. Passados mais de trinta anos de independência, após a deliberação dos partidos da revolução, o estatuto que foi dado ao português como língua oficial e o estatuto que foi dado ao crioulo como língua de família com o passar do tempo evoluiu. Ou seja, das duas línguas em contacto originou uma nova língua que, nesta tese é “o falar santomense.”

Os quadros que figuram no capítulo III deste trabalho, demonstram esse falar e os comentários. Pode - se ver como os falantes usam a língua no falar santomense, com todos os vocábulos da língua de superstrato – o português, mas com estrutura da língua de

substrato – o crioulo. Evidentemente que esta forma de uso da língua portuguesa apresenta muitas diferenças quanto a estrutura das frases, quanto a sintaxe, a sintaxe lexical, a sintaxe gramatical, mas, semelhante na pragmática e na semântica.

O falar santomense tem características de expressões que passaram sob o processo de língua em fase basilectal, mesolectal acrolectal. Por isso, apresenta situações umas vezes mais próximas do crioulo, outras vezes mais próximas do português e também, de mera tradução. Se prestarmos a atenção nas frases que se apresentam como exemplos do falar santomense, a negação que por vezes é usada pelos santomenses numa frase afirmativa, põe grandes problemas no ensino de frases afirmativas da língua padrão, em proposições como: Eu non fui lá já. A forma como os santomenses usa os verbos pronominais, por exemplo: “chamomu”, aos aprendentes santomenses dificulta -lhes a colocação do clítico que é uma das características da língua padrão. A não colocação do “r” final dos verbos na forma de falar dos santomenses, derivada pela influência do crioulo (vamos dormi, vamos falá, vamos comê), a sensibilidade da percepção do infinitivo é quase nula o que poderá ser uma das causas do enclave na assimilação do modo verbal. A característica da estrutura de proposições feitas no falar santomense é um factor determinante para as dificuldades apresentadas pelos aprendentes a nível da morfossintaxe e consequentemente da semântica. Lembremos do já conhecido no mundo das letras, o velho “slogan” «o povo é que faz a língua». Em S.Tomé tínhamos falantes com várias características quando ao uso da língua como foi mencionado neste trabalho. Portanto a teoria de Corder encaixa-se muito bem tendo em conta: a emersão linguística que existe; a coexistência de muitas línguas em contacto; o factor histórico, vocábulos arcaicos que entraram no crioulo santomense e que sofreram transformações, uns ganharam valores genéricos e mais expansivos, outros permaneceram no forro com uma determinada função, mas, diferente para a Língua padrão.

Estas são de entre várias razões pelas quais o trabalho surge com o fim de solicitar reflexões de carácter Didáctico, de propor motivações (junto ao Ministério, professores, aprendentes e sociedade civil), sobre os problemas que se apresentam na gramática comunicativa dos santomenses. Estes problemas consolidam cada vez mais, originando as proposições como as que foram apresentadas nos quadros do capítulo III, e nas composições apresentadas no capítulo IV. As crianças da escola primária ainda se

encontram sob a influência da escrita dos professores e escrevem nas suas composições, algumas expressões ou algumas palavras que pertencem ao falar santomense. Em suma, temos que saber qual é a situação da Língua portuguesa no país.

A conclusão que se pode chegar é que não se pode considerar de crioulo, porque não é escrita com vocábulos do crioulo. Também não pode ser considerada de português porque não apresenta a estrutura da norma portuguesa. Só resta “a interlíngua” considerando as citações feitas por (Corder, 1983 ; Ellis, 1995 e Ringbon, 1993) referido no capítulo I.

Muitos santomenses designam o crioulo forro de dialecto. Como se poderá designar o “falar santomense? Tal como foi dito e desenvolvido no sub capítulo 1.6., há toda a necessidade de definir o que se fala de concreto em S.T. para que se possa identificar a sua posição, junto a escala proposta por nível limiar.

Espera - se com este trabalho ter aberto motivações suficientes para que se possa continuar a investigar e escrever sobre o falar que os santomenses tendem a praticar na sua gramática comunicativa (oral). Só foi apresentado exemplo do crioulo forro. Não se pretendia ousar exceder.

Não se afirma nem infirma que se deve ensinar o crioulo nas escolas. Mas, que se deve mostrar aos aprendentes qual é a origem das dificuldades que sentem ao aprender o português. Pensa - se que os aprendentes têm o direito de compreender o mecanismo da miscigenação, para o bem de ambas as línguas. Desta forma poder-se-á contribuir para que seja mais fácil o ensino aprendizagem dos conteúdos da língua alvo, em separado do falar santomense.

O impulso que levou a esta investigação foi a tentativa de encontrar uma maneira de contribuir positivamente, na questão linguística, para que os alunos pudessem encontrar o ensino do português mais próximo deles.

2. SUGESTÕES

Para que se possa evidentemente discernir a situação da língua portuguesa no país há que investigar e recolher dados sobre o problema, baseando os estudos em pesquisas recentes e não somente, no passado.

Penso que já existem suficientes escritos sobre a miscigenação linguística no país. Há que identificar toda a amálgama que fazem parte nesta miscigenação e dessa forma podermos direccionar as nossas intervenções em prol das línguas.

Acredito que se deve apresentar o problema só depois tentar resolvê-lo. Os santomenses sabem que falam mal o português, mas não sabem o que está mal no seu falar e escrever. Quando falo os santomenses refiro de entre todos, aos aprendentes, ao professor. Ao professor, que lhe seja dado elementos comprovativos do problema existente a nível da língua portuguesa. Ou seja, que se tome medidas concretas que possam ir de encontro a esta questão que constitui o tema deste trabalho. Como sugestão acho que é de capital importância que se decida o mais breve possível o seguinte:

- Em que situação se encontra a Língua portuguesa em S.Tomé e Príncipe.
- Qual a situação do crioulo actualmente no país.
- Em que lugar do nível limiar se encontra o falar santomense?
- O falar santomense pode ser considerado de: LI, ou L2, ou de interlíngua ou de dialecto?

Os problemas muitas vezes poderão vir através de um léxico arcaico. Este mesmo vocábulo arcaico de acordo com o uso que lhe foi dado poderá ter ganho alterações semânticas, gráficas e fonéticas. Sabemos que um simples vocábulo rege outros para uma nova formulação frásica. Indo por este caminho, considerando a sincronia e diacronia chegar-se-á a conclusão que as duas línguas, para a realidade santomense estão envolvidas na mesma rede linguística. Por isso é que, numa avaliação, não é difícil a um professor nativo (de S.Tomé) detectar que o aluno respondeu com uma estrutura não aceite na norma, correctamente, a pergunta feita na língua padrão. Esta mesma situação torna-se

difícil para um professor não nativo. Para os professores que fizeram seus estudos em crioulo de base portuguesa ou variações linguísticas poderão encontrar orientações para esse tipo de problema. Por isso acho que é de capital importância que também seja feita:

- Cooperação reforçada com o Departamento de Língua e Cultura Portuguesa. Departamento este que toma em consideração todos esses meandros da língua.

Espero que não se caia em erro de pensar que já temos documentos feitos para o português padrão e basta. Para que o ensino da língua portuguesa seja um sucesso em S.Tomé e Príncipe urge a elaboração de um documento auxiliar de suporte ao ensino de língua alvo que possa ajudar aos professores em determinados momentos da aula, que possa alertar aos aprendentes para as realidades linguísticas presentes neste trabalho, de maneira que possam reflectir sobre as frases. Este alerta não poderá ser de forma arbitrária, terá que ser coordenado com os conteúdos programáticos do português. Ou seja, se o professor vai falar de modos verbais por exemplo, ele terá que fazer uma chamada de atenção para situações como as que foram apresentadas por exemplo, para o caso da queda do “r” no falar santomense e suas implicações no ensino do português. Enfim acho que é chegado o momento de se dar maior atenção ao material didáctico de uso no país. Por isso sugiro:

- Que sejam feitos livros que apoiem os professores e os alunos. Manuais que funcionem como glossário de erros gramaticais, sinónimos, semânticos e lexicais.

É necessário que haja registo dos problemas da língua desde o Ensino Básico ao Secundário. O registo oral que nos dá informações sobre a situação da língua portuguesa em S.Tomé e Príncipe resume-se em: os alunos falam mal, escrevem mal, são confusos na gramática. É necessário que exista informações respeitantes aos problemas linguísticos santomenses. Se os aprendentes falam mal desde quando e porquê? Se escrevem mal desde quando e porquê? Se fazem confusão na utilização da gramática o que os leva a isto?

Em muitas situações os aprendentes santomenses confrontam-se com diversas formas de descontentamento no ensino aprendizagem da língua portuguesa. É urgente saber o porquê. É preciso encarar a realidade e falar do conflito de interpretação derivado da proximidade das duas línguas, “o falar santomense e o português.”

As pessoas de direito precisam de ser alertadas para ver esta questão e direccionar atenção e esforços no sentido de dar a atenção ao problema do falar santomense.

Os responsáveis do ensino aprendizagem da língua portuguesa devem dinamizar novas metodologia do ensino do português. Portugal já enfrenta problemas da L1 do aprendente o que se diz de país que tem como língua oficial e, convivendo entre o português, com mais cinco línguas diferentes como é o caso de S.Tomé e Príncipe! Terá decerto maiores problemas.

Opino que em curto espaço de tempo o problema apresentado neste trabalho faça parte do currículo programático da escola. Que medidas didácticas, pedagógicas e metodológicas sejam desenvolvidas com o fim de colmatar a curto prazo as dificuldades do ensino aprendizagem do português, no país.

OBS. Esta tese foi revista, em 2015. (Faculdade de Letras de Lisboa).

ANEXO

COMPOSIÇÃO: A CÓLERA

Redação

Cólera

A cólera é uma doença provocada pelas moscas ~~x~~ ou microbios.

Para não ~~afanhamos~~ a cólera devemos lavar as mãos ~~antes~~ antes de comer e depois de defecar.

Usar água fervida ou tratada com lixívia.

Para ~~acabarmos~~ com a cólera devemos limpar os quintais nao defecar no ar livre.

Usar água limpa para beber e lavar os alimentos.

Sergio P

9 anos 10/3/06

COMPOSIÇÃO: OS ANIMAIS

Redação

Os animais

Os animais são vivos.

Eles nascem com rapidez e morrem.

Existe dois tipos de animais domésticos porque vivem junto do homem.

Ex: 1

Os animais que encontramos são: galinhas, pato, boi, cabra, porco.

Alguns animais fornecem leite como as ovelhas. Outros servem de guarda da nossa casa.

~~Nome: João~~

Nome: João Fernando

Idade: 8 anos

Classe: 3ª

COMPOSIÇÃO: O JOGO

Redação
O jogo

O jogo é uma brincadeira.

Os tipos de jogo que eu conheço são:
andebol, futebol, tênis, jogo de garrafa,
jogo méica e jogo de balões.

Mas sim todos os jogos tem sua hora.

Também no jogo não jogar assim
só porque nós podemos alegrar.
Devemos manter bom o jogo.

Wilton Lino Lameda

COMPOSIÇÃO: A ÁGUA

Redação Individual

A água

A água é um líquido indispensável a vida de todos os seres vivos.

Ela é importante para nós. A água imprópria pode causar diarreia, desentria, cólera, vomito, tétano.

Nós podemos encontrar a água em vários lugares como rio, pântano, charco, mar.

Com ela podemos fazer várias coisas como lavar quintal; lavar roupa, regar flores; lavar carro; tomar banho; lavar panela e coxinha.

Deve-se deixar a água limpa.

Edúardo dos Reis
10/3/06 9 anos

COMPOSIÇÃO: O LIVRO

Definição
O livro

O livro é um objeto que tem várias páginas. Os livros são para ler só a quem sabe. Ele tem vários títulos, de histórias, etc. Eu gosto de ler histórias do livro. Eu tenho um livro chama Por favor dame um objeto.

Bruno Laury
10/3/06 9 anos

COMPOSIÇÃO: A VIAGEM

Redação A viagem

A viagem é sair de um lugar para outro. A viagem é muito importante para nós porque podemos trabalhar e emprego fazer carreira.

Eu gostaria de viajar para França porque eu gosto de falar francês. Podemos viajar para vários países. Podemos viajar de avião, barco, etc. Devemos viajar de forma que nós podemos trabalhar e emprego.

Walter Benhar

10/3/06

9 anos

COMPOSIÇÃO: A MINHA CASA

Redação 6

A minha casa

A casa é um lugar bom de vivermos. Ela pode ser um bairro um lugar uma cidade grande ou pequena. Ela tem três quartos, uma sala, e uma sala de jantar, duas cozinhas de banhos, um quintal. Eu gosto da minha casa porque ela tem um quintal para as crianças como uma brincadeira: jogar bola fazer o tite e fazer a escondida. A minha casa é feita de alvenaria e de taboca. Sem a casa nós não devemos dormir bem porque a chuva.

Nome: Ivan César.

Idade: 9 anos.

Classe: 3ª

BILIOGRAFIA

CAMARA, Jr. Mattoso Câmara. Manual de Expressão Oral e Escrita. Universidade do Brasil e Faculdades Católicas Petropolitanas. 1961.

BERTOCCHINI, Paola. CONSTANZO, Edvige. Manuel D'autoformation. A L'Usage de professeur dès Langues. 1989.

Colóquio Internacional sobre as Línguas Nacionais de S.Tomé e Príncipe. Edição Ministério de Educação e cultura. 2001.

HABERMAS, Jügen. Técnica e Ciência como « ideologia ». Edição 70. Lisboa. 1987.

Bleicher, Josef. Hermenêutica Contemporânea. O saber da filosofia. Edições 70. 1980.

Cortesão, Luíza. Torres, Maria Arminda. Avaliação Pedagógica. Insucesso Escolar I 1990.

DUCROT, Oswald. TODOROV, Tzvetan. Dicionário das Ciências da Linguagem. Publicações Don Quixote. Lisboa. 1982.

DUCROT, Oswald. Princípios de Semântica linguística. Dizer Não dizer; Não dizer dizer. Editora Cultrix. São Paulo. Sem Data.

CORTESÃO, Luíza. TORRES, Maria Arminda. Avaliação Pedagógica II. Mudança na escola – Mudança na Avaliação 4ª Edição Revista e Melhorada. Coleção Ser Professor. Porto Editora. 1994.

COSERIU, Eugénio. Gramática, Semântica, Universales. Estudo de Linguística Funcional. Editorial Gredos. Madrid. 1978.

Dicionário da língua Portuguesa 2006. Porto Editora. 1952.

DUBOIS, Jean e outros. Dicionário de Linguística. Editora Cultrix. São Paulo. 1973.

FARIA, Isabel. PEDRO, Emília. DUARTE, Inês. GOLVEIA, Carlos
Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. Coleção Universitária. Editorial Caminho.
Lisboa. 1996.

FONSECA, Fernanda, FONSECA, Joaquim. Pragmática linguística e o ensino do português. Coimbra, 1977.

CONFLUÊNCIA. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Número 4, – 2º semestre.
Rio de Janeiro. A linguística e o professor de português como língua materna. 1992.

Frases que ilustram a gramática comunicativa dos santomenses. Dados recolhidos junto à população santomense pelos alunos. Orientado por Professora Cristina Amado. (ISP) Instituto Superior Politécnico de S. Tomé e Príncipe em 2001.

CONGRESSO Sobre A Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo. Actas, Volume II. Lisboa. 1983.

QUADRO europeu comum de referências para as línguas, Aprendizagem, ensino avaliação. Conselho da Europa. Asa Editores, 2001.

PERES, João Andrade. MÓIA, Telmo. Áreas Críticas da Língua Portuguesa. Editorial Caminho, Lisboa. 1995.

Dicionário Universal da língua Portuguesa. Texto Editora. Lisboa, 2003.

GALLISSON, R. COSTE, D. Dicionário de Didáctica das Línguas. Livraria Almedina. Coimbra. 1983.

Dicionário de Termos Linguísticos. Volume I e II. Associação Portuguesa Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Edições Cosmos.

MATEUS, Maria Helena Mira. BRITO, Ana Mria. DUARTE, Inês. FARIA, Isabel H. VILLALVA, Alina. Gramática da Língua Portuguesa. 2ª Edição. Caminho. 1989.

PEREIRA, Dulce. Crioulo de base portuguesa. Faculdade de Letras. Lisboa. 1998/99

COUTO, Hildo Honório. Universidade de Brasília, www.unb.br

CHOMSKY, Noam. Aspectos da Teoria da Sintaxe. Coleção STVDIVM. Temas filosóficos, jurídicos e sociais. 2.ª Edição. Coimbra, 1978.

FARIA, Isabel Hub e outros. Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. CAMINHO, Coleção Universitária, série Linguística, Lisboa. 1996.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. Breve Gramática do Português Contemporâneo. 12.^a Edição, Lisboa, 1999.

CASTELEIRO, João Malaca, MEIRA, Américo e PASCOAL, José. Nível Limiar para o ensino/ aprendizagem do Português como língua segunda/língua estrangeira. Conselho da Europa. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – ICALP – Ministério da Educação – Lisboa. 1988.

LEIRIA, Isabel. Falemos antes de “Verdadeiros Amigos”. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998.

FISCHER, Gloria. CORREIA, Maria da Luz. O Ensino da Língua Portuguesa como Segunda Língua. Formação de Formadores de Professores. Departamento da Educação Básica. Lisboa, 1998.

PALAVRAS. Associação de professores de português. Ministério da Cultura. Número 27. 2005.

ESTEVES, António Joaquim. STOER, Stephen R. A Sociologia na Escola. Professores, Educação e Desenvolvimento. Edições Afrontamento. 1992.

SINGUÁN, M. MACKEY, W.F. Education et Bilinguisme. Unesco. 1986.

ROUGÉ, Jean – Louis. Petit Dictionnaire Etymologique Du Kriol, de Guiné – Bissau et Casamance. Instituto Nacional de Escudos e Pesquisa. 1988.

REVISTA Internacional de Língua portuguesa. V I, Nº 2. 2002.

CRISTÓVÃO, Fernando. Notícias e Problemas da Pátria da Língua. 2.^a Edição. Ministério da Educação e Cultura. Lisboa, 1997.

CASTELEIRO, João Malaca e outros. Lusofonia Curso avançado de Português Língua Estrangeira. LIDEL. 1995.

DUARTE, Inês, LEIRIA, Isabel. Actas 1.º Congresso Internacional sobre Português. Edições COLIBRI. 1996.

GROSSO, Maria José. Discurso Metodológico do Ensino de Português Em Macau. A Falantes de Língua Materna Chinesa. Dissertação de Doutoramento em Linguística aplicada. Faculdade de letras. Lisboa. 1999.

Actas do colóquio sobre crioulo de base lexical portuguesa. Edições COLIBRI. 1992.

Relatório do Desenvolvimento Humano em S.Tomé e Príncipe. PNUD. S.Tomé, 1998.

GENOUVIER, Emile e PEYTARD, Jean. Linguística e Ensino e Português. Livraria Almedina. Coimbra, 1974.

BOM, Francisco Matte. Gramática Comunicativa del espanhol – De la Idea a la Lengua TOMO II. Nueva edición revisada. Edelsa Grupo Didascalía S.A., 1995.